INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os suspeitos do costume: momentos de encontro

Susana Escudeiro Balhico

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto Filipe André Touças, Professor auxiliar convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Os suspeitos do costume: momentos de encontro

Susana Escudeiro Balhico

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto Filipe André Touças, Professor auxiliar convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

susana escudeiro balhico
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientador
filipe andré touças magalhães
iscte – instituto universitário de lisboa

Agradeço à minha família e amigos pelo incentivo e apoio.
Agradeço também aos meus colegas e amigos de curso e aos meus professores.
Devo um agradecimento muito especial ao Professor Filipe Magalhães por todo o trabalho e acompanhamento que me dedicou ao longo deste ano final, despertando em mim um enorme entusiasmo pela disciplina da Arquitetura e proporcionando-me um excelente exemplo profissional e pessoal.

O seguinte projecto final de arquitectura tem como ponto de partida o tema: "uma casa, uma obra de arte", texto do arquitecto japonês Kazuo Shinohara, tomando-o como premissa para o desenvolvimento de uma vertente mais teórica e de outra vertente mais práctica. Para tal foi feita uma pesquisa e formado um arquivo em forma de atlas baseado na coleção de imagens, fotografias, desenhos, escritos, que por sua vez foram analisados e investigados. Este arquivo continha cerca de 184 casas em território nacional português, de arquitectos portugueses compreendidas entre a década de 70-2000 do século XX, que no final de cada semana eram apresentadas e discutidas entre a turma. Partindo deste arquivo de casas realizou-se uma curadoria individual por cada aluno que procurou tocar e aprofundar diversos temas do âmbito da arquitectura. Deste trabalho nasceu a proposta de uma casa que foi desenvolvida ao longo do ano e que procurou tocar alguns temas contemplados nas curadorias da turma. Esse projecto foi alocado a diversos terrenos com caraterísticas específicas e distintas, servindo estes apenas como pretexto para desenhar uma casa. No último estágio deste trabalho foi-me atribuído um terreno muito distinto dos anteriores, pelo que tive necessidade de amadurecer as ideias e excluir algumas opções iniciais de maneira a que o projeto final servisse da melhor forma as minhas convicções de como deveria ser uma casa.

palavras-chave
casa, arte, arquitectura, "poesia", atmosfera, composição, geometria, volumetria

The following final architectural project has as its starting point the theme: "a house, a work of art", text by the Japanese architect Kazuo Shinohara, taking it as a premise for a theoretical and a practical development. For this, a research was made and an archive was created in the form of an atlas based on the collection of images, photographs, drawings, writings, which in turn were analyzed and studied. This archive contained about 184 houses in Portuguese national territory, by Portuguese architects between the 70's and 2000's of the 20th century, which at the end of each week were presented and discussed in class. Starting from this archive of houses, an individual curatorial statement was produced by each student who sought to touch and deepen various themes in the field of architecture. From this work came the proposal of a house that was developed throughout the year and that was a materialization of some themes contemplated in the curatorial statement of the group. This project was allocated to different locations with specific and distinct characteristics, these only serving as a pretext for designing a house. In the last stage of this work, I was assigned a very different plot of land from the previous ones, so I needed to mature the ideas and exclude some initial options so that the final project would best serve my convictions of how a house should be.

key-words
house, art, architecture, "poetry", atmosphere, composition, geometric, volumetric

resumo/abstract 04

184 casas 07

11 casas 21
casa do freixial
casa antónio carlos siza
casa ricardo noronha lima teles
casa filipe grade
casa em nafarros
casa dr. francisco valente
casa malafaya
duas casas em sesimbra
casas pátio em matosinhos
casa em afife
casa no romeirão

curadoria 34
encontros poéticos
referências autorais
catalogação
os figurantes
exercícios de especulação
encontros felizes?
conclusão

processo 68
terreno 01_braga
terreno 02_rua da formiga, porto
terreno 03_serra da aboboreira
terreno 04_torres vedras

ponto intermédio 80
local
conceito
proposta
estrutura e matéria
conclusão

casa 108
local
conceito
proposta
estrutura e matéria

considerações finais 154

referências bibliográficas 157

créditos de imagens 158

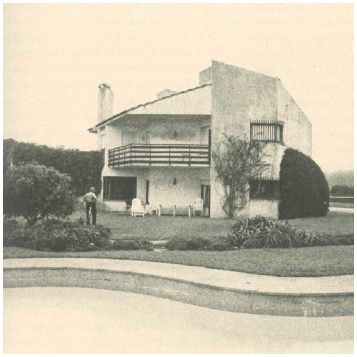
“uma casa é uma obra de arte.”
- kazuo shinohara, 1962

Como ponto de partida para uma investigação, compreendeu-se uma amostra, ampla mas ao mesmo tempo cuidadosamente limitada. O objecto era a casa, unifamiliar, reconhecível; o período histórico uma baliza imprecisa entre o fim do moderno e o início do novo século; os autores seriam portugueses e as obras localizadas em território nacional.

Os critérios foram os listados como podiam ter sido quaisquer outros: a definição de uma colecção, de um arquivo, foi apenas uma desculpa que serviu de base para tudo o que seguiu. Semanalmente, os exemplos foram dissecados e apresentados em turma; posteriormente, foram reorganizados e curados, possibilitando novas leituras resultantes das sobreposições e enquadramentos propostos.















1960
manuel tainha
casa do freixal

1965
raul chorao ramalho
moradia coronel homem da costa

1966
agostinho ricca
casa m. araujo e j. montenegro

1966
pedro ramalho
casa emílio peres

1966
victor palla e bento d'almeida
casa vale de centeanes

1968
victor palla e bento d'almeida
moradia na praia grande

1969
álvaro siza
casa luis rocha ribeiro

1970
álvaro siza
casa alves dos santos

1970
álvaro siza
casa manuel magalhães

1970
conceição silva
casa rogério martins

1970
fernando távora
casa eng. guilherme álvares ribeiro

1970
manuel tainha
casa gallo

1970
pádua ramos
rua azevedo coutinho

1970
tomás taveira
balaia bungalows

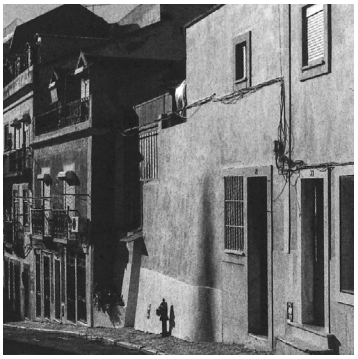
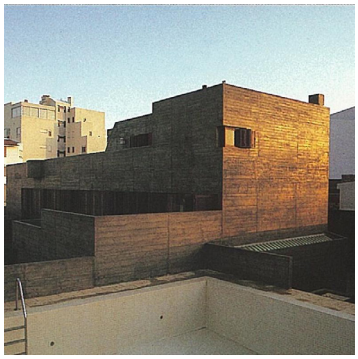
1971
agostinho ricca
casa ferreira alves

1971
álvaro siza
casa alves costa

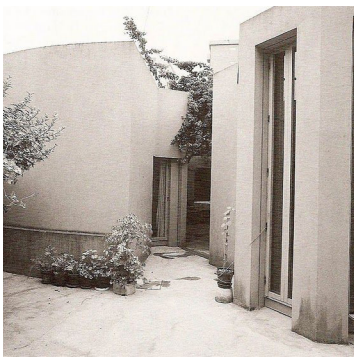










1971
domingos tavares
casa albino matos

1973
álvaro siza
casa alcino cardoso

1973
raul hestnes ferreira
casa de queijas

1974
antónio teixeira guerra
casa no guincho

1974
antónio teixeira guerra
casa triangular

1974
sérgio fernandez
vill'alcina

1975
alexandre alves costa
casa marques guedes

1975
bartolomeu costa cabral
casa rua verónica

1975
manuel tainha
casa martins dos santos

1975
manuel vicente
casa weinstein

1976
álvaro siza
casa beires

1976
fernando távora
casa na covilhã

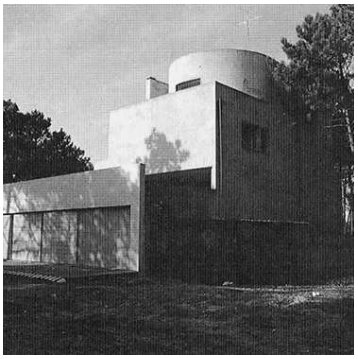
1976
joao nasi pereira
casa sidarus

1978
álvaro siza
casa antónio carlos siza

1978
manuel correia fernandes
quatro casas na aguda

1978
pedro ramalho
casa na rua veludo

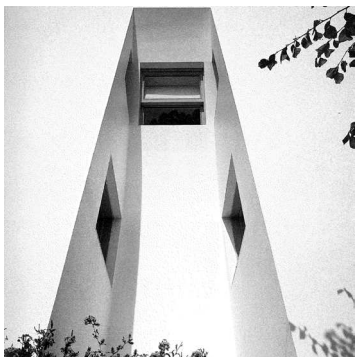











1978
simões de carvalho
casa no restelo

1979
pádua ramos
casa na estrada exterior da circunvalacão

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

1982
joão carreira
casa josé lino ramalho

1982
manuel correia fernandes
casa mortágua

1982
pancho guedes
casal dos olhos

1982
simões de carvalho
casa em queijas

1982
souto de moura
ruína no gerês

1982
troufa real
casa fátima cruz

1983
josé santa-rita e manuel vicente
casa dos bicos

1984
agostinho ricca
casa agostinho ricca

1984
alcino soutinho
casa pinto sousa

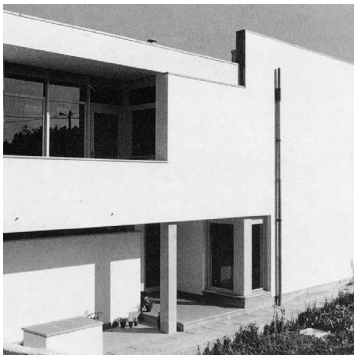
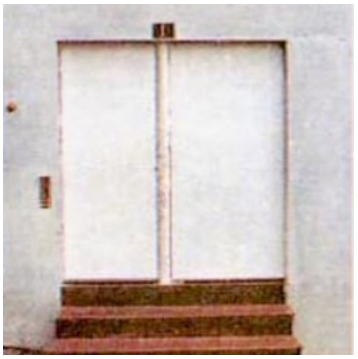
1984
álvaro siza
casa avelino duarte

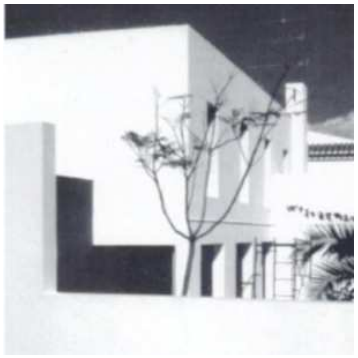
1984
pancho guedes
casa vale vazio

1984
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casas na aldeiados navegantes

1985
pedro ramalho
casa carlos de sousa

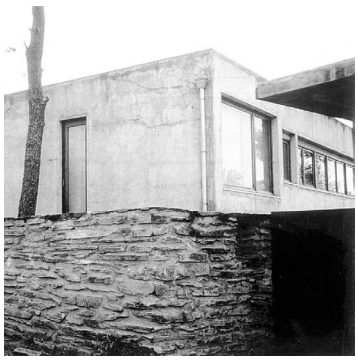
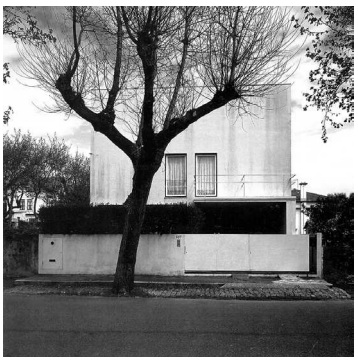










1985
souto de moura
casa I em nevogilde

1985
troufa real
casa mario cabrita gil

1986
joão alvaro rocha
casa dr. mário lourenço

1986
joão nasi pereira
casa própria

1986
manuel botelho
casa ricardo noronha lima teles

1987
alcino soutinho
casa filipe grade

1987
alcino soutinho
casa no barreiro

1987
álvaro siza
casa maria margarida machado

1987
fernando távora
casa da rua nova

1987
joão nasi pereira
casa mosca

1987
manuel botelho
casa barroso pires

1987
manuel botelho, isabel s. e j. d. carreira
casa joão machado

1987
teresa fonseca
casa antónio filipe

1988
adalberto dias
casa j. neto

1988
alexandre manuel da cruz silva
casa na rua professor melo adriao 128
130

1988
carrilho da graça
casa da fonte fria



















1988
gonçalo byrne
casa sá da costa

1989
francisco guedes de carvalho
casa horst tjgerman

1990
fernando távora
casa em briteiros

1990
teresa nunes da ponte
casas toca da areia

1988
joão álvaro rocha
casa de mesão frio

1989
gonçalo byrne
casa césar ferreira

1990
joão nasi pereira
a casa amarela

1991
alexandre alves costa
casa ricardo pais

1988
manuel correia fernandes
casa em moledo

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1990
mário fróis do amaral
casa unifamiliar

1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

1988
souto de moura
casa ll em nevogilde

1990
carlos prata
casa francisco mourão

1990
souto de moura
duas casas na rua beato inácio de azevedo

1991
carlos prata
casa luís príncipe


















1991
josé pulido valente
casa na rua padre xavier coutinho 87 91

1991
pádua ramos
casa rua dr. egas moniz

1991
souto de moura
casa I em miramar

1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho 95 99 101

1992
frederico valsassina
casa do alto

1992
josé carlos magalhães carneiro
casa tomás gervell

1992
josé charters monteiro
casa sob a duna

1992
luís patrício costa
casa josé avillar

1992
manuel correia fernandes
casa atelier carlos barreira

1992
manuel correia fernandes
casa da galé

1992
souto de moura
casa em alcanena

1993
egas josé vieira
casa em tróia

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea I

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea II

1993
joão pedro falcão de campos
casa carlos bettencourt

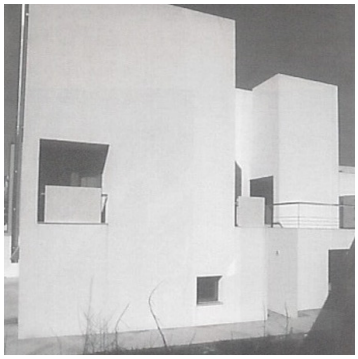
1993
joão pedro falcão de campos
casa comandante almeida cavaco

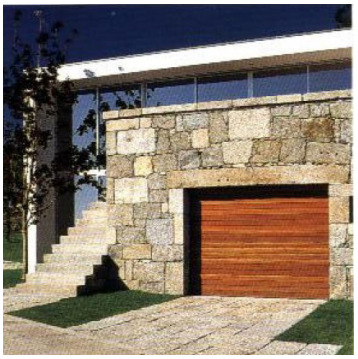

















1993
manuel e francisco aires mateus
casa em nafarros

1993
mário fróis amaral
casa na travessa do campo do paiva

1993
nuno e josé mateus
casa pátio melides

1994
adalberto dias
casa de penha longa

1994
álvaro siza
casa luís figueiredo

1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçalves

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1994
graça dias e egas vieira
casa no penedo

1994
manuel botelho
casa engenheiro nunes sousa

1994
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa vítor caine

1994
souto de moura
casa I no bom jesus

1994
souto de moura
casa em cascais

1994
souto de moura
casa na avenida da boavista

1995
alexandre marques pereira
casa das tílias

1995
carvalho araújo
casa jlf

1995
josé bernardo távora
casa em fafe


















1995
josé simões neves
casa rui jordão

1995
manuel botelho
casa eng. matos almeida e eng. augusto pina

1995
manuel graça dias e egas josé vieira
casa do guarda

1995
mário fróis do amaral
moradia bi familiar

1995
mário fróis do amaral
rua almirante reis

1995
paula santos e rui ramos
casa antónio feijó

1995
ricardo bak gordon e carlos vilela
casa no cabo da roca

1995
souto de moura
casa em tavira

1996
álvaro siza
casa césar rodrigues

1996
mário fróis do amaral
casa no lugar de ponte de várzea

1996
joão carreira e paulo valente
casa dr. francisco valente

1996
joão pedro falcão de campos
casa cavaco rodrigues

1996
josé fernado gonçalves
casa j

1996
josé gigante
reconversão de moinho

1996
manuel correia fernandes
casa teixeira dos santos

1997
alexandre manuel cruz silva
casa na rua viana lima 54


















1997
carlos castanheira
quinta do buraco - casa I

1997
domingos tavares
casa na rua do breiner

1997
mário fróis do amaral
casa na rua cálvario

1997
joão alvaro rocha
casa no lugar do paço

1997
manuel e francisco aires mateus
casa na quinta da moura

1997
manuel correia fernandes
casa malafaya

1997
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa lajas pereira

1998
carlos castanheira
casa senhora da guia

1998
carlos prata
casa dr. castro rocha

1998
carlos prata
casa dr. pinheiro pinto

1998
joão pedro falcão de campos
casa tomé matos lopes

1998
miguel salgado braz e josé nuno beirão
casa santos viana

1998
pedro maurício borges
casa fonseca e macedo

1998
souto de moura
casa em moledo

1999
alcino soutinho
casa pina vaz

1999
alexandre marques pereira
casa saraiva


















1999
álvaro siza
casa david vieira de castro

1999
inês lobo e pedro domingos
duas casas em sesimbra

1999
josé gigante e nuno valentim lopes
complexo residencial gavião

1999
souto de moura
casas pátio em matosinhos

2000
manuel e francisco aires mateus
casa no litoral alentejano

2000
alcino soutinho
moradia na rua júlio dantas

2000
carrilho da graça
casa sousa ramos

2000
souto de moura
casa d6

2000
gonçalo leitão e pedro viana carreiro
casa na aroeira

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

2000
joão ribeiro de carvalho
moradia nas azenhas do mar

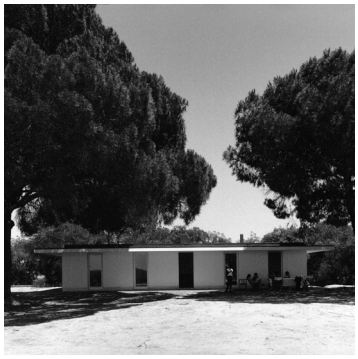
2000
luís ferreira rodrigues
casa ze+si

2000
manuel botelho
casa dr. paulo pires

2000
nuno brandão costa
casa da boavista

2001
carlos castanheira
quinta do buraco - casa III

2001
joão álvaro rocha
casa no lugar da várzea III



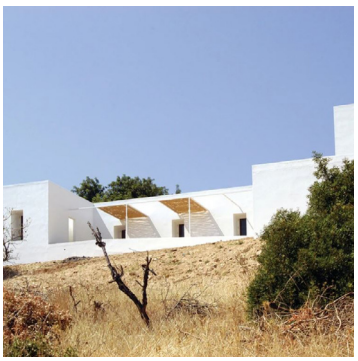
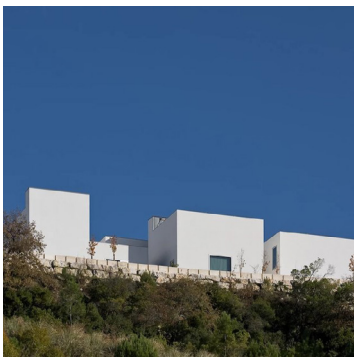











2001
joão pedro falcão de campos
casa saraiva lima II

2001
pedro maurício borges
casa pacheco de melo

2002
antónio belém lima
casa mts

2002
paulo gouveia
casa em sintra

2001
josé pulido valente
moradia carla afonso

2001
souto de moura
casa ferreira de castro

2002
nuno e josé mateus - arx
casa na malveira

2002
ricardo bak gordon
casa em boliqueime

2001
manuel botelho
casa maia ribeiro

2002
manuel e francisco aires mateus
casa em alenquer

2002
carlos castanheira
casa tivinha

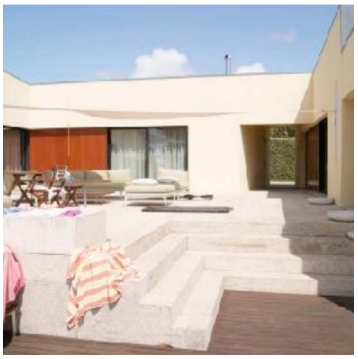
2002
ricardo bak gordon
casa em pousos

2001
nuno brandão
casa em afife

2002
álvaro siza
casa armanda passos

2002
paulo gouveia
casa em são joão

2002
souto de moura
casa na serra da arrábida







2002
souto de moura
duas casas em ponte de lima

2003
alcino soutinho
casa em afife

2003
jorge mealha
casa em tróia

2003
josé gigante
casa gabriela pinheiro

2003
nuno lacerda lopes
casa botte

2003
nuno e josé mateus - arx
casa no romeirão

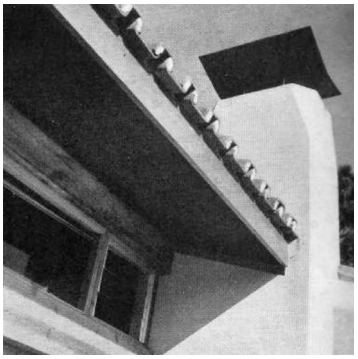
2003
pedro mendes
casa em pavia

2004
joão álvaro rocha
casa no lugar do baixinho

12 semanas, 12 casas. Para cada objecto procuraram-se as fontes, de revistas a entrevistas, digitalizaram-se imagens, redesenharam-se plantas, cortes e alçados. Para alguns afortunados, visitaram-se, in situ, os espaços. A colecção foi minuciosamente organizada num servidor comum acessível a todos.

Semana a semana, cada aluno apresentou uma casa, permitindo um alargamento constante do arquivo. Os padrões que viriam a ser curadoria formaram-se lentamente.

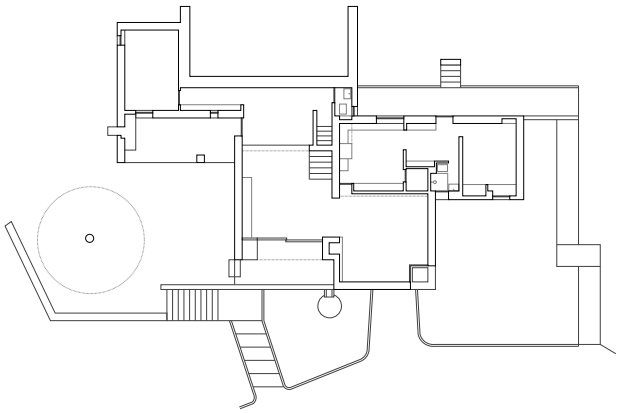


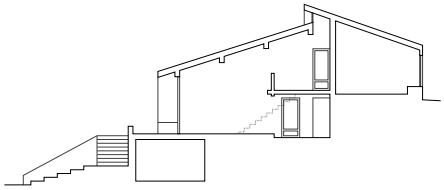












1960
manuel tainha

casa do freixial
1/400

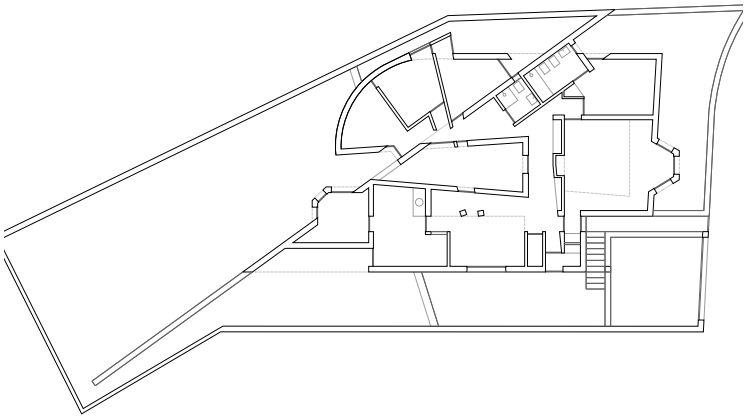
A casa está inserida no meio de um pequeno pinhal com declive acentuado o que impossibilita que seja vista a partir da estrada principal que lhe serve de acesso. A casa é moldada pelas condições físicas do local e atua sobre ele. Numa tentativa de fundir o espaço arquitetónico com o espaço natural o arquiteto estrutura a casa em volumes acompanhando o declive, permitindo que o interior comunique com o exterior em diferentes cotas. Surgem, desta forma, terraços em diferentes momentos da casa, permitindo que os espaços e as ações do interior sejam prolongados para o exterior. Foram também desenhados no exterior percursos com diferentes direções que se vão diluindo no terreno, interligados por rampas e por escadas permitindo que em diferentes momentos se experimente uma série de perspetivas sobre a casa e a paisagem. A composição do interior desta casa inclui uma intenção de continuidade espacial, aproveitando-se da sua geometria que possibilita segregação dos diferentes compartimentos sem que estes se encerrem completamente. A cobertura é inclinada, reduzindo o pé direito no interior de forma a enquadrar o maior vão da casa e consequentemente, todo o espaço converge na direção da paisagem.

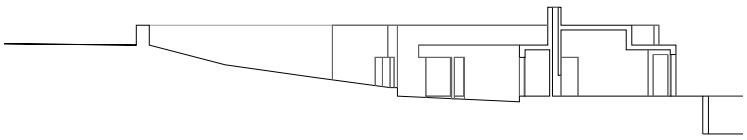












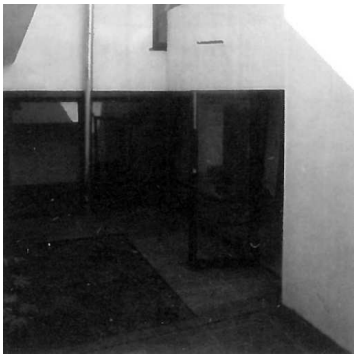
1978
álvaro siza

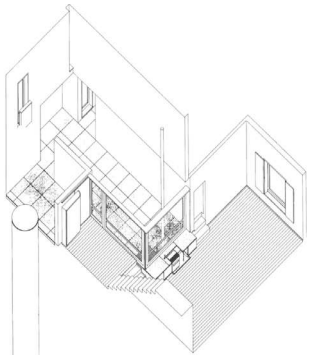
casa antónio carlos siza
1/400

Esta casa foi encomendada ao arquiteto Álvaro Siza pelo seu irmão. Foi construída num pequeno terreno irregular localizado numa área residencial que se estava a desenvolver na altura na periferia da cidade de Santo Tirso. A sua configuração irregular, é devida ao crescimento progressivo da cidade o que resultou numa envolvente pouco estruturada. É bastante claro na planta de cobertura, a forma como Siza se aproveitou da geometria do parcelamento do próprio terreno para desenhar a casa assumindo a frente e as laterais paralelamente ao limite do lote. O muro circundante é a única estrutura urbana presente, sendo, por isso, o principal meio pelo qual a casa se relaciona com a cidade. A casa desenvolve-se em U em torno de um pequeno pátio interior. Podemos ver que a estratégia composicional procura estabelecer uma distinção entre o público e o privado como duas áreas espaciais e sociais fundamentalmente diferentes. O ênfase na distorção, na ordenação topológica e consequentemente nas formas espaciais, fazem lembrar fontes vernaculares quando existem processos aditivos de novos espaços, novos volumes, resultando numa agregação de elementos e na formação de diferentes e novos espaços exteriores.

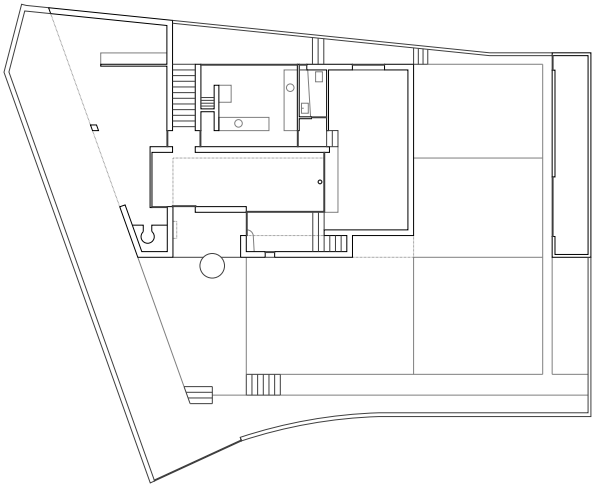


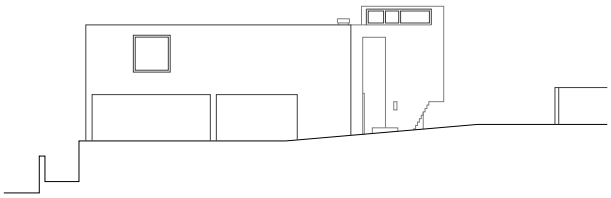










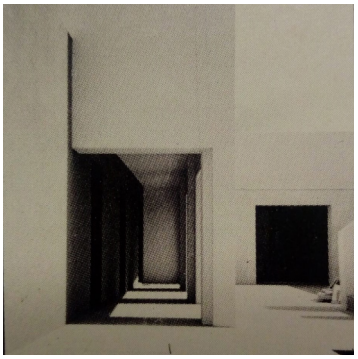


1986
manuel botelho

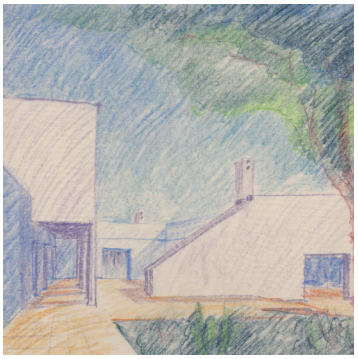
casa ricardo noronha lima teles
1/400

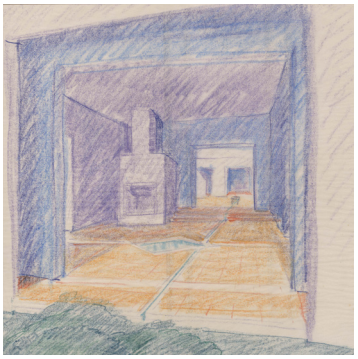
Esta casa localiza-se numa região predominantemente rural com reduzida densidade de construção. A casa desenvolve-se à volta de um pequeno pátio em dois pisos, e resulta da articulação de dois volumes: um, mais a nascente, com a planta em forma de trapézio e o outro com a planta em forma de U. Por outro lado, é possível ler o edifício como um único volume, ao qual foram subtraídas certas partes. Muitas das casas projetadas por Manuel Botelho desenvolvem-se em torno de um pátio, muitas delas desenvolvem-se também por patamares e têm uma multiplicidade de percursos interiores e exteriores com múltiplas entradas, sendo, portanto, vários os acessos ao interior. Cada uma das possibilidades de acesso levam a uma zona específica da habitação, procurando criar uma vivência mais prática e facilitando a circulação entre os vários espaços, interiores e exteriores, de forma a tornar a casa mais funcional. Todas estas articulações procuram também promover uma constante relação e comunicação entre os espaços interiores e os espaços exteriores. Esta relação, interior-exterior, é também explorada através do pátio escavado nos volumes que compõe a casa. Com o pátio cria-se um espaço de transição, mais abrigado. Os pavimentos interiores são em madeira e as paredes são brancas, «Procurou-se deste modo utilizar uma linguagem de materiais não dissonante da tradição da arquitetura popular portuguesa.», Manuel Botelho

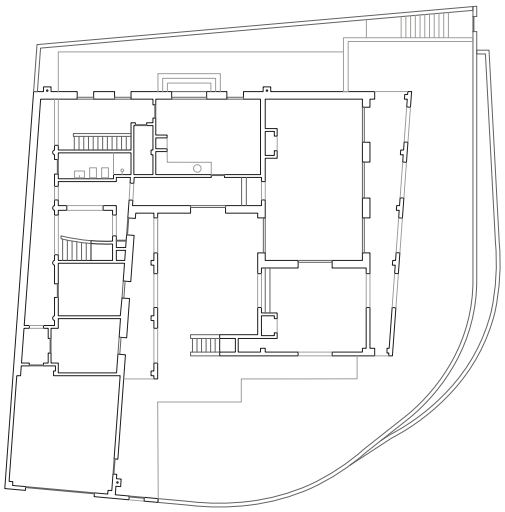


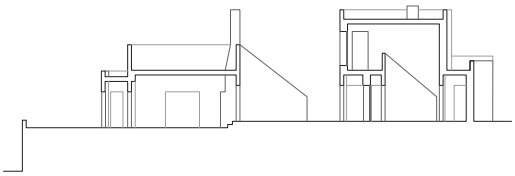












1987
alcino soutinho

casa filipe grade
1/400

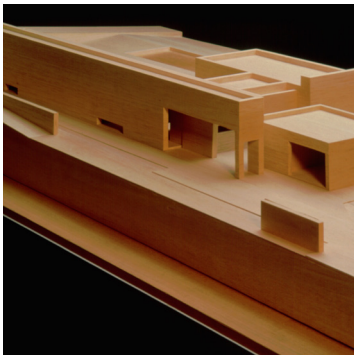
25 / 159

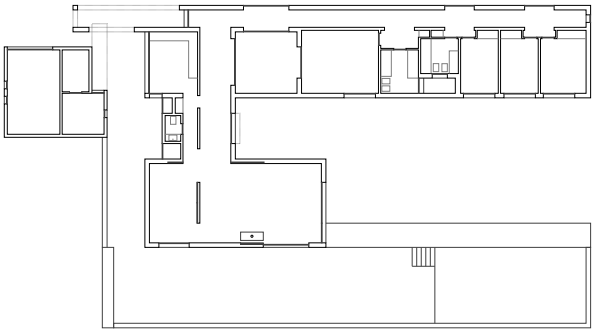
Esta casa foi projetada como casa de férias para o irmão de um amigo do arquiteto Alcino Soutinho. Na altura da sua construção não existia praticamente construções na envolvente, o que já não se verifica hoje em dia, havendo agora uma envolvente de moradias. Foi a primeira casa que Alcino Soutinho desenhou no sul de Portugal, e por isso surgiu como necessidade, repensar a arquitetura das casas que fizera até então. A relação interior/exterior é uma das principais características na conceção desta habitação. É a partir dum pátio central que a casa se estrutura. Formando um volume em U. No piso térreo existe uma enorme liberdade e permeabilidade, principalmente visual, entre os espaços e onde existe contacto direto com o pátio. O arquiteto apelidou a casa de Agosto Azul, sendo uma das fortes razões a cor azul presente no piso térreo, que por sua vez confere um ambiente mediterrâneo ao pátio. Nesta casa, o arquiteto desenha formas puras e volumes que assentam em geometrias simples. E destaca as chaminés salientando-as em altura sobre o terraço. Conseguimos encontrar várias influências e semelhanças tanto com as açoteias das casas do litoral Algarvio, como com as casas de países do norte de África como Marrocos e Argélia. Estas últimas presentes por toda a casa, desde o ritmo e o equilíbrio entre os volumes e a abertura dos vãos, aos terraços, às cores, ao conceito e até ao desenho e organização do próprio interior.

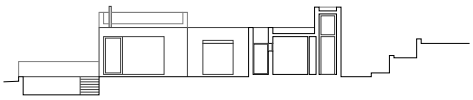












1993
manuel aires mateus, francisco aires mateus

casa em nafarros
1/500

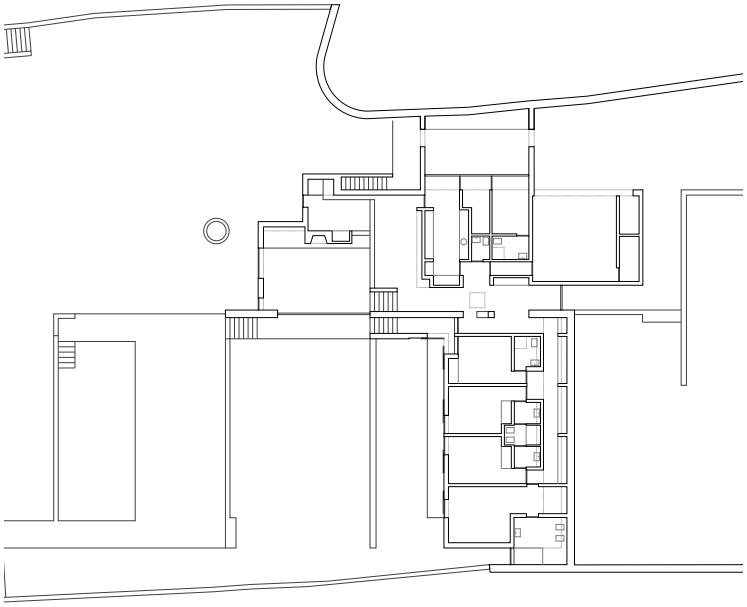
Esta casa foi o primeiro projeto residencial construído dos arquitetos Aires Mateus. Encontramos, nesta casa, uma arquitetura de formas simples, onde a matéria é um aspeto fundamental. O lote da casa está muito exposto às habitações circundantes, encontrando-se num ponto de cota inferior. Os arquitetos procuraram fechar o alçado nascente, num volume longitudinal, onde se encontrava uma casa sobranceira, de maneira a ganhar privacidade e resguardo no interior do lote. É o volume mais alto da casa, exatamente porque cumpre o papel de muro separador, entre uma zona pública e privada em termos visuais e que delimita a própria casa abrindo-a para a paisagem. No interior, este volume traduz-se num corredor de acesso aos quartos, permitindo assim ter os espaços íntimos da casa na zona mais recolhida, dispondo-se longitudinalmente e virados sobre a colina. Esta língua é um volume fundamental e central no projeto, que é a partir dele que se desenha e articula toda a casa. A casa foi organizada a partir de lógicas hierárquicas dos espaços, da sua geometria e da relação entre esses espaços e o ambiente envolvente.

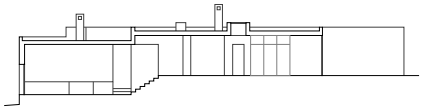










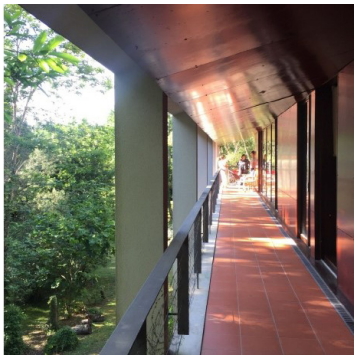


1996
joão carreira, paulo valente

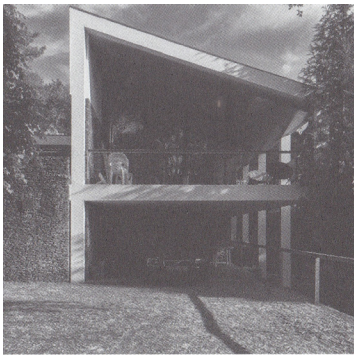
casa dr. francisco valente
1/500

O terreno onde foi construída esta casa era definido por três plataformas debruçadas sobre o vale, e havia muros de pedra a definir os socalcos e os limites do lote. Para este projeto, o primeiro e o segundo socalco fundiram-se num só dando origem a um declive suave onde foi implantada a casa e procurou-se manter o terceiro socalco e os muros que limitavam o lote. A pedra do muro que delimita o lote foi usada para agarrar a casa ao sítio, desenhando e definindo os limites da própria casa e, em certos momentos, chegando mesmo a invadir o interior da casa, não só em degráus como também em certas paredes. O volume das salas já é simplesmente branco e com vãos pontuais. Analisando a planta percebemos uma clara separação dos espaços. Vemos um corpo de acesso e de distribuição dos quartos e um corpo perpendicular com os serviços que faz a transição entre a zona íntima e a social que vem logo a seguir. Existe também uma separação física entre o espaço exterior de receção à casa, e o espaço exterior para onde a casa se abre.

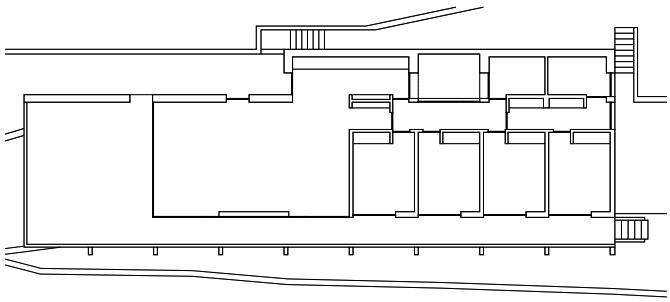


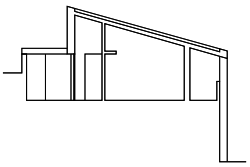










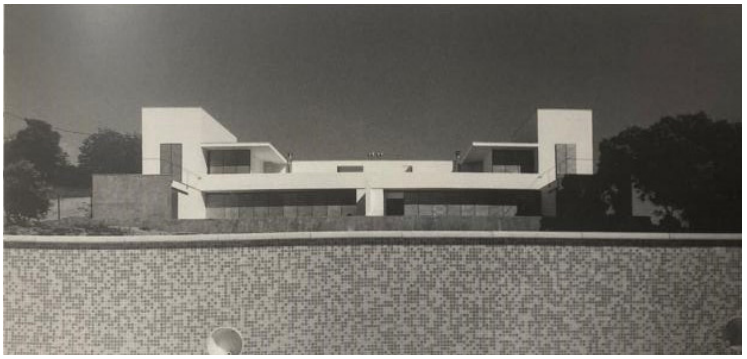


1997
manuel correia fernandes

casa malafaya
1/400

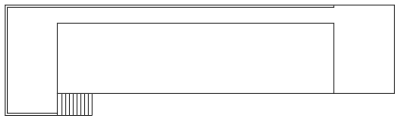
Esta é uma casa de férias na zona rural. O terreno é uma sucessão de socalcos com pendente para sul sobre um vale verde e a casa desenvolve-se em dois pisos para sul e fazendo, por isso, a entrada no piso superior. As ligações de acesso entre os pisos são todas exteriores. Existe uma longa varanda aberta, mas coberta, com as colunas que se leem soltas da laje, que acompanha a casa e para onde se abrem a maioria dos compartimentos, servindo como espaço de transição entre interior e exterior e também como espaço de estar quase como um prolongamento das salas. A casa apresenta uma planta muito simples, longitudinal e com a separação do espaço social e do espaço íntimo dos quartos. E com o corredor de distribuição dos quartos e respetivos serviços. Existe ainda um pátio que permite ventilação e entrada de luz para a zona de corredor. Em certas paredes da própria casa é utilizado o xisto de maneira a prolongar os muros exteriores dos socalcos que também são de xisto e amarrando a casa ao terreno. A casa procura moldar-se e agarrar-se ao terreno acompanhando o seu declive, tal como a cobertura inclinada em telha que acentua essa inclinação.

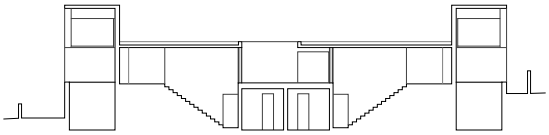


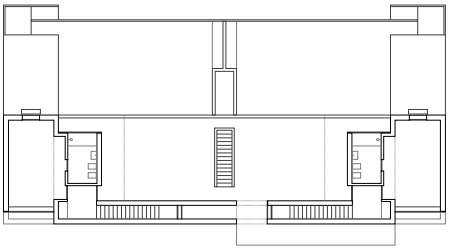












1999
inês lobo, pedro domingos

duas casas em sesimbra
1/500

Este projeto tem o nome de duas casas em Sesimbra sendo, por isso, duas casas geminadas que partilham o mesmo lote e onde se procurou que fossem lidas simultaneamente como uma alongada construção de um só piso com dois volumes mais altos nos extremos. As casas encontram-se implantadas no limite entre zona urbana e zona rural protegida, virando costas à urbanização e abrindo-se para a paisagem, aproveitando o declive acentuado do terreno para crescer em altura nos pés direitos. As casas estão organizadas de cima para baixo. A entrada faz-se no piso superior, mas não está virada para a rua. Existe um corpo alongado e estreito que desenha a entrada e é em si uma barreira que separa o público do privado, que distancia a casa da rua. Acede-se primeiramente a um pátio comum dividindo-se então os percursos até cada uma das casas. Apesar da casa virar costas à rua, abre dois grandes vãos, nos extremos, de maneira a receber luz sul. No alçado tardoz é verificável a total simetria entre as casas, havendo um pequeno momento de falsa simetria.

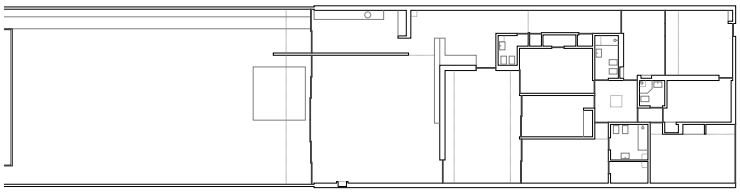


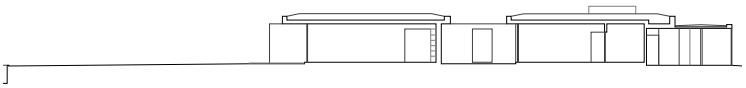












1999
souto de moura

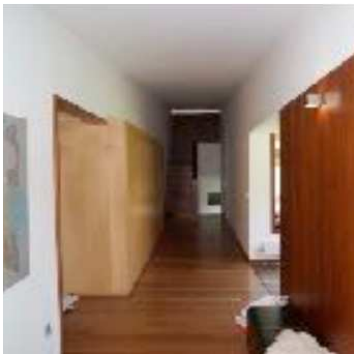
casas pátio em matosinhos
1/100

Esta casa corresponde a uma de 9 casas geminadas que têm o nome de casas pátio em Matosinhos. Os terrenos onde foram construídas as casas eram uma antiga área agrícola vendida como terreno para urbanização. Pretendia-se que a proposta estivesse em conformidade com o ambiente da envolvente de maneira a dar uma certa continuidade às construções e jardins vizinhos. Resultando, portanto, os muros de alvenaria de pedra que delimitam o conjunto das casas.
O projeto das 9 casas é facilmente entendido como um todo. Do ponto de vista exterior encontramos um comprido pano branco que unifica as nove casas. E é nesse pano branco que se fazem os acessos, sendo, estes, bastante discretos. A unidade do complexo é novamente reforçada pela solução das coberturas, que numa vista aérea é facilmente percetível. Através duma laje central de betão que se estende pelas várias casas e pousa sobre as paredes divisórias, vemos um gesto de conexão, que cria uma articulação construtiva e uma coerência formal do todo. Os pátios têm bastante força neste projeto sendo momentos protagonistas no interior da casa, não só por serem fonte de iluminação e ventilação, como também por serem instrumento de transição entre o espaço público, íntimo e áreas sociais.

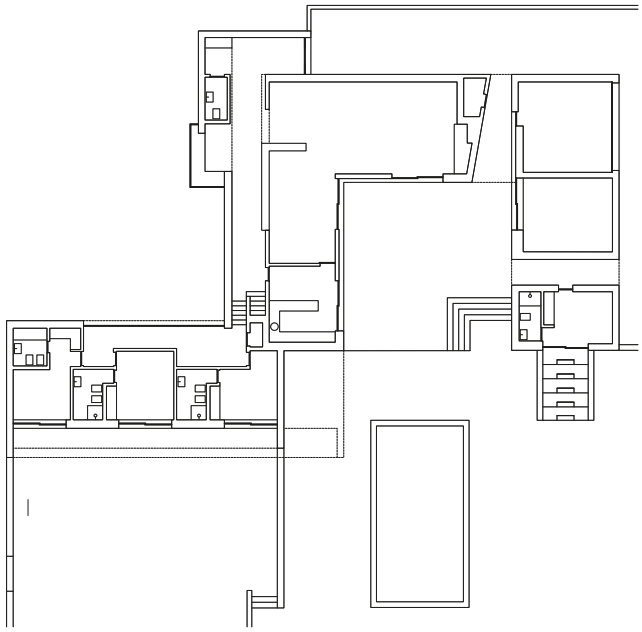








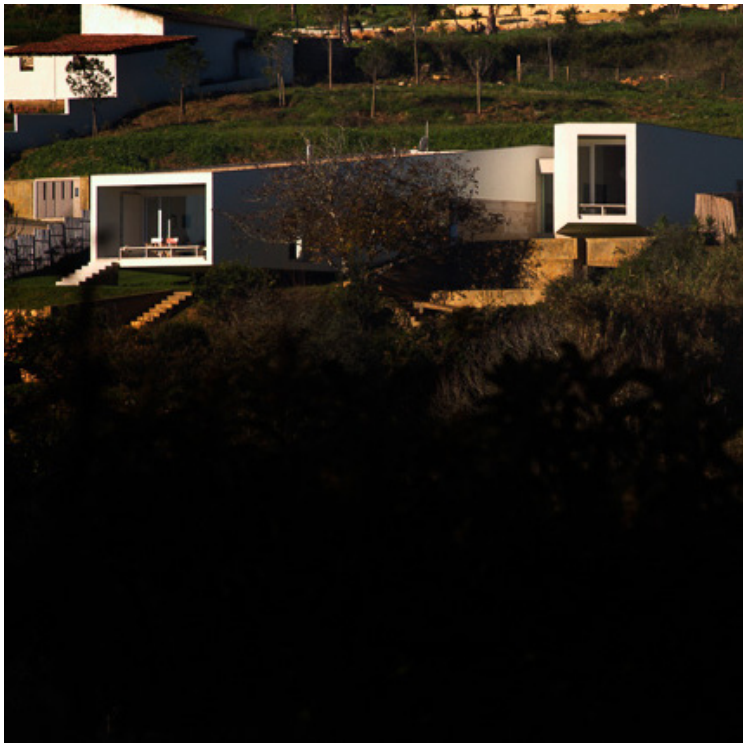




2003
alcino soutinho

casa em afife
1/400

Esta é uma casa de férias pelo arquiteto Alcino Soutinho para um amigo de longa data. Está implantada num lote que correspondia a três lotes destinados a três habitações unifamiliares. A casa insere-se numa zona rural e situa-se numa rua sem saída onde se consegue quase privacidade total. Implantada na parte central do terreno, afastada dos seus limites, permite-lhe ter uma grande área de jardim e vegetação em volta da casa. Alcino Soutinho encontra a oportunidade de projetar a casa mais a norte de Portugal de todos os seus projetos de habitação unifamiliar e procura fazer uma reinterpretação da casa minhota. Existem três volumes nesta casa, que correspondem simbolicamente a três espaços com caraterísticas e funções diferentes, que era o que acontecia nas casas típicas minhotas. O primeiro espaço seria o espaço das “alfaias” onde, neste projeto, se localiza a garagem, um quarto e um pequeno escritório. O segundo espaço seria a “eira” que era uma zona pavimentada com bastante sol e seria onde se colocava o milho, aqui encontramos a reinterpretação desse espaço no pátio central. E finalmente um terceiro espaço que seria a “casa senhorial”, uma casa mais saliente, onde estavam agregadas todas as funções da casa principal. Há, portanto, uma grande permeabilidade e abertura entre espaços, apesar de haver dois volumes distintos, eles integram-se num só através do momento de passagem para o pátio.

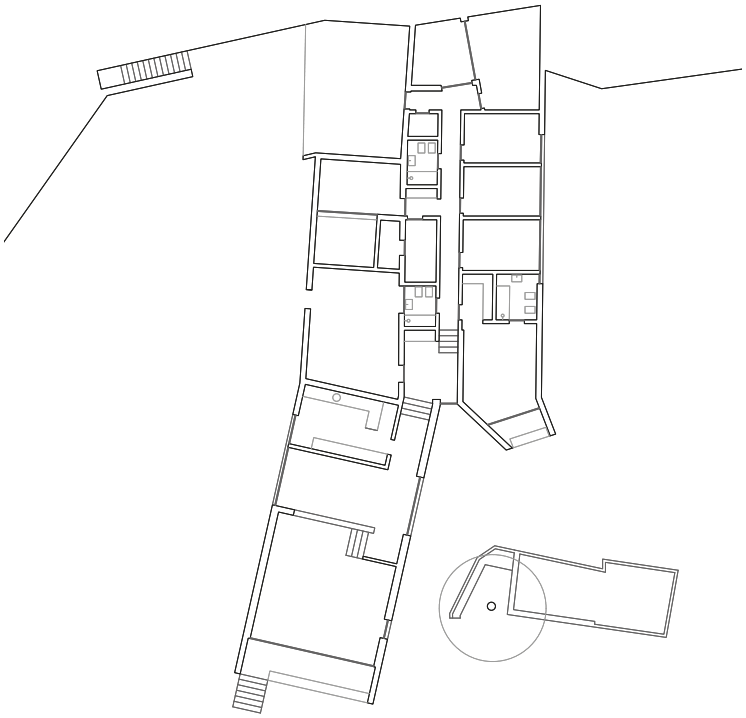










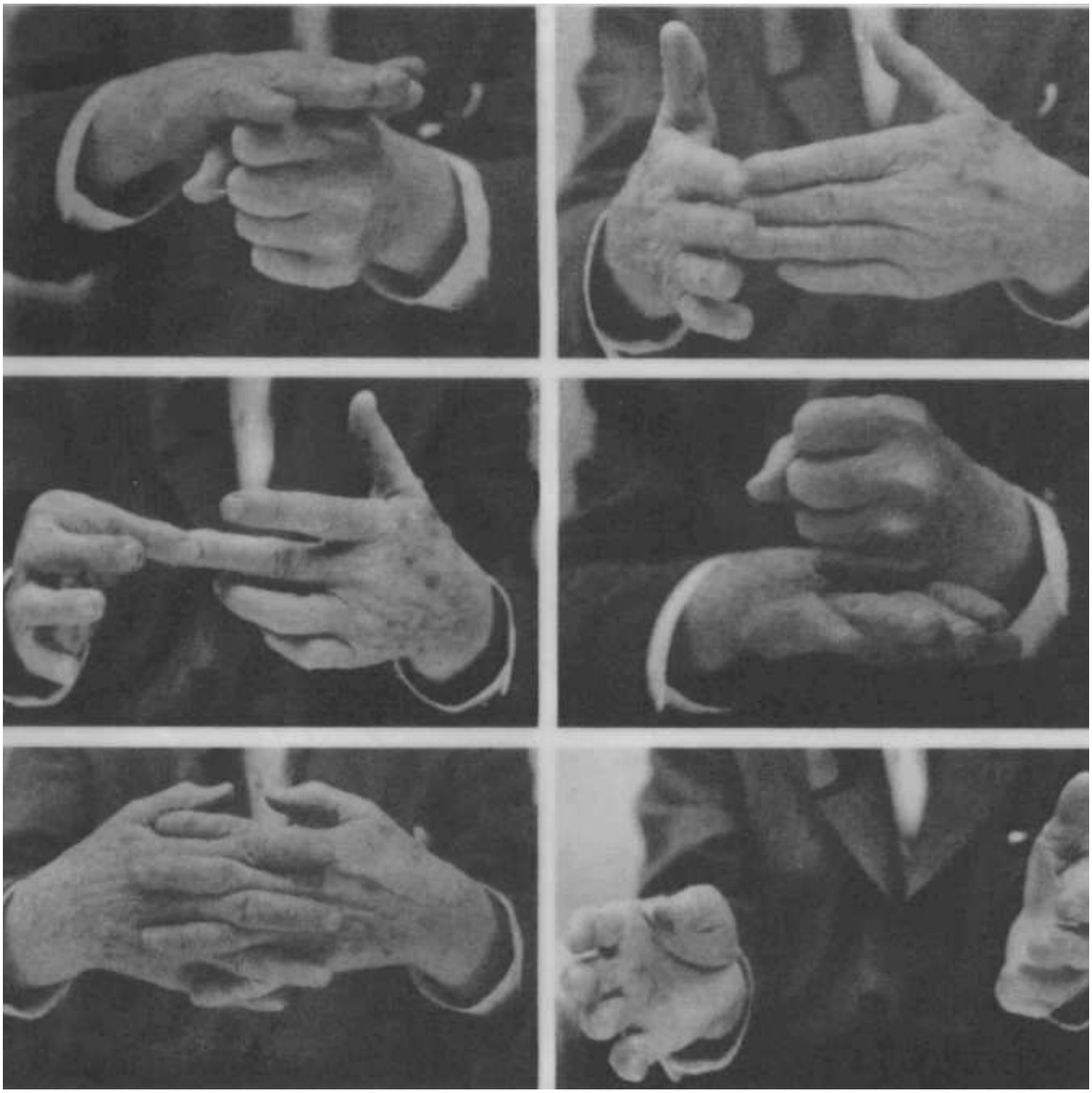


2003
nuno mateus, josé mateus (arx
portugal)

casa no romeirão
1/400

Esta casa está inserida numa área de paisagem protegida de grande amplitude onde ocasionalmente, se encontram outras habitações dispersas. O terreno é numa encosta ingreme tombada na vertente sul do vale, sulcada por um ribeiro. A metade superior do terreno é inclinada enquanto que a metade inferior é escalonada em socalcos. No espaço entre as diferentes cotas encontram-se os elementos que serviram de ponto de partida para o desenho da casa, sendo estes uma velha nogueira e um tanque de rega centenário. Foi desenhado um corpo deitado ao longo da encosta sobre o tanque e a árvore e implantado perpendicularmente ao caminho de acesso ao lote, de maneira a proteger a casa das habitações circundantes e orientar a vista interna, abrindo-a para o vale, a sul. Este volume divide-se em dois, onde o corpo da direita fura a terra, à medida que se aproxima da cota mais alta, agarrando-se ao terreno, e o outro projeta-se e eleva-se da encosta, através de uma laje em consola. Há um vinco na cobertura que marca a "espinha" da casa. É um eixo onde se fazem as comunicações entre os diferentes espaços no interior e traduz-se num corredor onde os seus extremos representam realidades opostas: o extremo norte abre-se para um íntimo pátio escavado no terreno, enquanto que o extremo sul abre-se para a paisagem, com a nogueira em primeiro plano e a montanha ao longe.

Organizar uma exposição, tese ou manifesto tendo apenas como matéria prima o arquivo criado nas 12 semanas de discussão. Propor uma leitura pessoal de um tema, sem pré-definições ou limitações, fosse ele baseado num autor, obra, elemento ou obsessão pessoal. Da cor à chaminé, da organização à percepção, cada aluno enfrentou a colecção de ângulos distintos e com objectivos diferentes. Os resultados nunca poderiam estar certos ou errados.



«... junção uma forma para e outra começa...»[1]

Encontros são estes momentos de junção onde uma forma termina e outra começa. São o encontro entre limites, seja entre dois elementos arquitetónicos como uma coluna e um teto, seja o toque dos diferentes materiais que os compõem. Esses materiais interagem entre si a nível físico e químico, sendo isto uma condicionante durante o processo de desenho. Posto isto, torna-se um requisito conhecer as caraterísticas dos materiais e como estes se comportam tanto individualmente como quando associados a outros. Estes fatores acabam por condicionar o processo de criação do arquiteto.

Com este trabalho pretendo olhar estes momentos de encontro, de ligação, não somente do ponto de vista técnico, mas ter também em conta a sua expressividade como resultado do desenho do arquiteto. Perceber o processo mental que daí derivou tendo em especial atenção o contexto do detalhe no todo da obra.
Em suma, nesta curadoria, a materialidade do detalhe será lida como a materialização de ideias e conceitos.

Ford, Edward t.l. do original «...they might be called junctions- one forms stops, another starts.». "The Architectural Detail". Em Edward Ford, "The Detail as a Joint" (cap.5, p. 193). Nova Iorque, 2011: Princeton Architectural Press.



1989, souto de moura, casa quinta do lago

Este tema pode ser tão abrangente e heterogéneo como os arquitetos, uma vez que cada um tem a sua forma de encarar estas questões. Rem Koolhaas, por exemplo, posiciona-se contra esta ideia, dizendo que o toque entre dois elementos ou materiais, só por si não é um conceito, nem uma ideia, mas apenas uma questão de projeto a ser resolvida sem que se lhe dedique uma atenção desnecessária.

«Sempre vi com suspeita a ideia de que o detalhe passa por tornar questões em problemas. Isto é, em vez de adotar uma atitude positiva quanto a uma parede encostar num teto, temos este problema fantástico em que uma parede vai encostar num teto e temos de organizar essa junção...»[2]

[2] Koolhaas, Rem, t.l. do original «I always regarded with suspicion the idea that detail is actualy based on turnig issues into problems, that is, isntead of taking a positive attitude to how a wall meets a roof, there is this amazing problem, that a roof is to meet a wall and how are we going to organize that meeting...». Em Graafland, Arie e De Haan Jasper, "A Conversation with Rem Koolhaas" (p229). Rotterdam, 1997.


















1988, joão álvaro rocha, casa de mesão frio

1978, pedro ramalho, casa na rua veludo

199?, alexandre manuel cruz silva, casa na rua júlio de brito

1990, carlos prata, casa francisco mourão

2000, souto de moura, casa D6

1984, agostinho rica, casa agostinho ricca

1985, troufa real, casa mário cabrita gil

1990, mário fróis do amaral, casa unifamiliar

1970, álvaro siza, casa alves dos santos

1984, álvaro siza, casa avelino duarte

1992, alexandre manuel cruz silva, casa na rua padre xavier coutinho

1990, mário fróis do amaral, casa unifamiliar

1975, manuel vicente, casa weinstein

1985, troufa real, casa mário cabrita gil

1991, carlos prata, casa luís príncipe

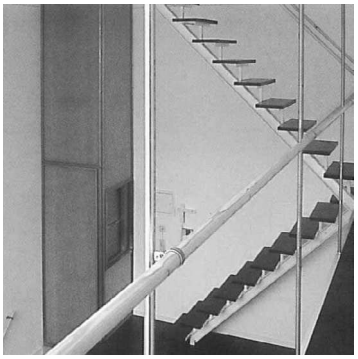
1988, carrilho da graça, casa da fonte fria

Ao pensar no espaço doméstico, elementos como escadas, corrimões, rodapés, transições entre diferentes locais da casa, porque têm diferentes programas, são momentos nos quais os diferentes materias se tocam e onde é necessário desenhar o seu encontro.
No meu trabalho, partindo do arquivo das 184 casas, realizei uma catalogação desses locais, procurando evidenciar estes momentos poéticos.



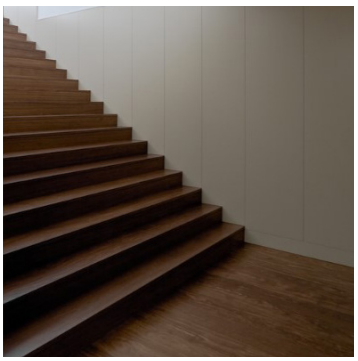












1987, álvaro siza, casa maria margarida machado

1995, ricardo bak gordon, carlos vilela, casa no cabo da roca

2000, luís ferreira rogrigues, casa zesi

2002, álvaro siza, casa armanda passos

1998, carlos prata, casa dr. pinheiro pinto

1996, álvaro siza, casa cesar rodrigues

2001, joão álvaro rocha, casa no lugar da várzea 3

2002, ricardo bak gordon, casa em pousos

1994, carlos prata, casa engenheiro raimundo delgado

1998, carlos prata, casa dr. pinheiro pinto

2001, nuno brandão, casa em afife

2002, souto de moura, casa na serra da arrábida

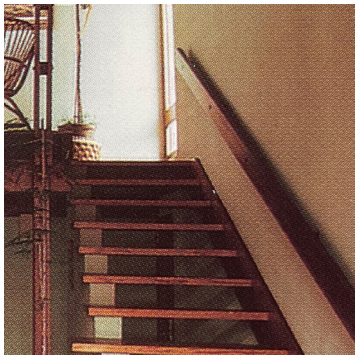
1995, manuel graça dias, egas josé vieira, casa do guarda

1998, joão pedro falcão de campos, casa tomé matos lopes

2001, souto de moura, casa ferreira de castro

1991, carlos prata, casa luís príncipe

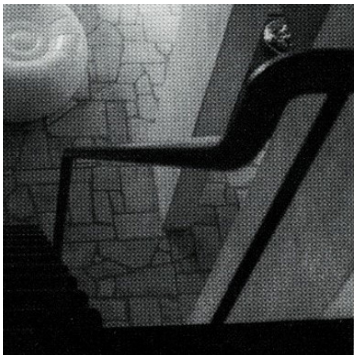
Um lance de escadas efectua necessariamente a ligação entre duas áreas em níveis diferentes, nelas confrontamos o toque de um degráu e um pavimento, bem como o encontro dos distintos materiais que os podem constituir.



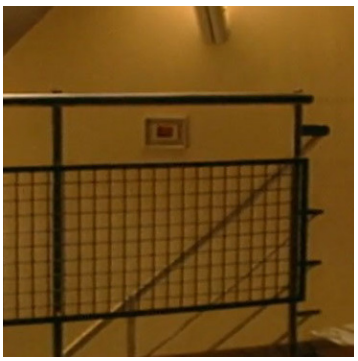









1960, manuel tainha, casa do freixial

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

1985, troufa real, casa mário cabrita gil

1970, manuel tainha, casa gallo

1968, victor palla, bento dalmeida, moradia na praia grande

1978, manuel correia fernandes, 4 casas na aguda

1974, antónio teixeira guerra, casa no guincho

1986, joão nasi pereira, casa própria

1970, álvaro siza, casa alves dos santos

1988, manuel correia fernandes, casa em moledo

1982, simões de carvalho, casa em queijas

1988, gonçalo byrne, casa sá da costa

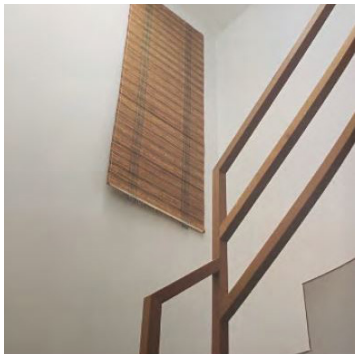
1970, pádua ramos, rua azevedo coutinho

1989, francisco guedes de carvalho, casa horst tjgerman

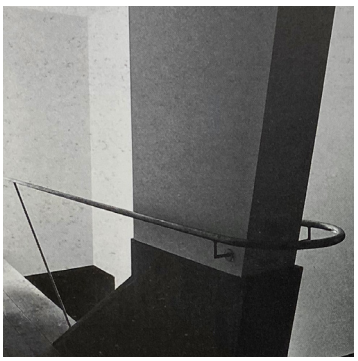
2002, souto de moura, casa na serra da arrábida

1996, manuel correia dos santos

Observamos que o corrimão, sendo um elemento desenhado pode fazer parte do conjunto integrante da casa, ou pode seguir uma linguagem distinta do restante projeto e converter-se num contraste que acrescente valor ao espaço.







1997, domingos taváres, casa na rua do breiner

1998, joão pedro falcão de campos, casa tomé matos lopes

2001, souto de moura, casa ferreira de castro

2002, ricardo bak gordon, casa em pousos

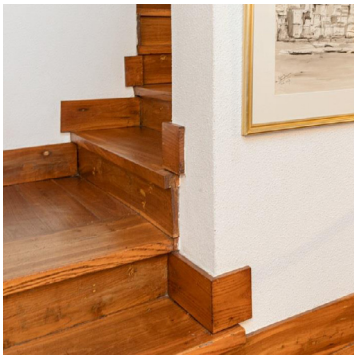
1990, mário fróis do amaral, casa unifamiliar

1999, álvaro siza, casa david vieira de castro

2001, joão álvaro rocha, casa no lugar da várzea 3

2002, souto de moura, casa na serra da arrábida









1975, manuel vicente, casa weinstein

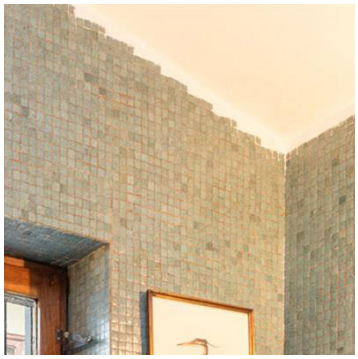
1992, alexandre manuel cruz silva, casa na rua padre xavier coutinho

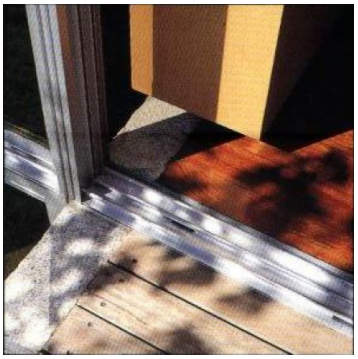
1966, pedro ramalho, casa emílio peres

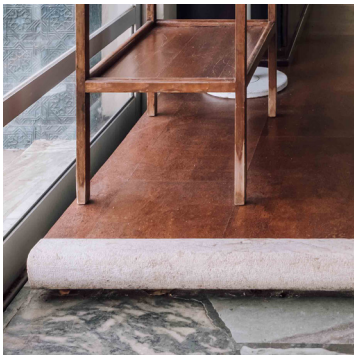
1994, álvaro siza, casa luís figueiredo

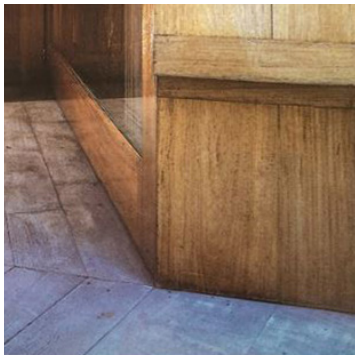
rodapés

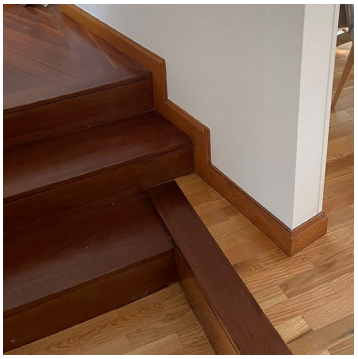
Sendo um rodapé um remate entre a parede e o chão, apresenta-se como uma proposta de várias possibilidades para a comunicação destas superficies e seus materiais constituintes. Não existe uma única maneira de os desenhar.









1966, pedro ramalho, casa emílio peres

1999, souto de moura, casas pátio em matosinhos

1969, álvaro siza, casa luís rocha ribeiro

199?, alexandre manuel cruz silva, casa na rua júlio de brito

1971, álvaro siza, casa alves costa

2004, joão álvaro rocha, casa no lugar do baixinho

1988, carrilho da graça, casa da fonte fria

1970, álvaro siza, casa manuel magalhães

1993, joão álvaro rocha, casa no lugar da várzea II

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

1987, manuel botelho, casa barroso pires

1987, álvaro siza, casa maria margarida machado

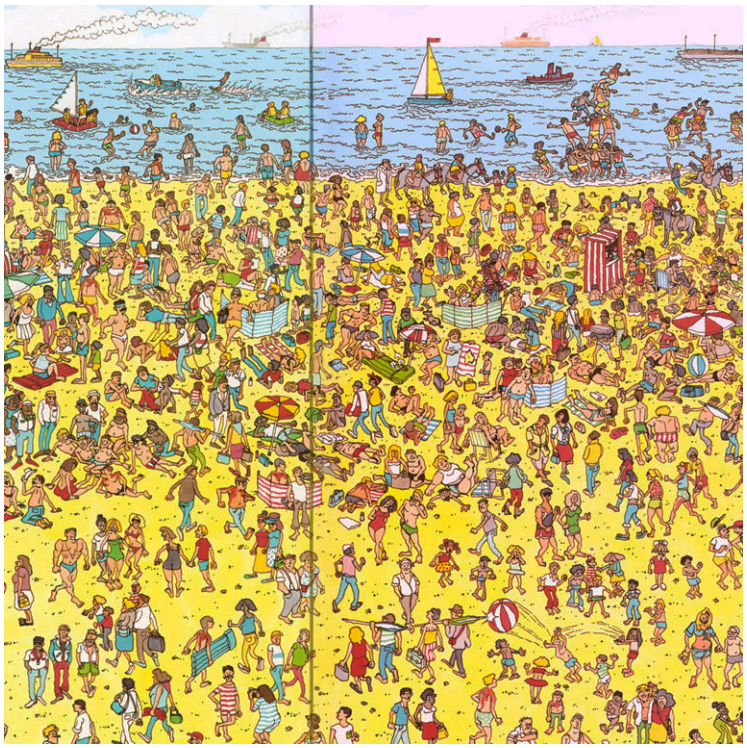
199, souto de moura, casa 1 em bom jesus

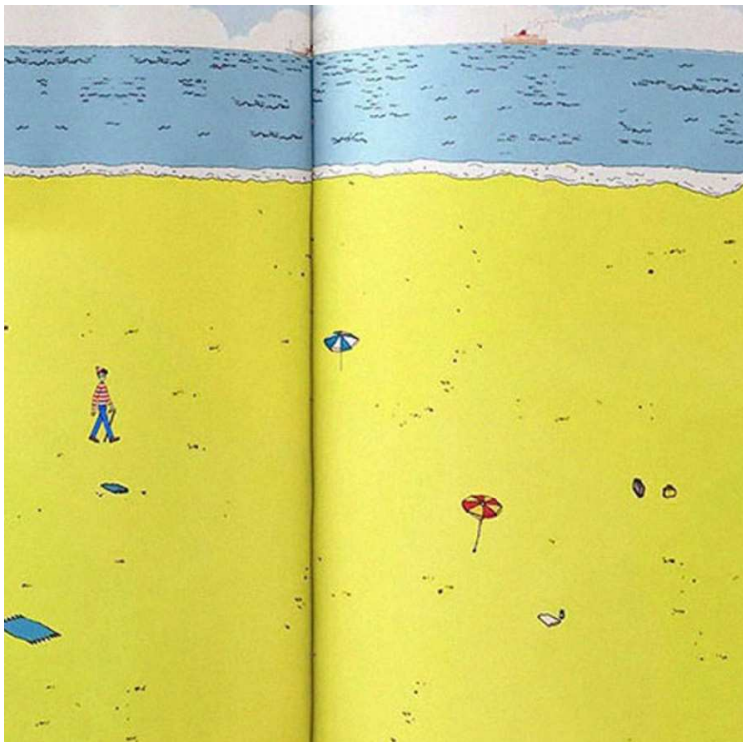
1985, troufa real, casa mário cabrita gil

1992, alexandre manuel cruz silva, casa na rua padre xavier coutinho

1969, álvaro siza, casa luís rocha ribeiro

Transições de espaços são as situações mais óbvias de toques de diferentes materiais. Diferentes espaços pressupõem programas distintos e consequentemente utilidades distintas. Necessidades estas que se podem traduzir mais concretamente numa casa de banho com ladrilhos cerâmicos preparados para conviver com a água ou num quarto de dormir com pavimento em madeira para transmitir uma sensação de calor e tornar o espaço mais acolhedor. O limite entre estes dois espaços contíguos culmina num encontro destes dois materias, os ladrilhos cerâmicos e o pavimento em madeira. Teremos assim uma forte possibilidade de justapor dois materiais muito distintos como sejam a cerâmica e a madeira. O desenho desse encontro está nas mãos do arquiteto e este acontecimentoé lugar potencial de poesia.



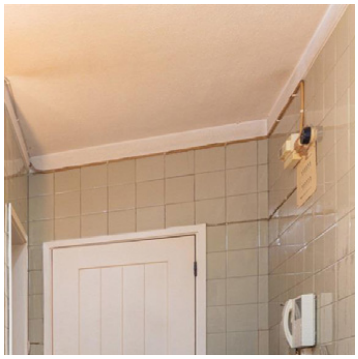


martin handford
where's wally?

os figurantes

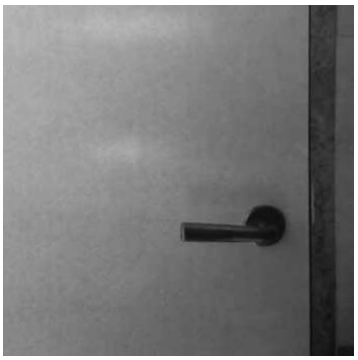
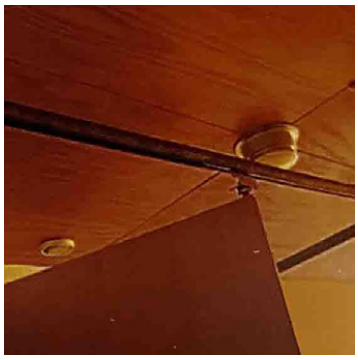
Figurantes são aqueles personagens que num filme não participam com especial destaque e que raramente falam, embora não sejam menos importantes. São, portanto, aqueles personagens que não têm o foco principal, e que nunca falam. Todavia, embora não falem, inevitavelmente comunicam e acabam por ser fundamentais para entendimento da cena pelo espectador, ajudando-o a contextualizar a situação. Os figurantes ainda que sendo detalhes secundários, estendem-nos as bases para uma melhor leitura da mensagem principal que se quer transmitir, serão talvez pormenores, mas de por maior importância se forem criados com uma sintonia entre utilidade e arte.

Ao pensar nestes figurantes e como se podem tornar relevantes numa composição recorro ao "jogo do wally", no qual os personagens secundários, nas suas posições com as suas caraterísticas, valorizam profundamente a cena. Efetivamente, sem eles o desafia seria nulo, o jogo perderia o seu propósito e a mensagem seria esvaziada de toda a sua riqueza.

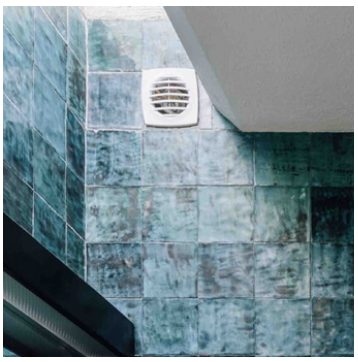










1966, pedro ramalho casa emílio peres

1993, egas josé vieira, casa em tróia

1973, álvaro siza, casa alcino cardoso

1971, domingos tavares, casa albino matos

1986, manuel botelho, casa ricardo noronha lima teles

1966, pedro ramalho, casa emílio peres

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

1966, pedro ramalho, casa emílio peres

1971, álvaro siza, casa alves costa

1988, gonçalo byrne, casa sá da costa

1975, manuel tainha, casa martins dos santos

1966, pedro ramalho, casa emílio peres

1998, joão pedro falcão de campos, casa tomé matos lopes

1998, joão pedro falcão de campos, casa tomé matos lopes

1975, manuel vicente, casa weinstein

os figurantes

No contexto arquitetónico, chamo de figurantes aqueles elementos que têm que estar presentes por serem hoje em dia indispensáveis à utilização de um espaço, especialmente de uma casa, mas que não são considerados arquitetura. E que por isso, são geralmente negligenciados no processo criativo, na forma de pensar um espaço e de o desenhar.













1975, manuel vicente, casa weinstein

1988, gonçalo byrne, casa sá da costa

1984, rui barreiros duarte, ana paula pinheiro, casas na aldeia dos navegantes

1978, manuel correia fernandes, 4 casas na aguda

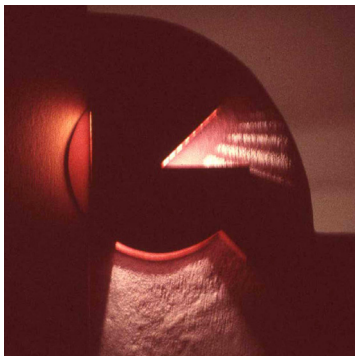
1960, manuel tainha, casa do freixial

1999, souto de moura, casas pátio em matosinhos

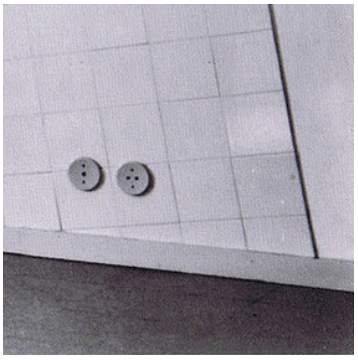
Temos, portanto, uma panóplia de figurantes nos nossos edifícios. Que são aqueles que me atrevo a dizer que dão algumas vezes grandes dilemas ao arquiteto. Mas na verdade qual é a arquitetura que não está cheia destes desafios?

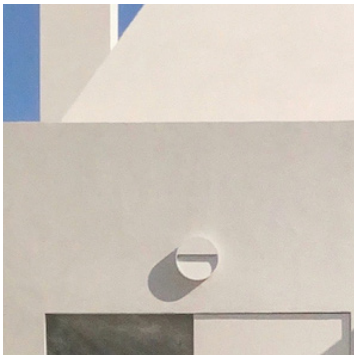














1970, álvaro siza, casa manuel magalhães

1982, pancho guedes, casal dos olhos

1993, joão álvaro rocha, casa lugar da várzea 1

2002, ricardo bak gordon, casa em pousos

1970, padua ramos, rua azevedo coutinho

1984, álvaro siza, casa avelino duarte

1987, álvaro siza, casa maria margarida machado

2002, souto de moura, casa na serra da arrábida

1998, souto de moura, casa em moledo

1990, joão nasi pereira, remodelação da casa amarela

1988, adalberto dias, casa j. neto

1997, alexandre manuel cruz silva, casa na rua viana lima

1987, álcino soutinho, casa filipe grade

1990, mário fróis do amaral, casa unifamiliar

1989, souto de moura, casa quinta do lago

1970, pádua ramos, rua azevedo coutinho

[3] Vieira, Álvaro Siza, em Philip Jodidio, "Álvaro Siza" (p.11). 1999, Taschen CRT.

No entanto, também há quem procure desenhar e pensar estes elementos mais pequenos de maneira a enriquecer os próprios espaços.

Podem perguntar:
«... puxadores de portas, corrimões de escadas, caixilhos de janelas e uma grande variedade de móveis. Porquê este interesse por elementos que se podem considerar em grande parte como não duráveis?»[3]

E o arquiteto Álvaro Siza responde:
«As coisas efémeras não são coisas mortas, sustentam o arquiteto. Ficam na memória ou influenciam alguém. A destruição de uma coisa não significa a sua não-existência. Se pensássemos assim, nunca teríamos arquitetura pois sabemos perfeitamente que será alterada e degradada com o tempo.»[4]

Neste sentido pode-se correr o risco de o figurante ser lido individualmente e fora do seu contexto. Ele pertence ao conjunto e deve também ser objecto da arquitetura.









1992, alexandre manuel cruz silva, casa
na rua padre xavier coutinho

2000, aires mateus, casa no litoral
alentejano

De facto, os figurantes têm peso na arquitetura, não nos são indiferentes a nós que vivenciamos o espaço, especialmente o de uma habitação de todos os dias. Os figurantes não podem ser indiferentes ao arquiteto, pois estes elementos importam.

De modo a tornar patente esta ideia observemos as imagens da esquerda e atentemos nas formas brancas e nos interiores vazios, efectivamente dão-nos espaço para apreciar a arquitetura e as suas qualidades espaciais. Todavia no que toca à vivência do espaço, surge a necessidade de adicionar os elementos figurantes, que, naturalmente invadem e ocupam o espaço, é o que encontramos nas fotografias da direita.









1993, joão álvaro rocha, casa lugar
várzea 1

1995, souto de moura, casa em tavira

Os espaços limpos e vazios das fotografias da esquerda, deixam de o ser quando confrontados com a realidade necessaria á nossa atual vivência das fotografias da direita.

Os figurantes têm também a função de ajudar a tornar a casa habitável, tendo-se tornado, à luz dos dias de hoje, indispensáveis pelo seu cariz vital em qualquer espaço onde haja utilização humana, a qualquer área a que se chame casa. Cedem a estes espaços um contexto mais habitacional. Deixamos de olhar para eles como espaços abstratos, ganhando um aspeto mais real, neste caso, assumindo-se como casa.









2000, aires mateus, casa no litoral alentejano

1993, joão álvaro rocha, casa no lugar da várzea II

«... a tecnologia nem os maravilha nem é para combater...»[5]

Já que os figurantes são produto do avanço tecnológico constatamos uma posição conformada e quase indiferente tomada por uma grande parte dos arquitetos aceitando-os como algo natural, fruto dos tempos, pelo que não tem de servir para maravilhar, nem para combater, que assim os põem fora da sua área de atuação enquanto arquitetos.

[5] Gregotti, Vittorio, em Josep Maria Montaner, "A Modernidade Superada-Arquitetura, Arte e Pensamento do Século XX". Em "Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX" (p.967).





1995, manuel graça dias, egas josé vieira, casa do guarda

Na composição do espaço contemplado na fotografia da direita é evidente a preocupação que houve em desenhar os elementos de iluminação e pensar a sua localização e disposição. É bastante claro o papel ativo que estes figurantes têm na espacialidade arquitetónica.
De maneira a comprovar este ponto, na fotografia da esquerda esses elementos foram anulados e na sua ausência parece-me que seja claro concordar que falta algo a este espaço, que a arquitetura empobreceu, o espaço perdeu qualidades.









1998, souto de moura, casa em moledo

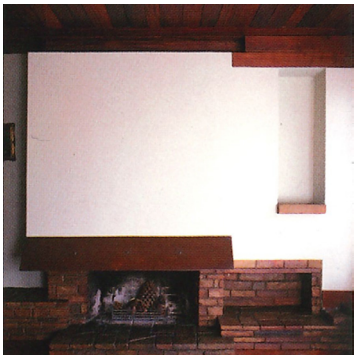
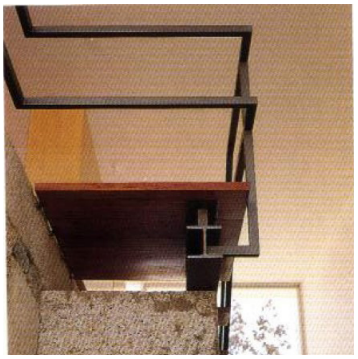
1970, pádua ramos, rua azevedo coutinho

Tomei partido do exercício realizado com a fotografia da página anterior para reforçar a ideia de que estes elementos têm já um papel compositivo do espaço, já se afirmam como elementos que o caraterizam, por isso, passam a ser parte indissociável destes projetos em particular. No fundo estes figurantes acabam também por fazer arquitetura.

Para uns o desenho dos detalhes «(...) consiste numa procura puramente plástica e figurativa; para outros (...) consiste numa poética para intervir na envolvente; para outros (...) trata-se de uma consequência da precisão técnica; enquanto que para outros (...) é essencialmente uma expressão de materialidade.»[6]

São, então, múltiplas as respostas à questão dos encontros, onde o seu desenho pode ser simplesmente figurativo, uma decorrência do contexto que o envolve, pode ser resultado de uma solução meramente técnica, ou ainda assumir-se como uma expressão tectónica de destaque.

[6] Gregotti, Vittorio, em Josep Maria Montaner, "A Modernidade Superada-Arquitetura, Arte e Pensamento do Século XX". Em "Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX" (p.965)

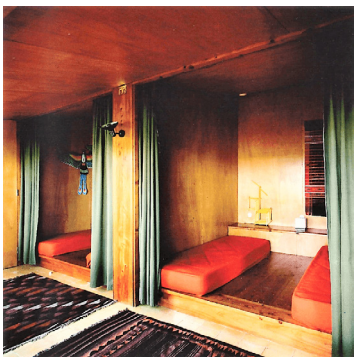













1996, josé gigante, reconversão de moinho

1987, álvaro siza, casa maria margarida machado

1998, joão pedro falcão de campos, casa tomé matos lopes

1975, manuel vicente, casa weinstein

1966, agostinho ricca, casa m. araújo e j. montenegro

1988, gonçalo byrne, casa sá da costa

1984, álvaro siza, casa avelino duarte

1970, tomás taveira, balaia bungalows

1994, souto de moura, casa 1 em bom jesus

1988, souto de moura, casa 2 em nevogilde

1970, álvaro siza, casa manuel magalhães

1974, sérgio fernandez, villalcina

1999, souto de moura, casas pátio em matosinhos

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

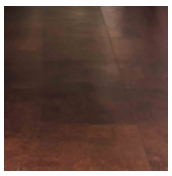
1975, alexandre alves costa, casa marques guedes

1976, joão nasi pereira, casa sidarus

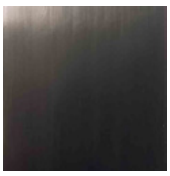
Desenvolvi três exercícios especulativos onde procuro explorar vários temas.
O exercício I denominei-o de *slot machine,* nele procurei perceber as relações entre a tectónica e estes momentos de encontro e de composição.















pele
palete de materiais | texturas | cores

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

esqueleto
desenho do encontro

2004, joão álvaro rocha, casa no lugar do baixinho

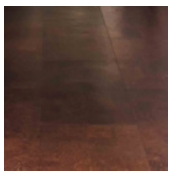
exercício I | slot machine

Defini duas categorias, a "pele", que corresponde à palete de materiais, texturas e cores, e o "esqueleto", que corresponde ao desenho do próprio toque dos elementos e dos materiais.
No fundo a realização deste exercício seria idêntica a uma *slot machine* onde de um lado tenho a "pele" e do outro o "esqueleto". A partir de um conjunto de fotografias que selecionei previamente do arquivo, combino os elementos que forem sorteados como aconteceria numa *slot machine.*

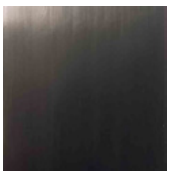
Numa primeira tentativa deste exercício a *slot machine* combinou a pele da casa triangular do arquiteto António Teixeira Guerra com o esqueleto da casa no lugar do baixinho do arquiteto João Álvaro Rocha.















pele
palete de materiais | texturas | cores

esqueleto
desenho do encontro

exercício I | slot machine

Na imagem da direita encontra-se o momento da casa no lugar do baixinho do arquiteto João Álvaro Rocha já com a alteração da tectónica.















pele
palete de materiais | texturas | cores

1999, souto de moura, casas pátio em matosinhos

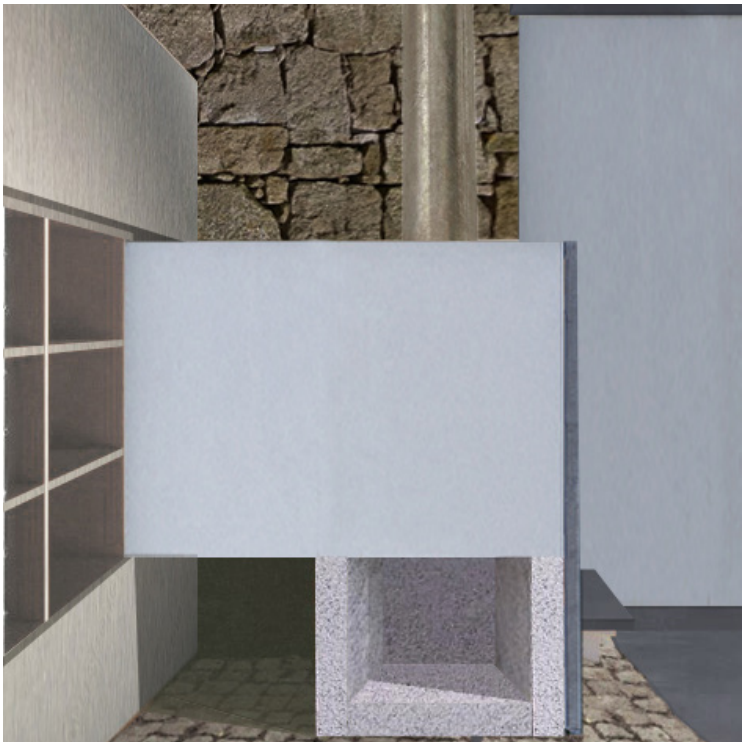
esqueleto
desenho do encontro

2000, luís ferreira rodrigues, casa zesi

exercício I | slot machine

Numa segunda tentativa do mesmo exercício a *slot machine* combinou a pele das casas pátio em Matosinhos do arquiteto Souto de Moura com o esqueleto da casa Zesi do arquiteto Luís Ferreira Rodrigues.













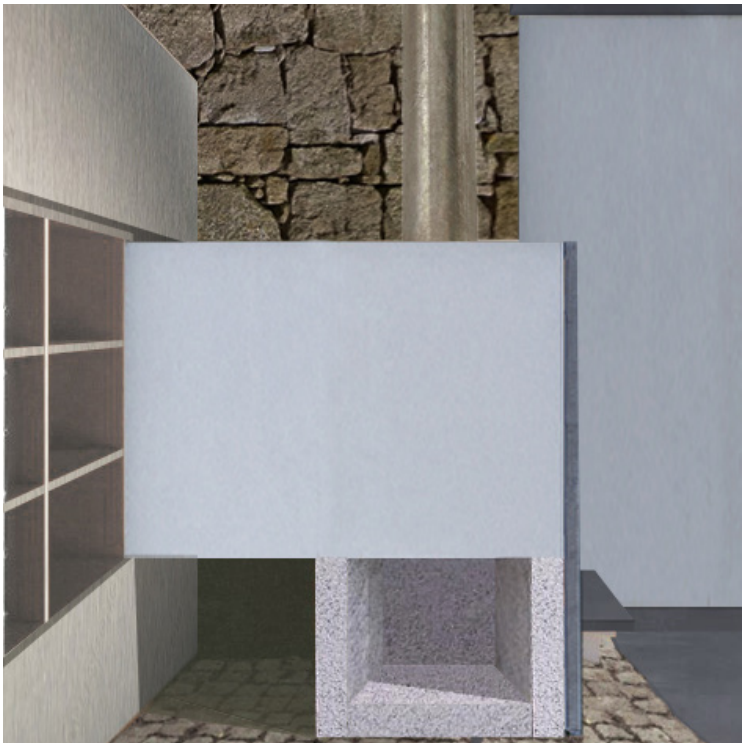


Na imagem da direita encontra-se o momento da casa Zesi do arquiteto Luís Ferreira Rodrigues já com a alteração da tectónica.









fotografia real
2004, joão álvaro rocha, casa no lugar do baixinho

fotografia real
2000, luís ferreira rogrigues, casa zesi

fotografia alterada consoante a "pele" atribuída

fotografia alterada consoante a "pele" atribuída

Pela observação destes resultados, constatamos como facto, que os espaços quase se transformam noutros. A atmosfera do espaço altera-se, como consequência da modificação da tectónica. Os ambientes continuam a funcionar de forma coerente, mas há uma perceção diferente dos lugares em face da distinta palete de materiais. Esta mudança de "pele" condiciona o ambiente e desperta em nós uma nova experiência sensorial.
Na verdade, a procura que o arquitecto faz dos materiais em cada projeto é uma comunicação aos sentidos, sem desprezar o contexto geral do projeto.



1991, carlos prata, casa luís príncipe

exercício II | existe uma intenção, ou é um desenho livre, criativo e compositivo do arquiteto?

No exercício II procurei reinventar os próprios momentos de encontro, para entender se o facto de serem como são é fruto da intenção primária do arquiteto, ou se são apenas resultado do desenho criativo e compositivo do arquiteto.

Parti da fotografia deste momento poético que o arquiteto concebeu, aproveitando-se deste acontecimento que é uma coluna tocar no chão e no tecto. Esta coluna, que veste uma pele de madeira, alinha-se com a altura da parede de pedra que tem em frente, mas deixa o branco vir respirar por cima dela, para depois se diluir naquele branco que é o tecto onde toca. Uma madeira que vem do pavimento, mas num tom mais claro e amarelado identifica-se com o outro elemento vertical, a parede de pedra, que embora adequadamente distinta, lado a lado, provoca um realce pertinente.









Depois de estudar e de conhecer esta casa, de ter em conta que é uma reabilitação e que, por isso, o arquiteto lida com pré-existências, é possível verificar que o desenho original para esta coluna (fotografia da página anterior) foi pensado para enfatizar a distinção entre o velho e o novo. O branco, ou seja, o que é novo, não toca na pré-existência, na pedra, conotando-lhe deste modo uma certa importância. Ao olhar esta composição entendemos que o branco, que transmite a ideia de leveza está acima da pedra, um material pesado. Por isso, nesta composição, tudo faz sentido, há coerência.
Outras possibilidades, como as presentes nas fotografias acima, poderiam estar corretas e ter um sentido, mas nenhuma delas seria uma resposta tão adequada a estas intenções tanto quanto a criada pelo arquiteto ao pensar o encontro do novo com o antigo num momento poético.



1996, álvaro siza, casa césar rodrigues

No exercício III procurei entender o processo criativo e compositivo dos momentos de encontro e descobrir de que maneira se procuraram os alinhamentos e a que regras e exceções estiveram sujeitos.
Parti desta lareira de uma casa do Siza que identifiquei como sendo útil para explorar este tema.

Depois de descobrir quais os alinhamentos que decidiam a colocação das pedras, como exercício especulativo, continuei à procura de outros alinhamentos adjassentes, sem me impôr limites, despreocupando-me com o resultado final. Pretendia perceber porque é que o arquiteto decidiu parar no ponto onde parou e porque não continuou acrescentando mais uma ou menos uma pedra, acrescendo mais um alinhamento. Havendo infinitas opções de desenho e composição destas pedras nesta lareira e no local em que se encontrava estritamente condicionada pela envolvente. Interessava-me identificar como foi tomada a decisão de parar, o que levou o Siza a travar aquele crescendo naquele ponto específico.







Depois de seguir com o exercício exaustivamente, para mais e para menos, coloquei lado a lado as lareiras alternativas resultantes dos dois extremos do exercício e a lareira real. Observa-se que nas três imagens proporcionadas seria intuitivo assumir que a segunda imagem corresponderia à lareira real. Não só não é exageradamente "pesada" ao incorporar tantas pedras com tantos alinhamentos, como se perceciona na terceira imagem, como também não tem a "despida" lareira trivial presente na primeira imagem. Na imagem real percebe-se a busca pela poesia, por tornar a lareira, que é um elemento associado a um espaço de reunião, num elemento belo e com os tão distintos traços do Siza contemplados nos alinhamentos. Não se torna exagerado nem simples, é arquitetura, é poesia.



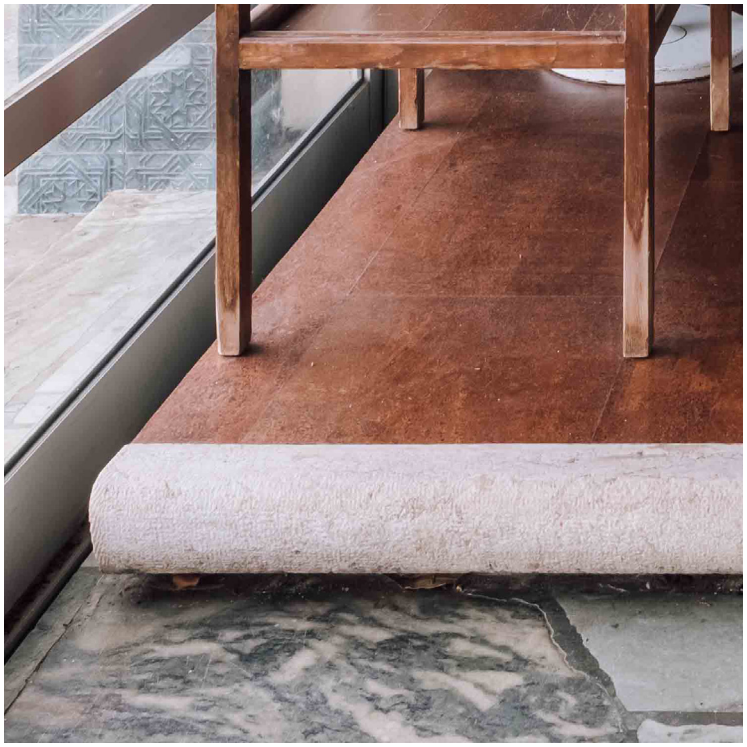




De maneira a ser mais acertiva na conclusão a tirar, coloquei lado a lado com a lareira real, duas outras imagens onde se acrescenta apenas uma pedra e na outra onde se retira também apenas uma. Voltando a observá-las e a procurar identificar a real seria um exercício mais complicado, porque as alterações são simplesmente uma pedra a mais ou uma a menos o que não torna a composição da lareira formalmente "errada".

Penso que seja plausível afirmar que certos detalhes têm um propósito meramente plástico ou compositivo, procurando chegar a uma forma desejada e, de maneira a destacar um certo momento ou elemento, o arquiteto serve-se de um contraste material.





1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

Pretendo agora entender a relação entre o pensamento (a composição intelectual) e o desenho (a concepção) destes momentos poéticos e a forma como interferem na vida doméstica a que estamos inseridos pela nossa realidade.
Considerei o corredor apresentado nas fotografias acima expostas e foquei a minha atenção na transição de um pavimento para outro, verifica-se um toque de materiais muito harmonioso. Um pavimento em pedra, naturalmente frio, que contrasta com uma laje que se solta e se sobrepõe a esta com uma tectónica que transmite uma sensação de calor que levará à zona dos quartos. É efectivamente um pormenor que traz poesia à casa, cria um ponto de interessante passagem de um ambiente para outro, funciona como uma transição que nos prepara para a saída de uma narrativa e nos predispõe a entrar numa outra.

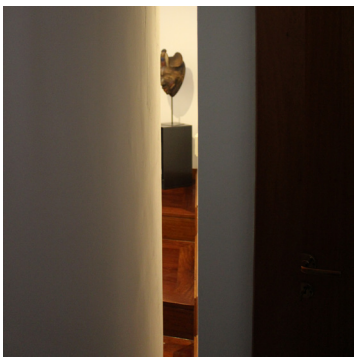
Regressemos ao concreto e analizemos friamente o que representa. Na prática, um vão entre as duas lages ao nível do chão. Esta tensão entre lajes, apesar de bela e delicada, é um desnível oco que propicía um inevitável acumular de resíduos, obrigando a uma necessária, constante e difícil limpeza, em abono da realidade.

Porquê falar de tanta "realidade" no meio de tanta "poesia"?







1992, alexandre manuel cruz silva, casa
na rua padre xavier coutinho

Porquê momentos destes dentro de casa?
Porquê roubar espaço a uma cozinha, ou a um corredor em prol da poesia dentro de casa?

«... arquitetura é a arte de como desperdiçar espaço.»[7]

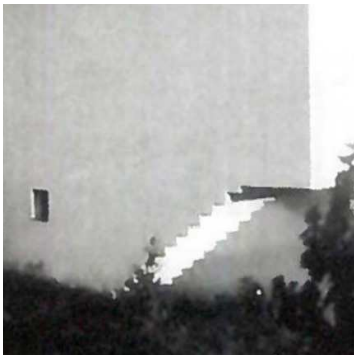
Por causa disto! Porque são momentos de pura poesia numa casa. A arte ou a habilidade do arquiteto passa também por saber tirar de um sítio para ganhar noutro. E se for bem feito, o que se ganha sobrepõe-se ao que se perde. Rouba-se espaço, mas enriquece-se o espaço.

E no final:
«... se a cobertura não meter água, o arquiteto não foi arrojado o suficiente.»[8]

[7] Citação associada a Philip Johnson
[8] Citação associada a Frank Lloyd Wright







1998, carlos prata, casa doutor castro rocha

1970, pádua ramos, rua azevedo coutinho

1992, josé charters monteiro, casa sob a duna

1992, frederico valsassina, casa do alto

2001, souto de moura, casa ferreira de castro

1988, carrilho da graça, casa da fonte fria

1986, manuel botelho, casa ricardo noronha lima teles

1987, álvaro siza, casa maria margarida machado

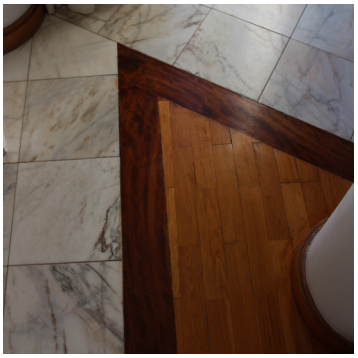
«É verdade que, na linguagem, a frase é a unidade de sentido é através da frase completa que algo é dito. Mas também é verdade que o significado de uma frase é determinado pelo significado das palavras que o compõem. É porque as frases têm significado que as palavras têm; e é porque as palavras têm significado que frases significativas podem ser compostas a partir delas.»[9]

«Assim, as "unidades mínimas de sentido" - palavras na linguagem e juntas na arquitetura - são os detalhes indivisíveis que têm uma importância decisiva na forma como os textos são compreendidos e os edifícios percebidos. Ambas as disciplinas têm em comum "a criação de significado estético" (...). "Não podemos assimilar essa ideia de correção a uma regra semântica. A habilidade do poeta é a habilidade de escolher entre as palavras apesar das suas propriedades semânticas idênticas (...)"»[10]

Os tipos e definições destes encontros poéticos podem ser tão ambrangentes e heterogéneos como os seus autores, pois cada um é um ser individual com as suas perspetivas e convicções, encarando o desenho destes pormenores da sua forma particular. é o meu intuito passar a mensagem de que o arquiteto é como um poeta que usa estes encontros entre elementos e entre materiais proporcionando um sabor diferente à obra consolidando a coerência da obra na sua íntegra.

[9] Scruton, Roger, t.l. do original. Em "The Aesthetics of Architecture" (p. 209).
[10] Scruton, Roger, t.l. do original. Em "The Aesthetics of Architecture" (p. 209). Carolina Rodriguez Grenci utiliza a mesma citação, no entanto a sua contém alguns acrescentos. As palavras dentro de aspas pertencem a Roger Scruton.







1982, simões de carvalho, casa em queijas

1988, carrilho da graça, casa da fonte fria

1998, carlos prata, casa dr. pinheiro pinto

1969, álvaro siza, casa luís rocha ribeiro

1988, carrilho da graça, casa da fonte fria

1992, alexandre manuel cruz silva, casa na rua padre xavier coutinho

1989, francisco guedes de carvalho, casa horst tjgerman

1974, antónio teixeira guerra, casa triangular

«Da mesma forma, a habilidade do arquiteto é a capacidade de decidir sobre soluções que, oferecendo iguais vantagens técnicas, sugerem um projeto consequente, coerentes com os conceitos espaciais de onde partiram.»[11]

Realmente importa pensar estes encontros, o desenho dos pormenores, do toque dos materiais, porque estes momentos marcam a obra, marcam os espaços. Se estes momentos existem, faz sentido serem pensados e desenhados como parte integrante da obra.

«Deus está nos detalhes»
O Einstein dizia isto, O Mies dizia isto, e, portanto, esta é uma citação com uma ideia muito forte e que procurei provar e vi comprovada com aquilo que apresentei nesta curadoria. Uma prova de que o que é pequeno não é invisível ou inexistente e que por isso deve dar-se-lhe valor. Foi esta oportunidade de valorização do detalhe na arquitectura que procurei incentivar com esta curadoria. Posto isto, parece-me legítimo dizer que esta frase também é minha.

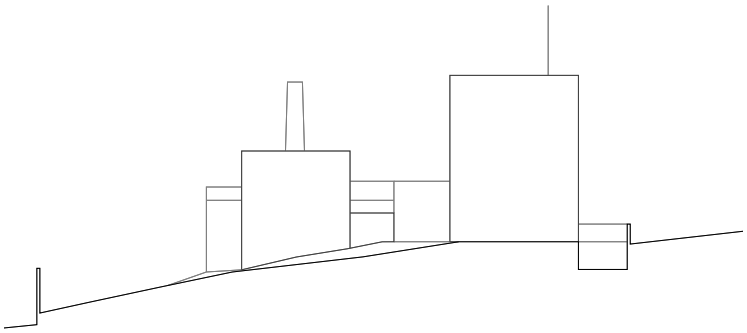
[11] Grenci, Carolina Rodriguez, t.l. do original «Similarly, the ability of the architect is the capacity to decide on solutions that, offering equal technical advantages, suggest a consequent design, coherent to the spatial concepts that they have originated from.» Em "Is there such a thing as modern detail?" (p.6-7). Estados Unidos, 2006.

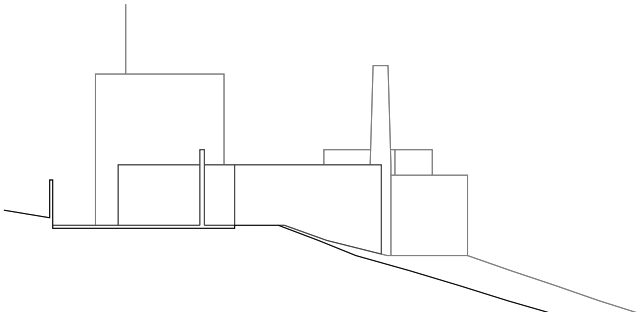
As ferramentas de produção de um projecto são lentes para a sua leitura e vice versa. Num pós investigação, propôs-se o difícil de exercício da passagem do crítico a criticado: desenhar uma casa.
Não foi imposta qualquer obrigação de relação com o arquivo que tinha sido desculpa para um momento anterior, ficando ao critério de cada um a relação ou falta dela com o que tinha sido estudado. Nada é mais contextual do que a eventual rejeição de um contexto.
Foram atribuídos terrenos sem qualquer valor particular de forma aleatória a todos os alunos. Regularmente, os mesmos foram trocados entre si, forçando cada actor desta dança colectiva a reagir rapidamente a novas condições e problemas. Não era objectivo uma apropriação do lugar, sendo cada um deles uma condição temporária.

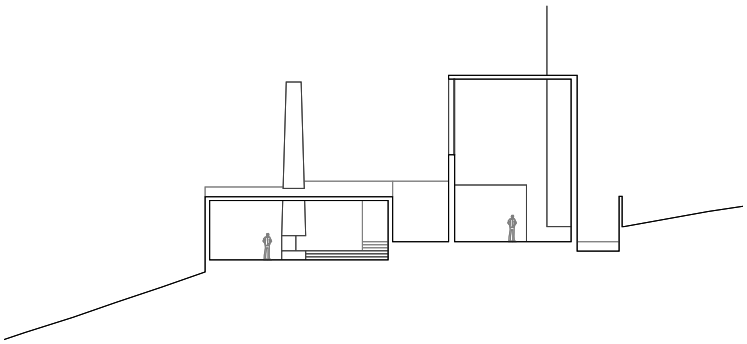


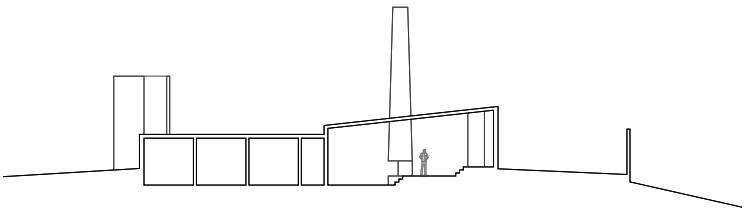










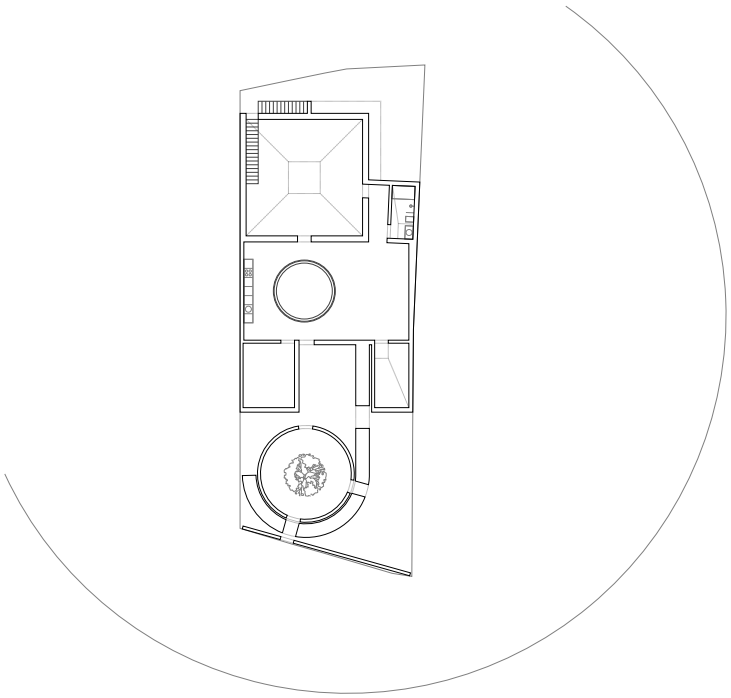


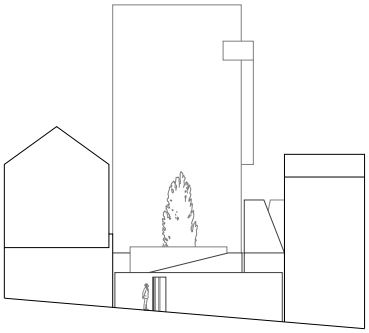
terreno 01_braga

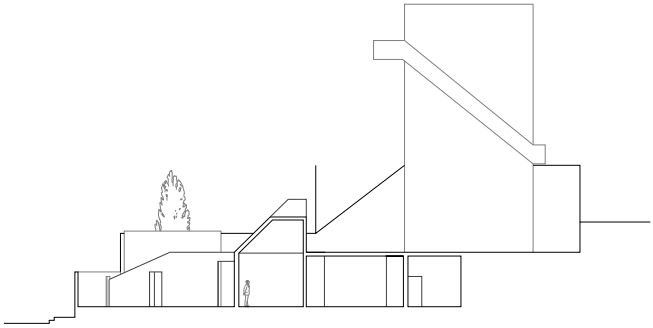
1/500

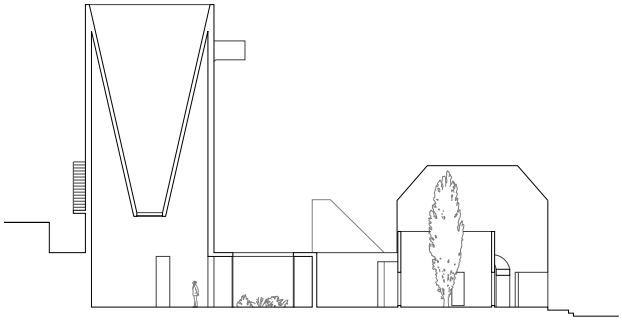
O primeiro terreno situa-se em Braga e é caraterizado por uma envolvente vegetal densa em declive acentuado. Em dois dos lados é delimitado por arruamentos, sendo que os outros dois são limites virtuais de terreno. Nesta primeira proposta de projeto procurei definir dois corpos distintos, um com todas as funções necessárias a uma casa e um outro sendo um espaço amplo e polivalente que pudesse servir os moradores disponibilizando uma área para atividades distintas. A ideia era ligar estes dois ambientes a um outro espaço de circulação que seria um percurso de entrada. Procurei também desenhar elementos verticais (lareiras) e acentuar as suas dimensões de maneira a assinalar as maiores áreas, que possivelmente serviriam de espaços de reunião das pessoas. Por fim pretendi agarrar a casa ao terreno seguindo o declive existente com desníveis dos pisos.









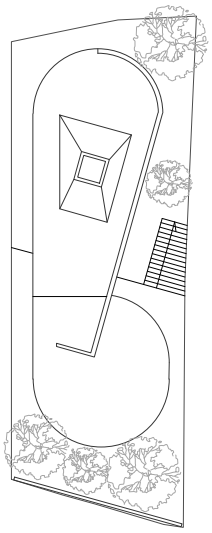


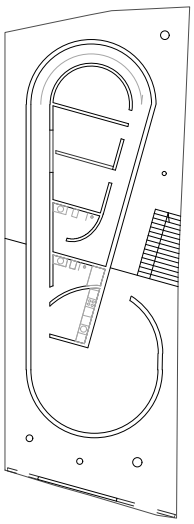
terreno 02_rua da formiga, porto

1/500

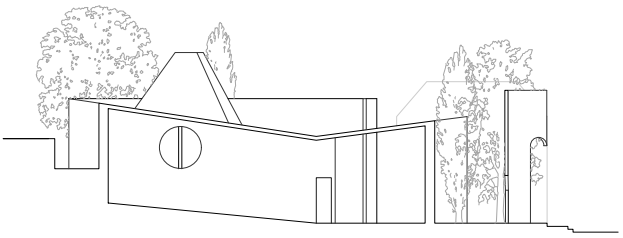
O segundo terreno localiza-se no Porto e para esse terreno surgiram várias propostas onde procurei explorar temas distintos. A primeira proposta partia de uma composição geométrica em planta que se fazia notar também na volumetria. Surgiu então a questão de trabalhar em volumes formalmente diferentes, mas agregados entre si e onde procurei trabalhar as entradas de luz de maneira a conceder a cada espaço uma atração singular e própria. Fez-me sentido trazer a ideia de uma zona maior que se distinguisse das outras, conferindo-lhe uma escala exageradamente grande para se tornar polivalente.
Dada a localização do terreno, perto do rio, mas não o suficiente para o contemplar, e o facto de se inserir num lote estreito, apertado entre outras casas, desenhei também um elemento que complementasse o volume mais alto e funcionasse como um miradouro sobre a cidade e o rio.

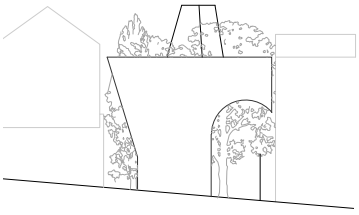










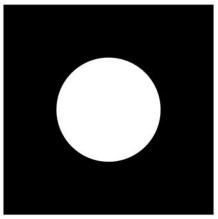


terreno 02_rua da formiga, porto

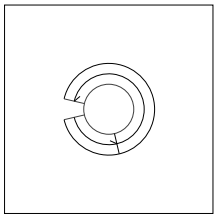
1/100

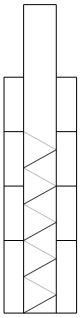
A segunda proposta para o mesmo terreno foi resultado de uma constatação que fiz ao observar a rua onde se inseria. Sentia que fazia sentido desenhar uma fachada, desenhar algo que se distinguisse e se assumisse na rua. Desenhei um plano com dois vãos de cada lado e deixei o plano soltar-se das fachadas do lado num momento de tensão. Por trás desse plano surgiriam os volumes da casa e alguma mancha verde da vegetação. Este plano-fachada seria a cara do projeto, mas quase como uma máscara, porque seria solta da casa. Nesta proposta procurei tomar partido da plataforma (muro de contenção) sobranceira existente no lote para segurar a casa. A ideia era criar um percurso em rampa que ligasse o momento um da casa, os espaços comuns, ao momento dois, os espaços íntimos. Quis novamente trabalhar os espaços interiores e a forma como a luz entrava através de vãos e volumes na cobertura.

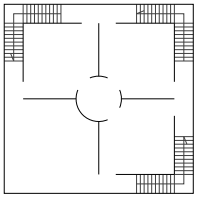


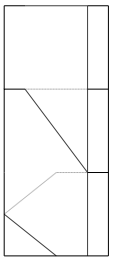


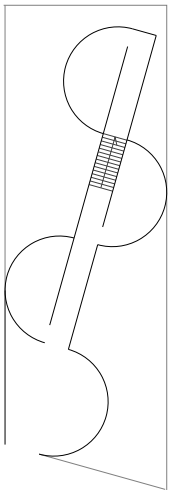


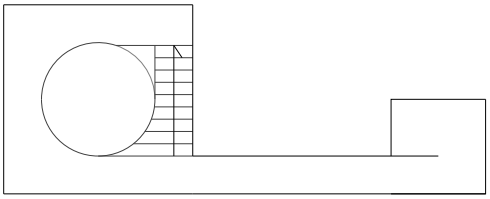








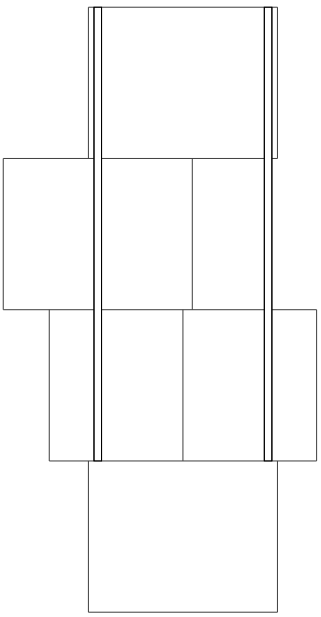


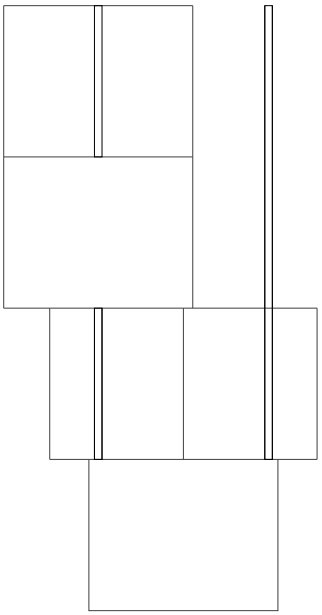


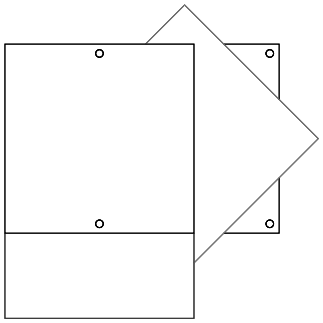
terreno 02_rua da formiga, porto
1/400

Outras ideias de projeto, menos exploradas, seriam desenvolver a casa em pisos, subindo em altura para daí partir um centro comum a todos os pisos, fazendo-o zona de circulação; ou criar um poço de luz que perfurava e unia visualmente todos os espaços; ou ainda programa em conjunto, os espaços húmidos da casa. Surgiu-me também a ideia de desenhar uma casa que fosse um corredor que agregaria os vários programas.





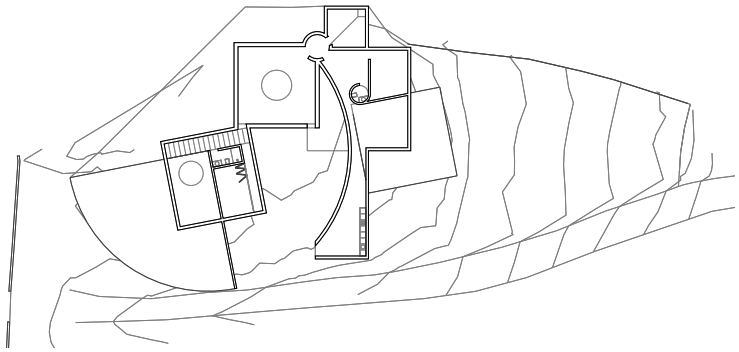




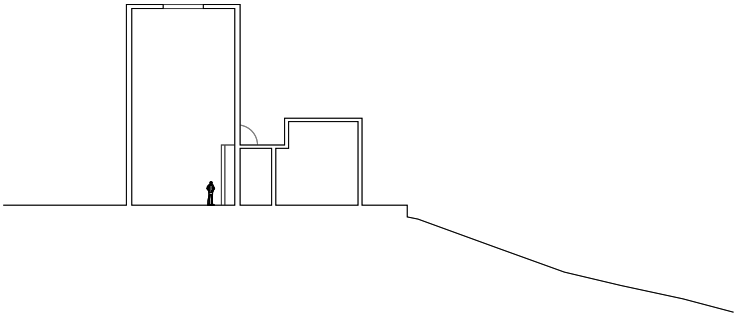
terreno 02_rua da formiga, porto
1/400

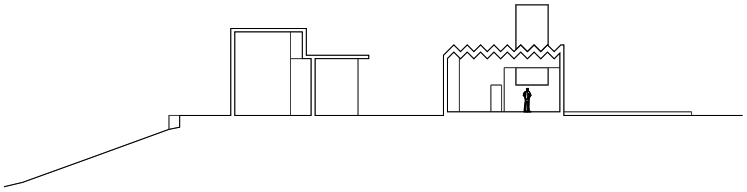
Outra ideia partia duma sobreposição de cubos sobre uma estrutura de quatro elementos verticais e da rotação desses cubos sobre a mesma base criando em cada piso espaços iguais, mas marcados de forma diferente consoante a localização das colunas no interior.

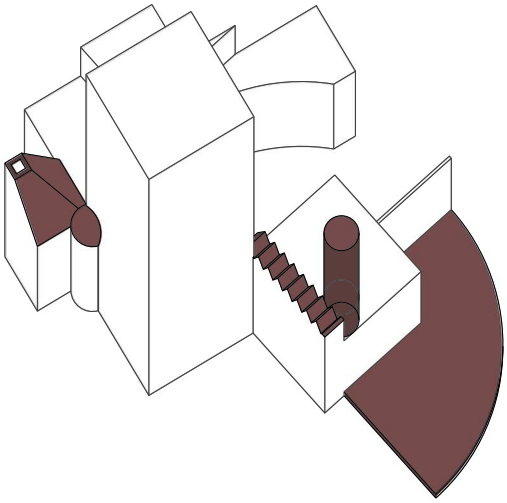












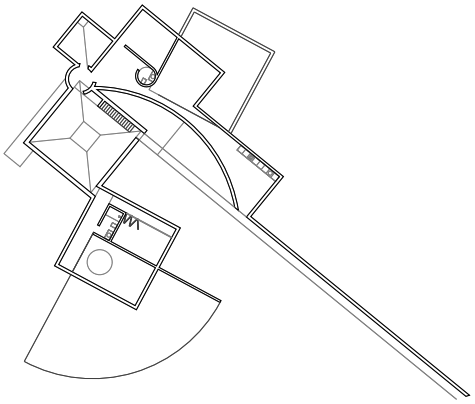
terreno 03_serra da aboboreira

1/500

O terceiro terreno na Serra da Aboboreira situava-se num ponto de cumieira onde se contemplava uma vista 360º sobre a serra. O projeto que desenhei para este lugar era fruto de uma composição de figuras geométricas e dos volumes por elas criados. Quis manter o espaço polivalente e de grande escala. Desta vez experimentei-o no centro da casa, como elemento central do projeto, que além de fazer a conexão entre as diferentes areas, tornava-se parte integrante deixando de ser lido como secundário. Neste contexto fez-me sentido criar espaços agregados à casa, mas exteriores, planos que desenhassem a envolvente e permitissem desfrutar do ar livre e das vistas isoladas. Procurei na mesma conferir uma identidade a cada um deles desenhando-o de forma distinta nos seus limites e coberturas.



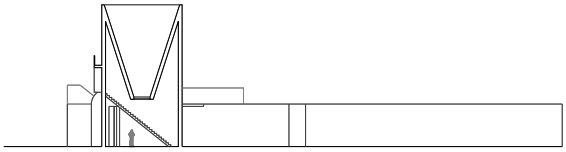


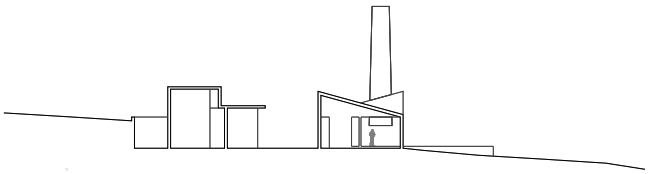


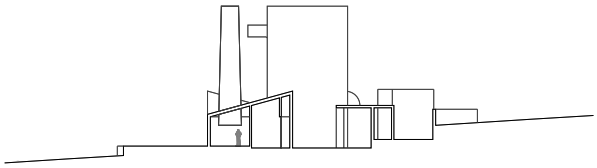
terreno 04_torres vedras

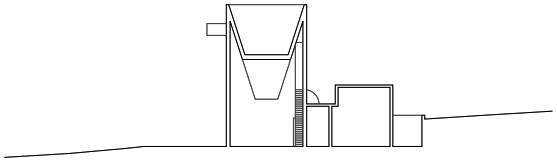
1/400

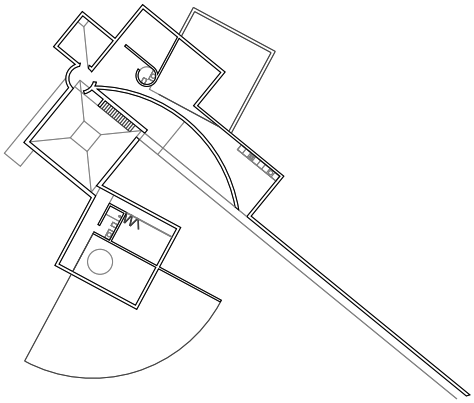
O terreno de Torres Vedras é exponencialmente maior que os anteriores. Tendo chegado a uma ideia de projeto que me agradou bastante, fiz o exercício de trazer o projeto do local anterior com ligeiras alterações e pousá-lo neste vasto terreno. Esta casa reunia os temas que mais me interessavam trabalhar. Trabalhar com volumes, trabalhar em altura, partir de uma composição de figuras geométricas e ceder a cada espaço uma identidade própria.

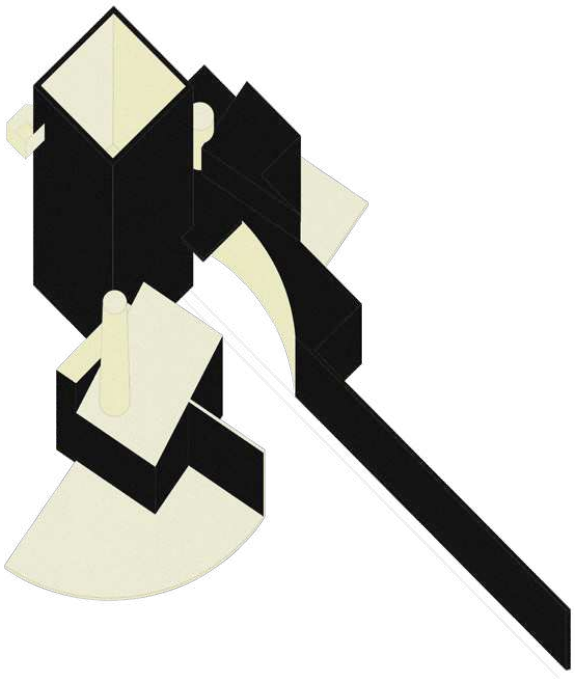








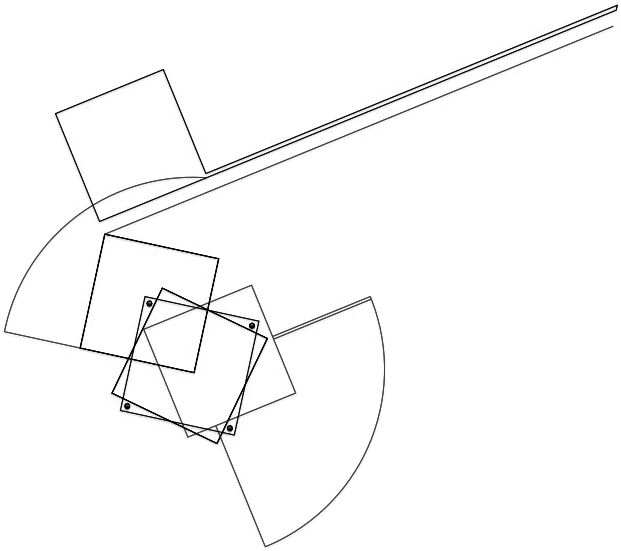


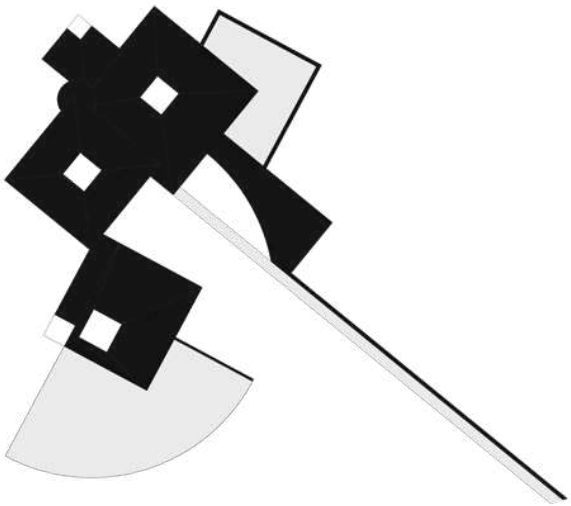


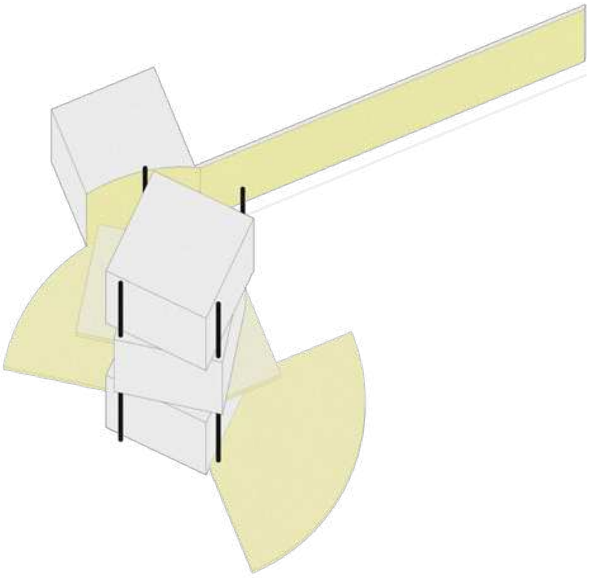
terreno 04_torres vedras

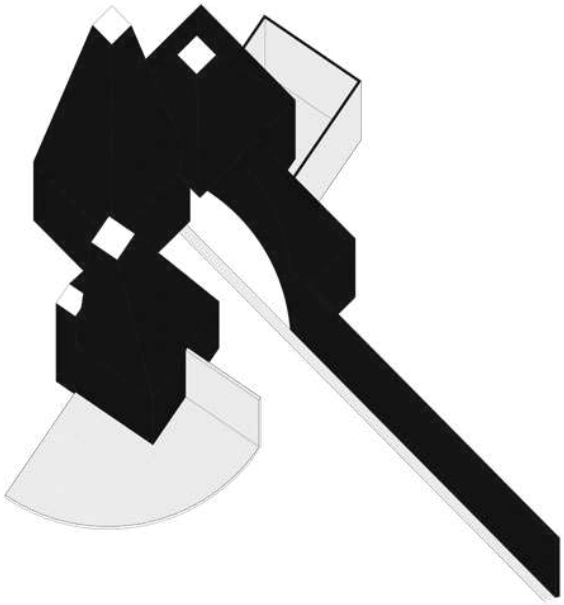
1/400

Comecei a desenvolvê-lo mais e a trabalhar mais em corte, pensando as relações entre volumes e entre programas e a espacialidade interior que pretendia criar. O volume central tinha que ser o foco da casa e, por isso mesmo, a casa devia virar-se para o centro.



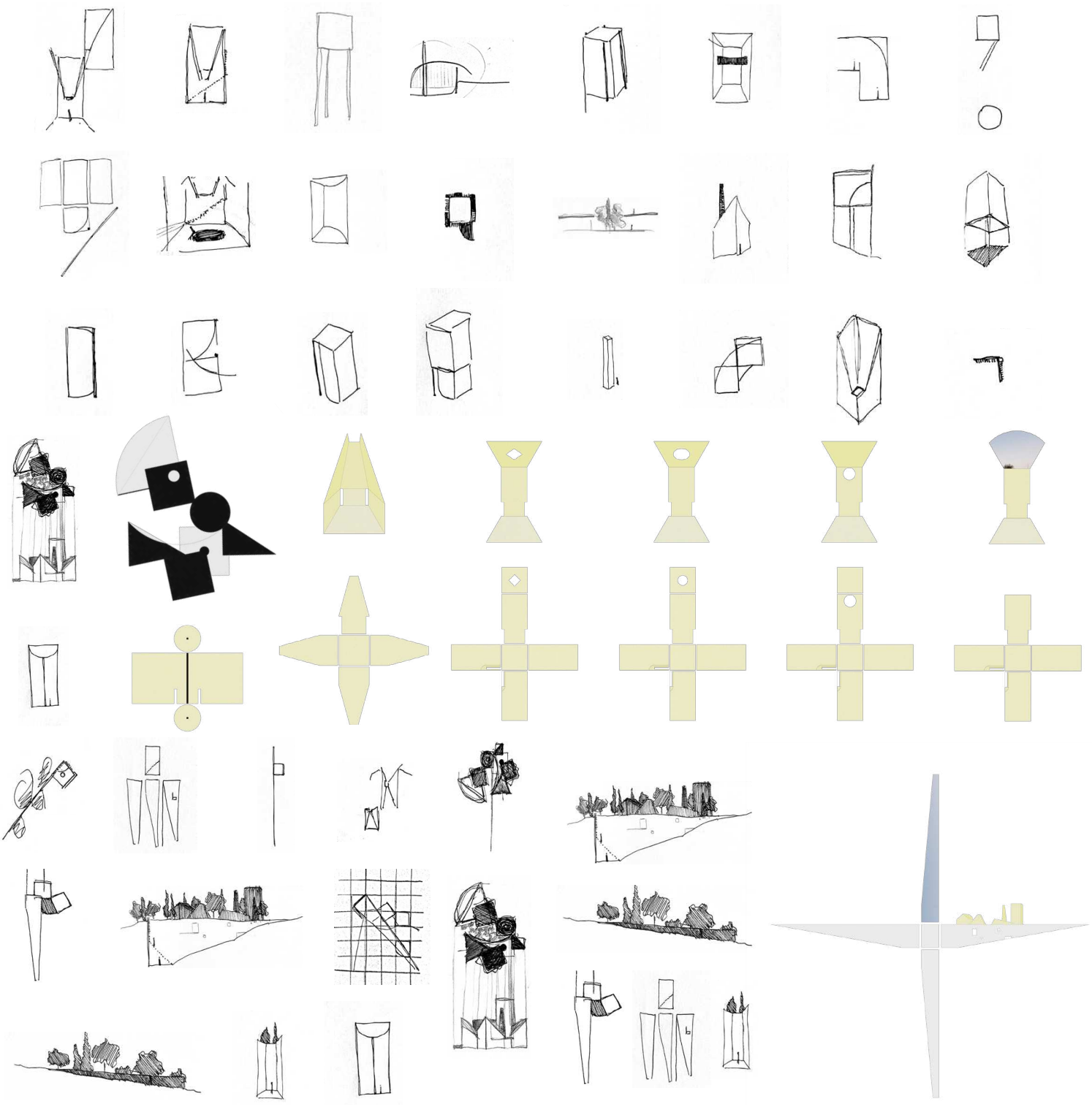






terreno 04_torres vedras
1/200

Cheguei a um ponto do desenvolvimento do projeto que senti estar muito presa à casa tal como a tinha feito até ali. Tive necessidade de fugir a esta concepção de volumes e voltar a experiências anteriores, ou mesmo novas, não esquecendo sempre os temas que queria trabalhar.



Utilizei esquissos, como ferramenta para me soltar mais facilmente do que tinha, reuni várias ideias e imagens chave que me ajudaram a consolidar o projeto e a voltar à casa, sempre tendo em mente a espacialidade interior, olhando agora o exterior, como resultado desse estudo interior.

No final aritmético do semestre, consolidou-se um objecto. Uma “casa”, um “projecto”, uma “ideia”. Em limite, um protótipo de qualquer coisa que podia ser real, ainda que nunca tenha sido esse o objectivo.
Os projectos foram apresentados em dois momentos a dois júris, um da academia e outro da prática; cada aluno, que agora era também autor, levou consigo o que bem entendeu.





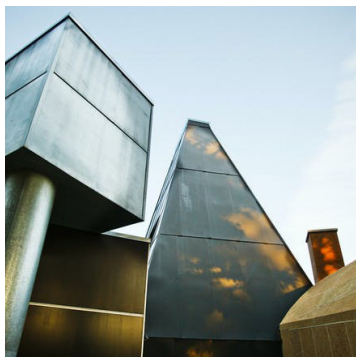
o terreno de torres vedras

1/1500

Tendo chegado a altura de tomar decisões e de me comprometer com uma proposta, voltei a olhar o terreno e a perceber o que me levara a escolher aquela localização num tão vasto terreno, de maneira a relembrar as convicções de princípio que me permitiram avançar.
O local que escolhera não só era um dos pontos mais altos do terreno, não havendo portanto barreiras de visibilidade, nem à luz solar que condicionasse o desenho de projeto, como também se situava perto de um acesso que descolava do arruamento com alguma vizinhança. Afastei-me de outros acessos ao terreno que se faziam por estradas com muita movimentação rodoviária, e por isso, tinham muito ruído associado.

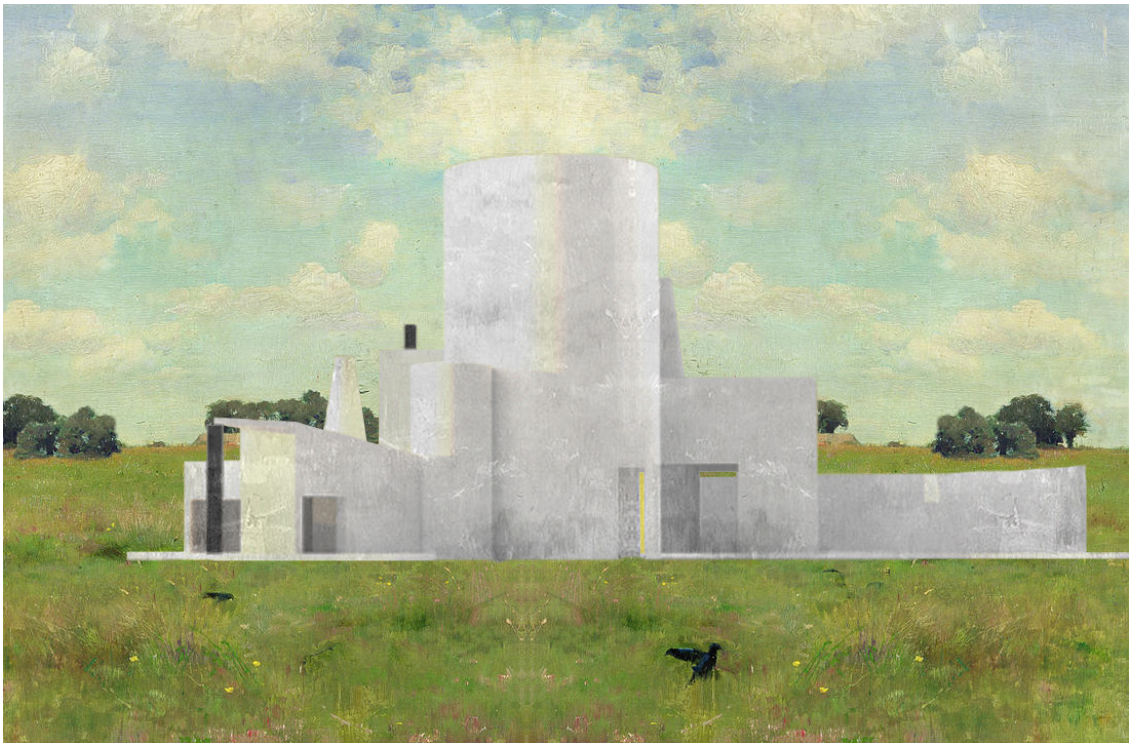


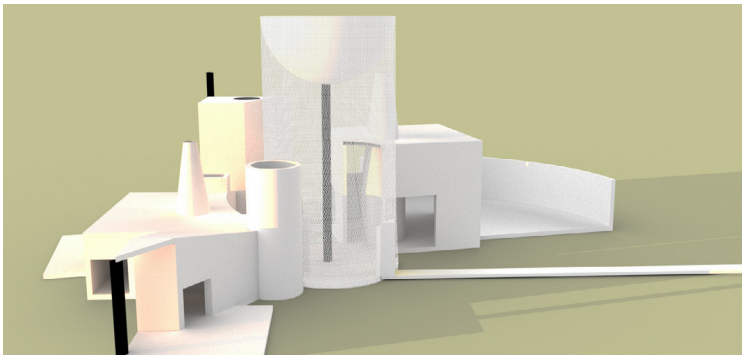


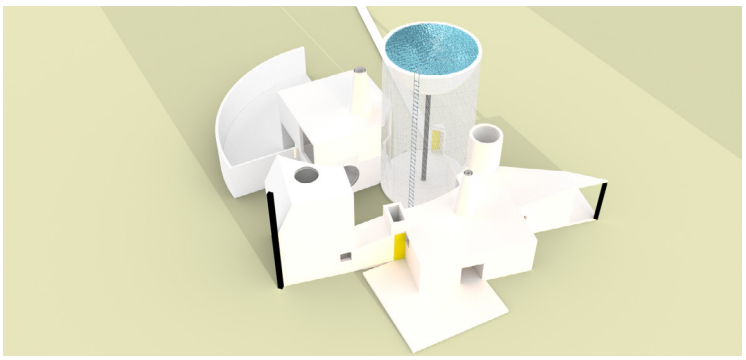


frank gehry
winston guest house
1987

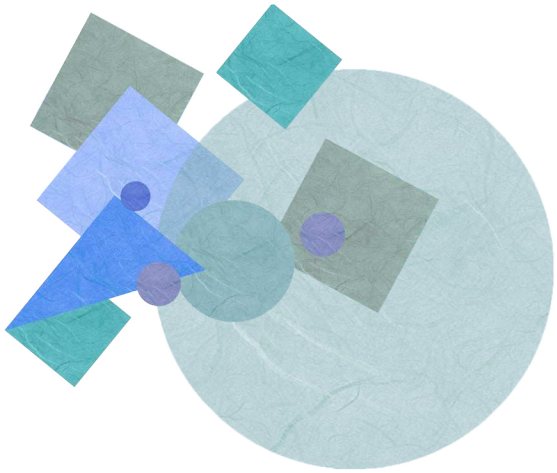
Fui estudar a Winston guest house do Frank Gehry que abordava muitos dos meus temas de projeto. A casa é composta por volumes com identidades distintas, não só formalmente, como na sua tectónica, sendo todavia indissociáveis. O volume da entrada é o espaço com maior pé direito e é o centro da casa que une e agrega todos os outros volumes. Os vãos são muito controlados e muito esporádicos, nos momentos necessários e de forma pensada para informar e formar o espaço interior.

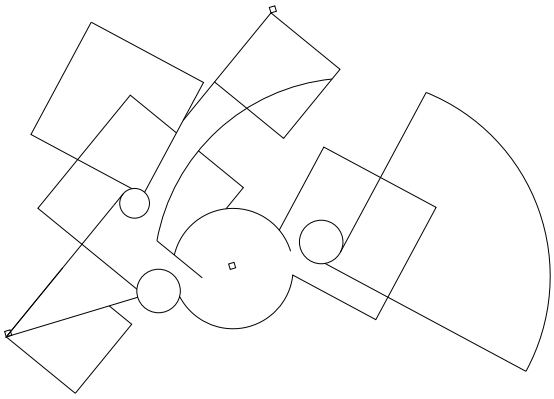


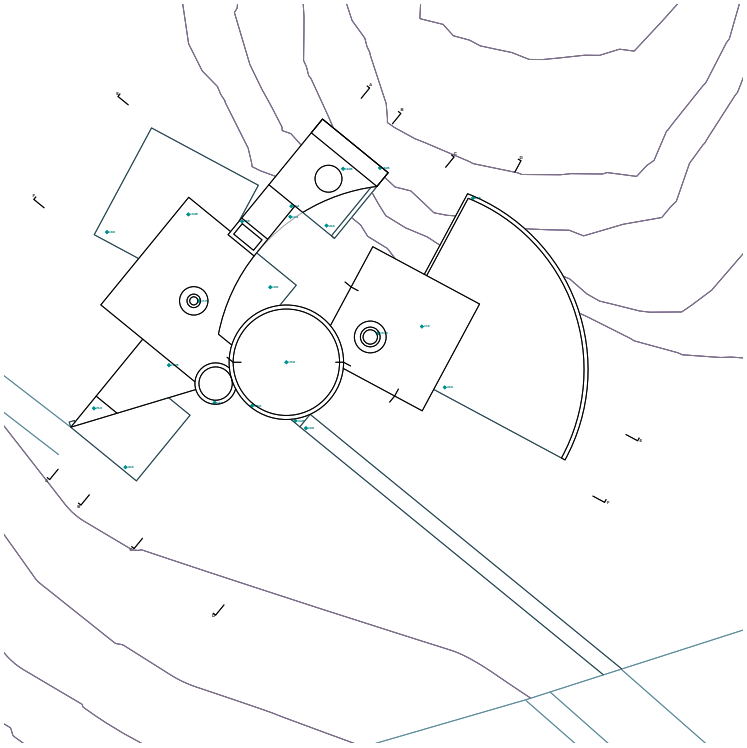


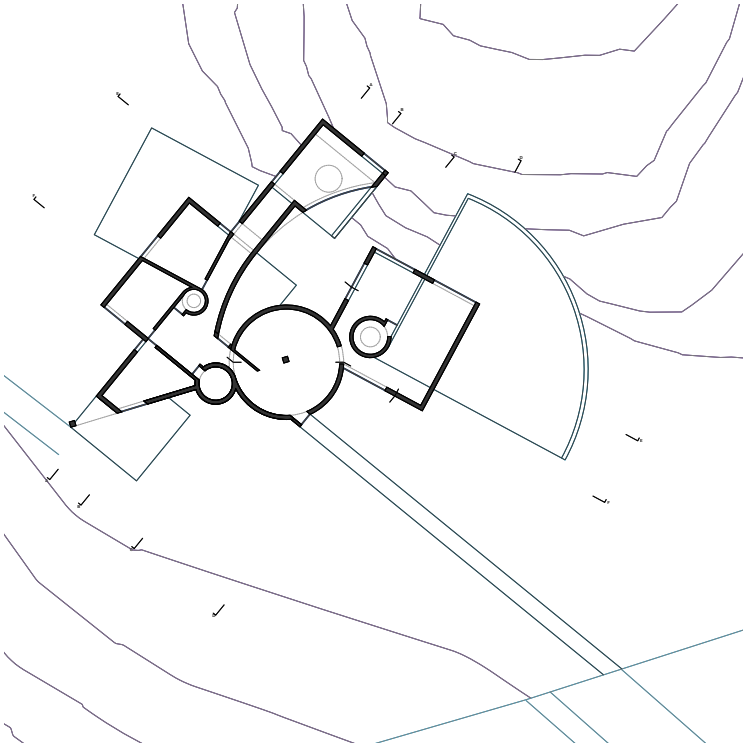


O meu projeto também se assumia em volumes com identidades próprias e com um volume central sobranceiro aos outros. Com tanta diversidade de espaços interiores e com tanta informação diferente no mesmo projeto, fez-me sentido reforçar a união do mesmo, dando aos volumes a mesma cor, o branco, pontuando certos espaços com elementos verticais de cor contrastante, o preto. Estes três elementos verticais teriam virtualmente a mesma função, marcar aqueles espaços, mas tecnicamente funções distintas, uma localiza-se no volume da cozinha e serve de chaminé ao exaustor; outra marca o ponto central do volume principal; a mais pequena é uma coluna que enriquece um dos espaços exteriores.





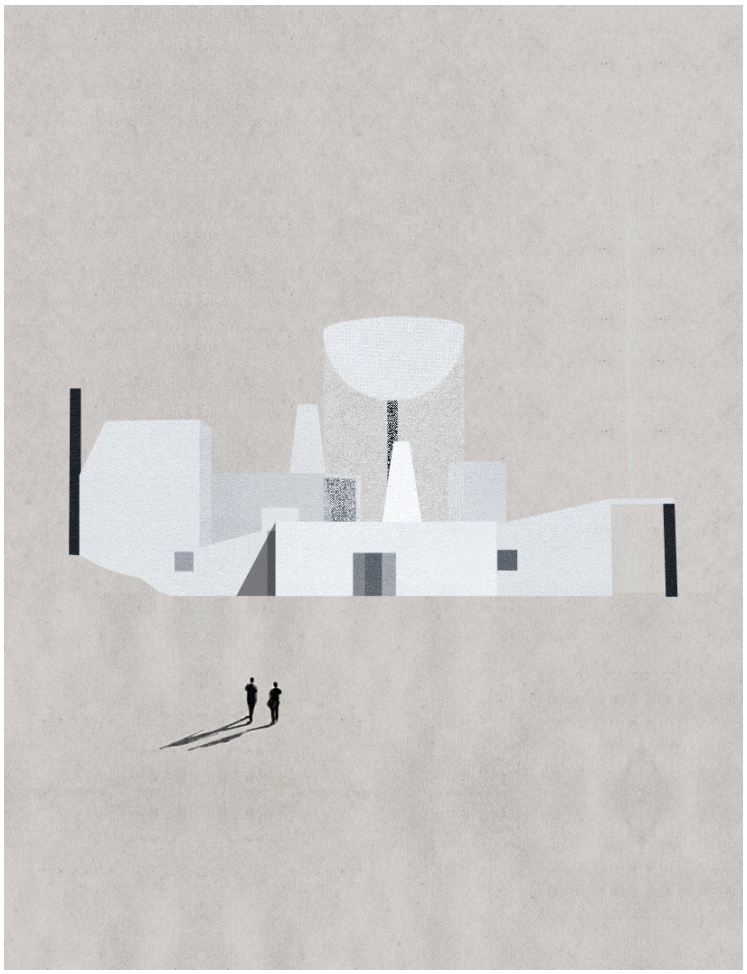


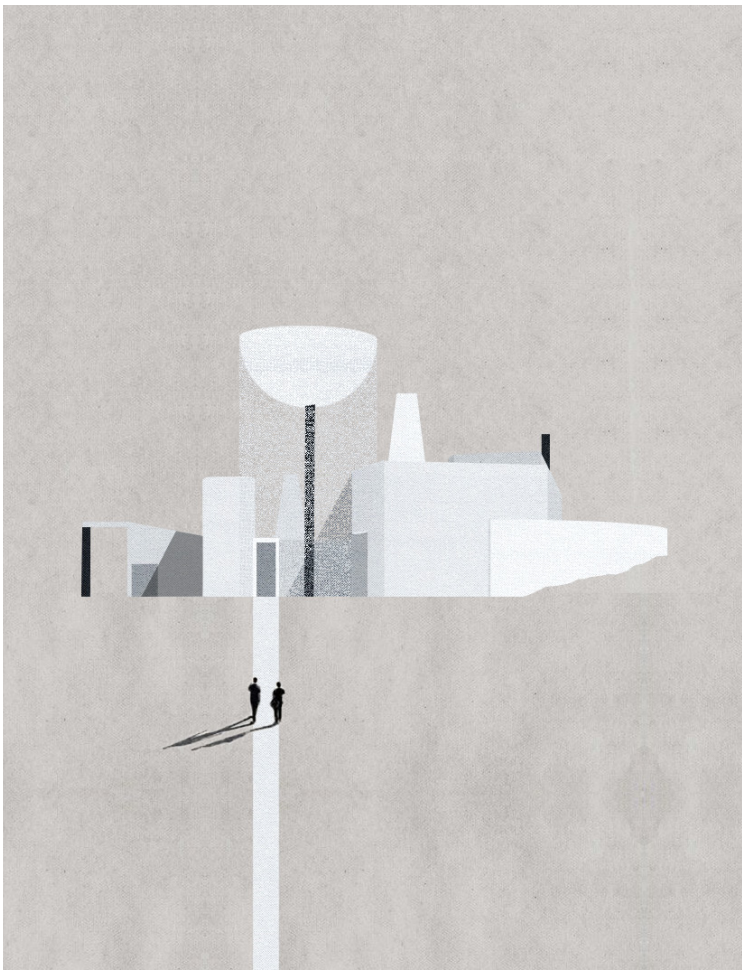


o processo que levou ao desenho da planta

1/500

Os desenhos acima foram parte do processo que me levou à construção da planta. Parti então de figuras geometricas puras, como o quadrado, o triângulo e o círculo e olhando-os como espaços criei relações e dei-lhes programas específicos de uma casa. Começo com uma imagem mais abstrata da planta na primeira imagem e termino com a planta técnica correspondente.

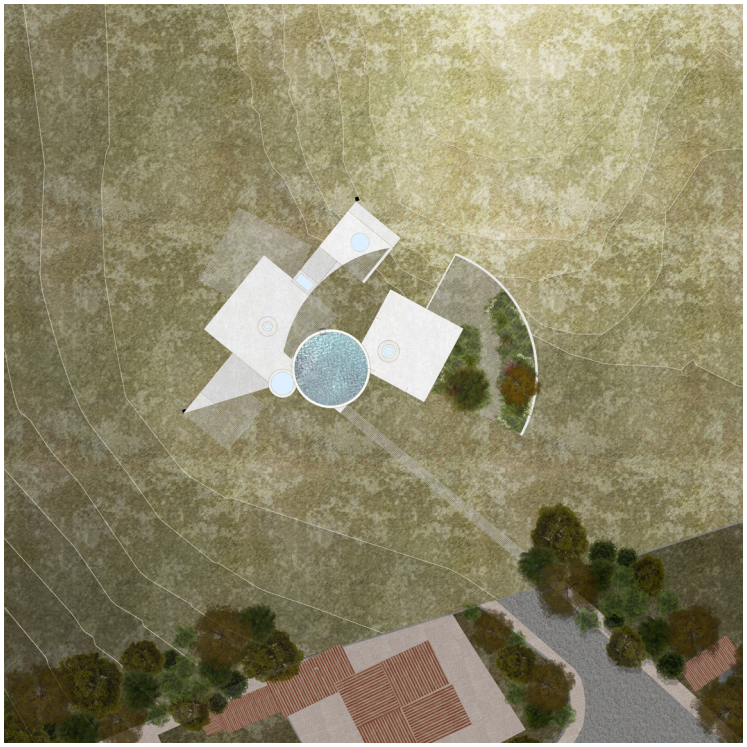




alçado norte

alçado sul

Como se lê no alçado sul (desenho da direita) existe um percurso longo e retilíneo que leva à casa. Era minha intenção promover ao morador uma abordagem à casa em aproximação, onde primeiro é contemplada a casa no seu todo, percebendo os diferentes volumes brancos surgindo no terreno amplo e plano, quase como uma escultura na paisagem, e notariam as suas especificidades à medida que caminhassem na sua direção e se aproximassem dela.

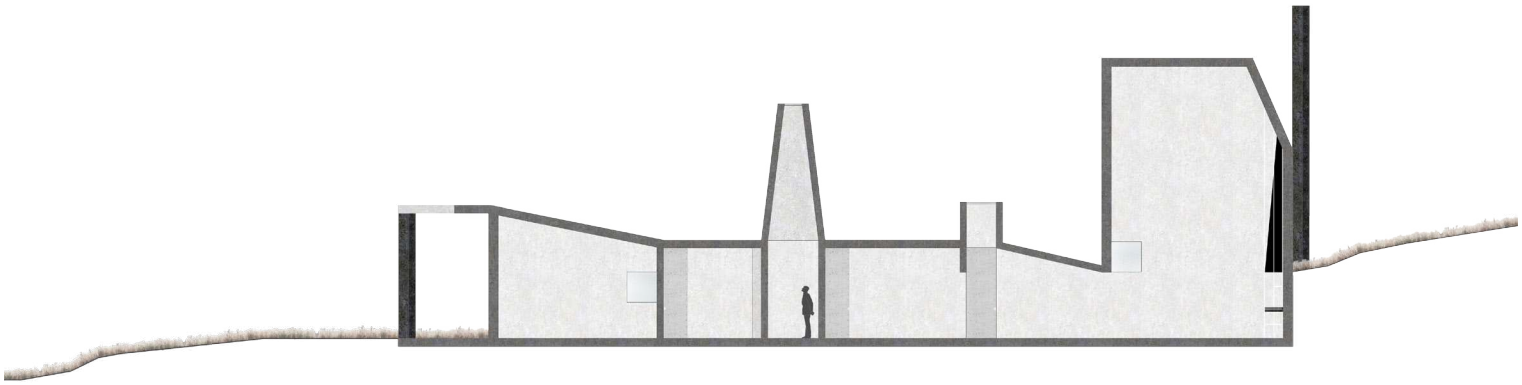


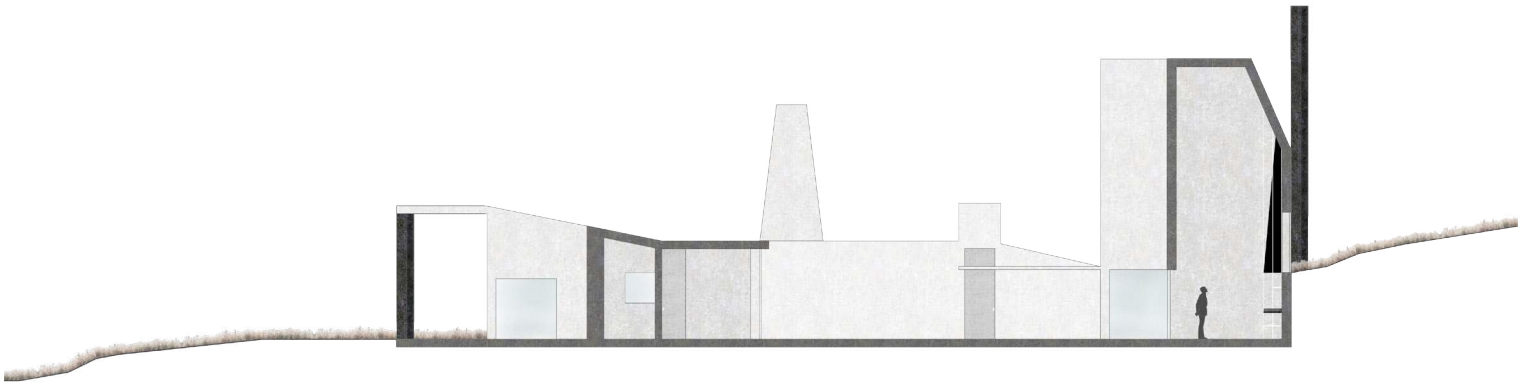


planta cobertura

planta piso 0

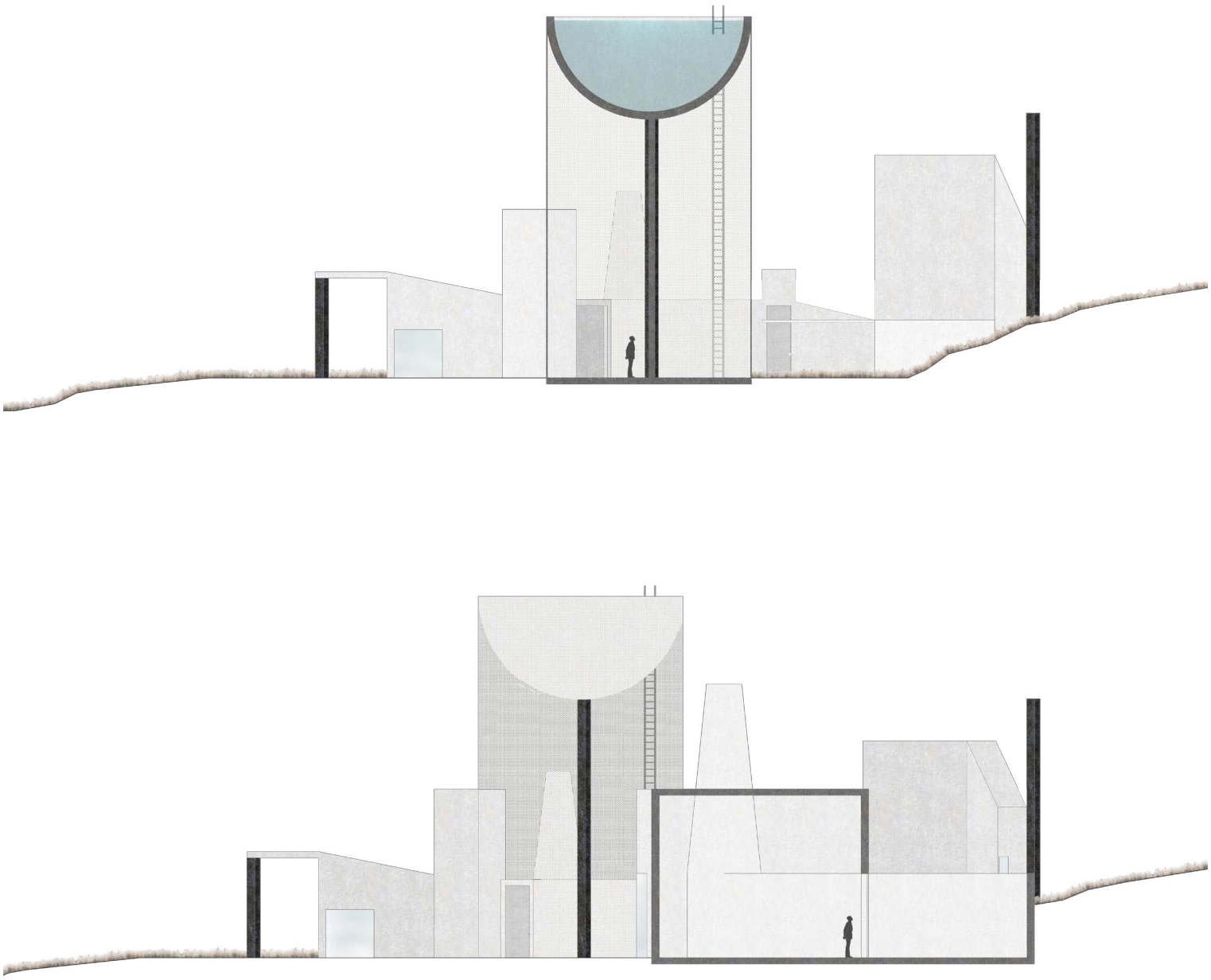
Nas plantas entende-se a relação que a casa tem com as casas vizinhas e com o momento de entrada no terreno. Reforçando as ideias faladas na página anterior, o facto da rua de acesso ao terreno ser comprida, permite uma aproximação à casa que marca o final da rua com os seus volumes brancos.
Olhando mais patentamente para a planta distinguem-se as duas possíveis entradas na casa. A principal, que se encontra no volume central, assumindo-se como a entrada formal, não obstante existir uma outra pelas traseiras, mais perto da cozinha que se oferece como uma entrada secundária.





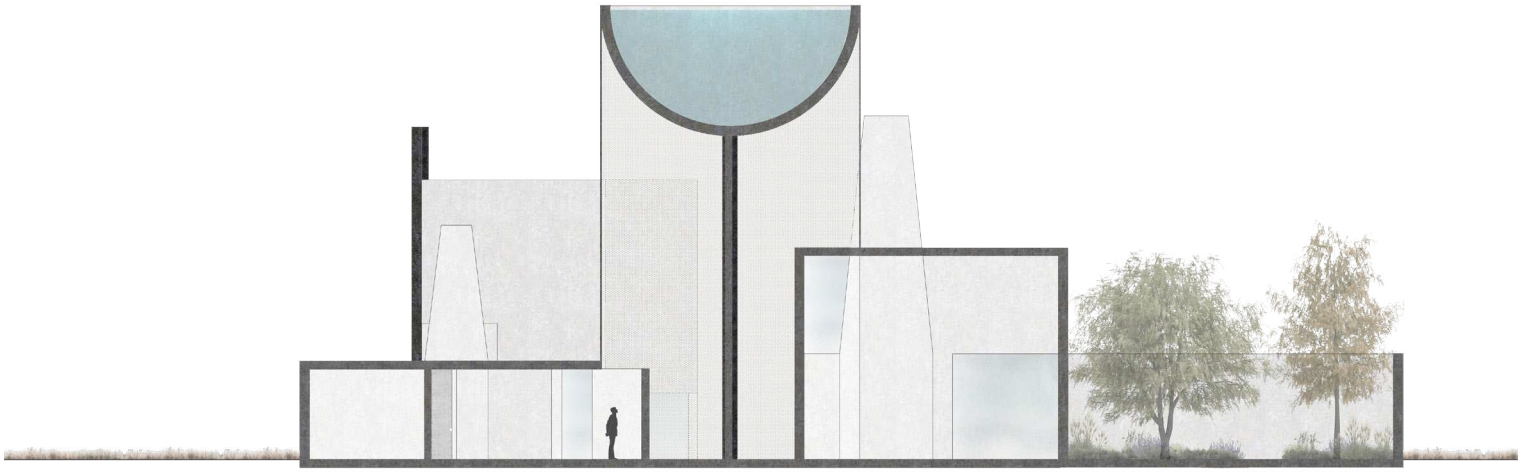
cortes
1/250

Nos cortes percebe-se a comunicação dos diversos compartimentos e a diversidade dos espaços interiores anteriormente mencionadas. A contiguidade dos ambientes é garantida pela cor branca.



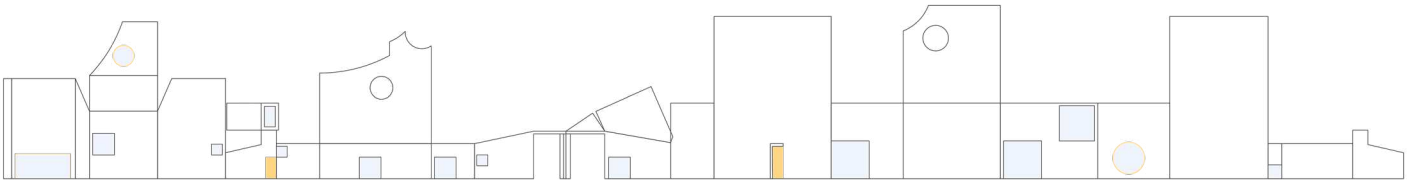
cortes
1/250

Nos cortes acima pode observar-se a relação entre os três elementos verticais.





cortes
1/250

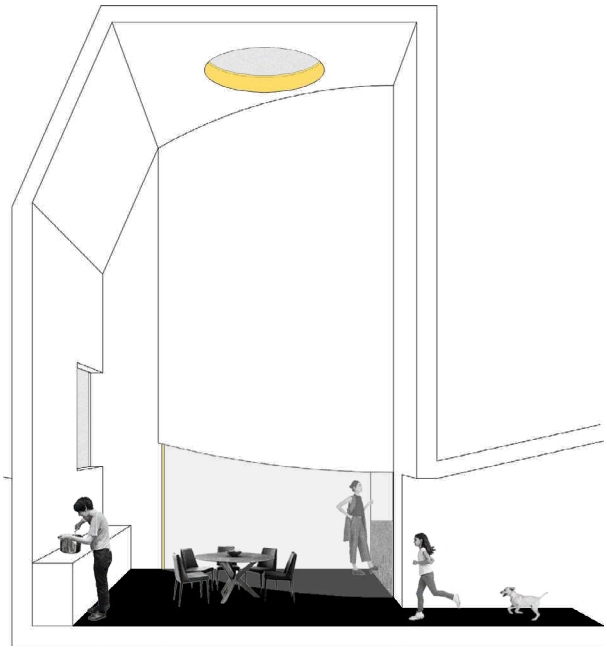


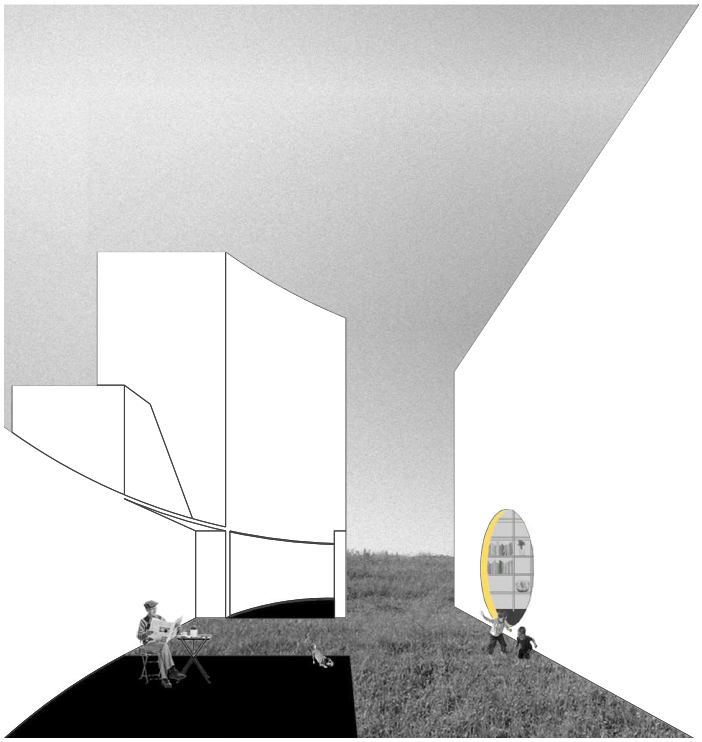


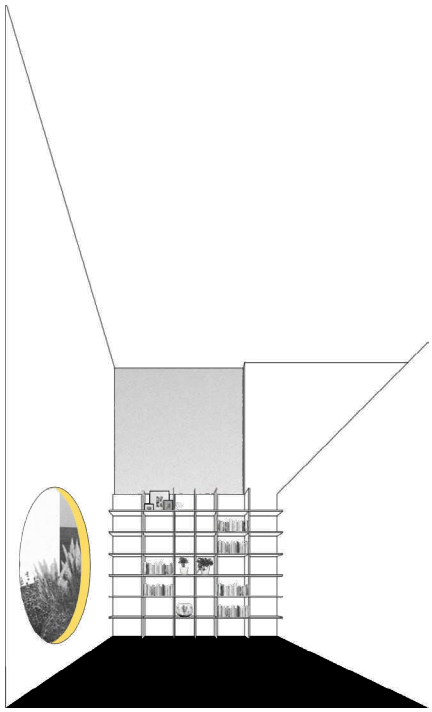
kazuo shinohara
tenmei house
1988

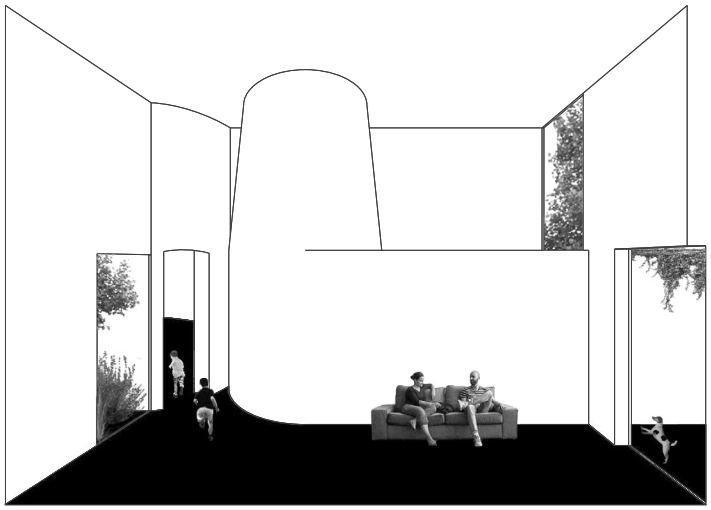
composição de vãos

Quanto ao estudo dos vãos, como seriam desenhados, a quantidade que fazia sentido nesta casa e as suas questões formais, tomei como referência esta fotografia da tenmei house do arquiteto Kazuo Shinohara. A casa que estava a desenvolver era como uma tela em branco que necessitava de uma pontuação de cor. Para uniformizar ainda mais o meu projeto, dada a diversidade de espaços e formas volumetricas, pareceu-me sensato criar uma regra na composição dos vãos. Todos os vãos necessários e desenhados seriam quadrados, assim trazia novamente as figuras geométricas puras para cima da mesa, e onde existissem portas para o exterior e a necessidade de fugir à monotonia da regra do quadrado, em espaços devidamente pensados para tal, abria vãos circulares. Tanto estes como as portas exteriores teriam uma cor amarela, distinguindo-se assim, sobre a tela branca.

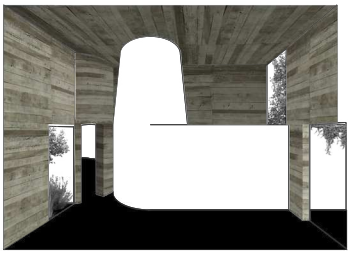


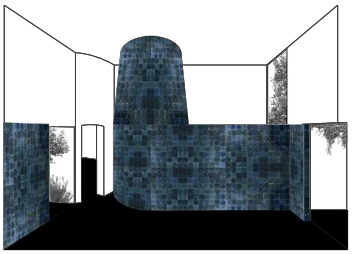


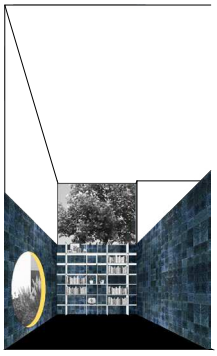
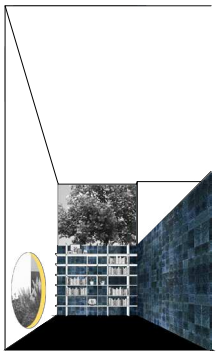


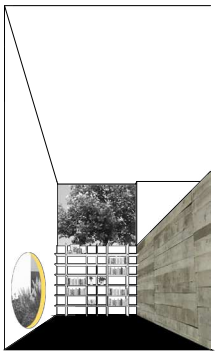
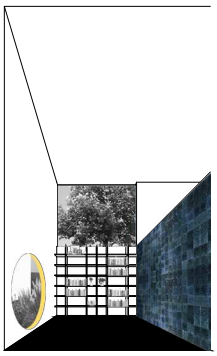


Nas axonometrias acima mostradas procurei retratar alguns dos espaços comuns e revelar a sua espacialidade e de como os vãos exceção marcam a caracterização dos espaços.

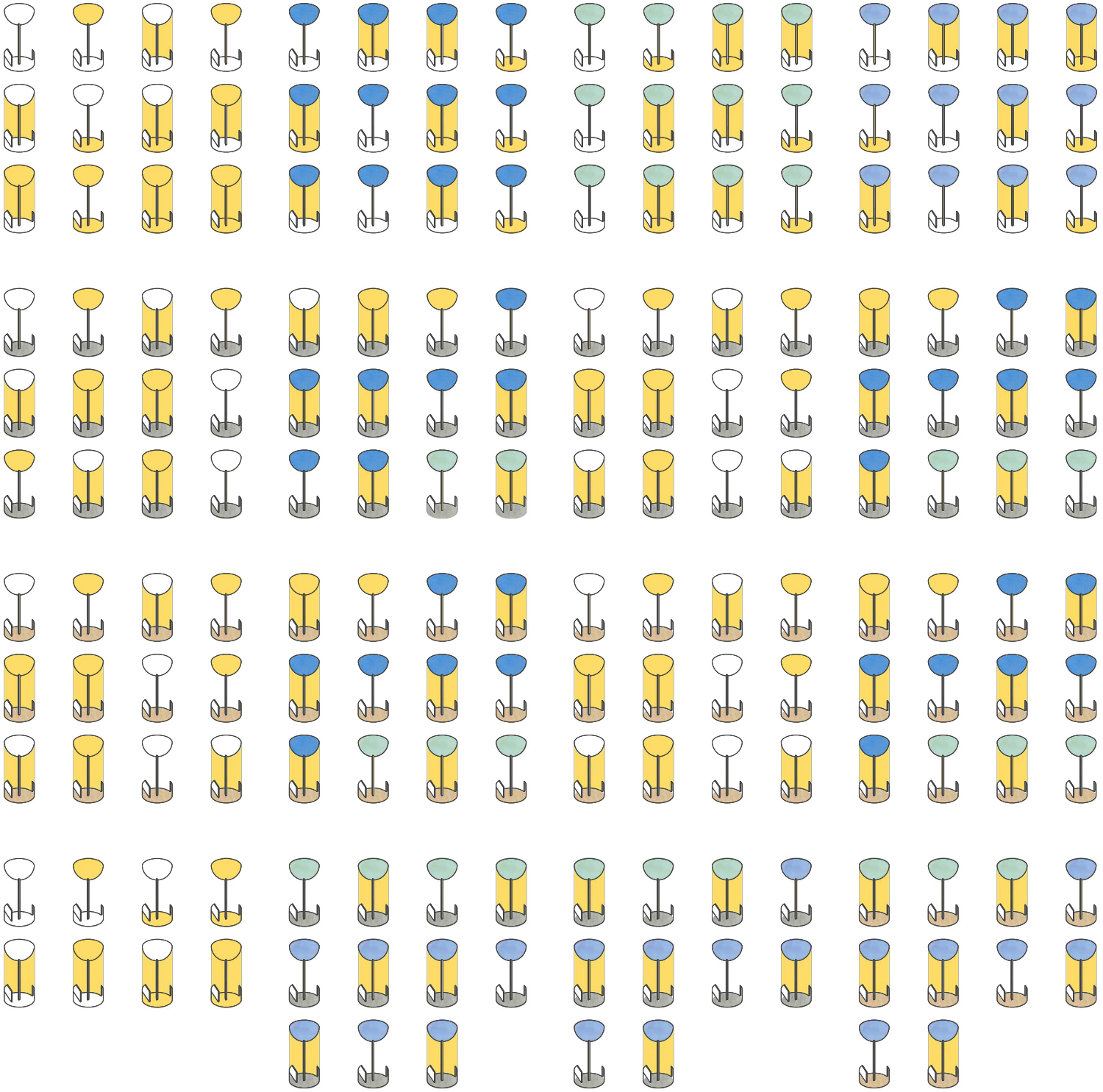





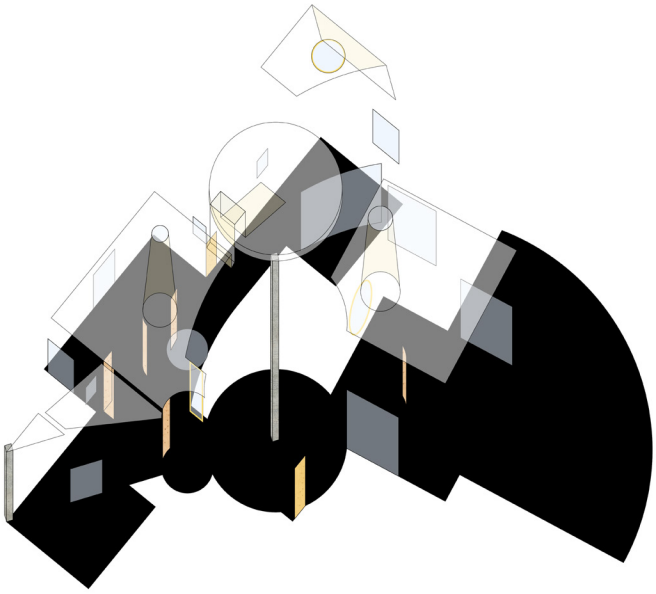



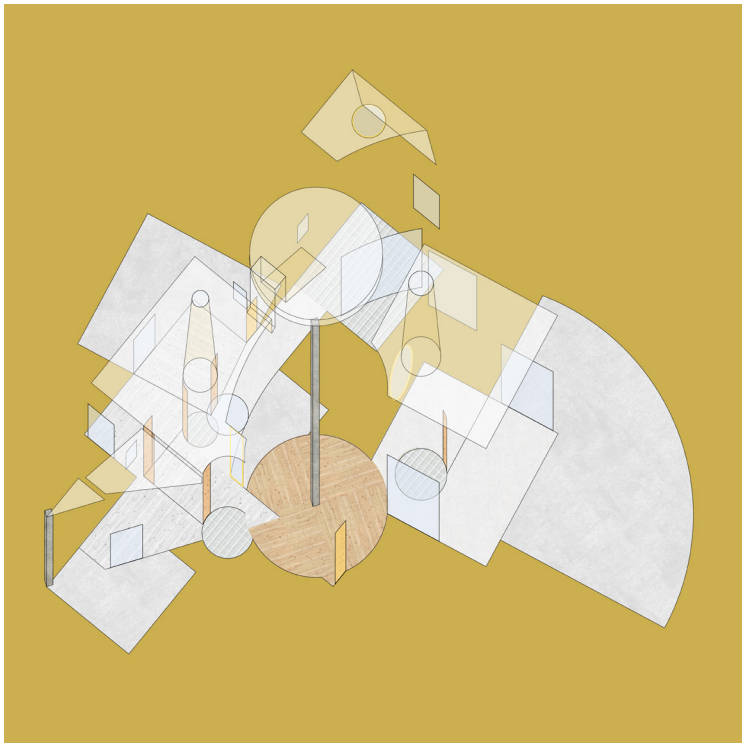



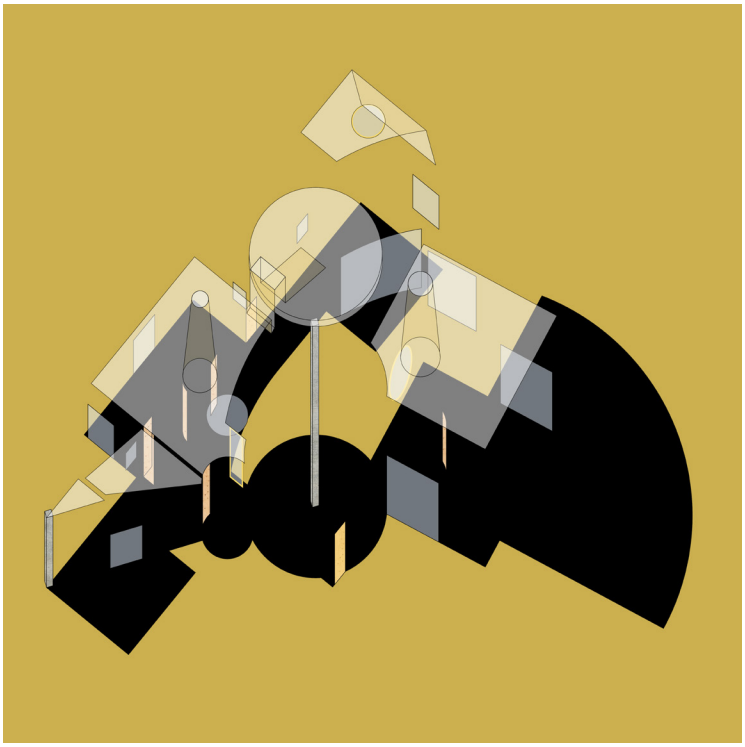
Até aqui fui mencionando a cor branca, mas a certa altura precisei de tornar a cor num material em concreto. Equacionei materiais que tornariam esse tema abstrato da cor num tema real e palpável. Foi nesse confronto com a realidade que pensei fazer sentido, antes de seguir pelas opções mais obvias, que seriam procurar materiais brancos, experimentar materiais neutros, como o betão, e até materiais que vinham contrariar a ideia do branco, como os cerâmicos azuis das imagens acima. Rapidamente percebi que não era isto que eu queria e fiquei mais confirmada e firme na decisão de seguir com o branco cor e branco material.

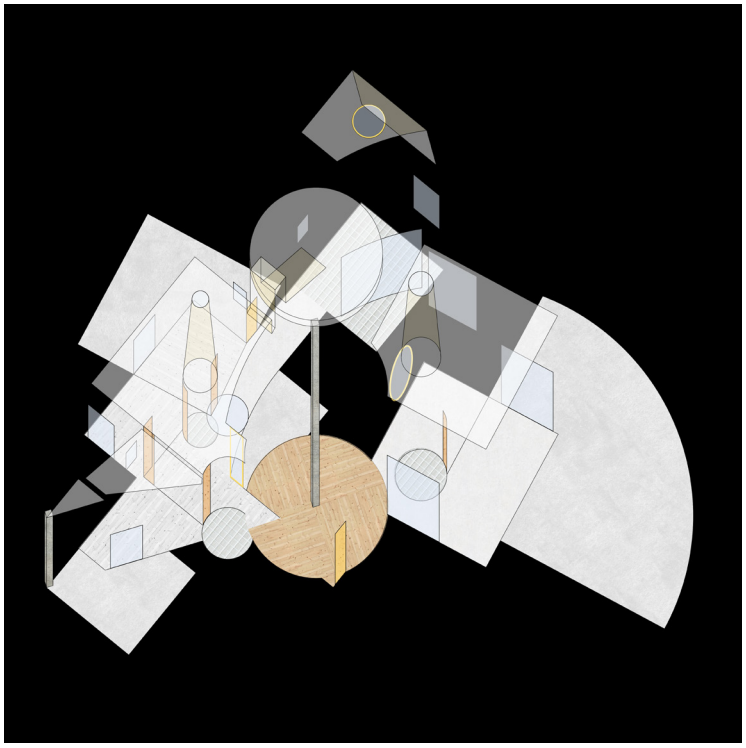


Sem abandonar a experiência da cor fui explorar o mesmo tema na área central. Se pretendia realçá-lo poderia dar-lhe cor. Fiz então várias experiências onde peguei em quatro cores e combinei-as de maneira distinta adicionando materiais como madeira, betão e pedra.



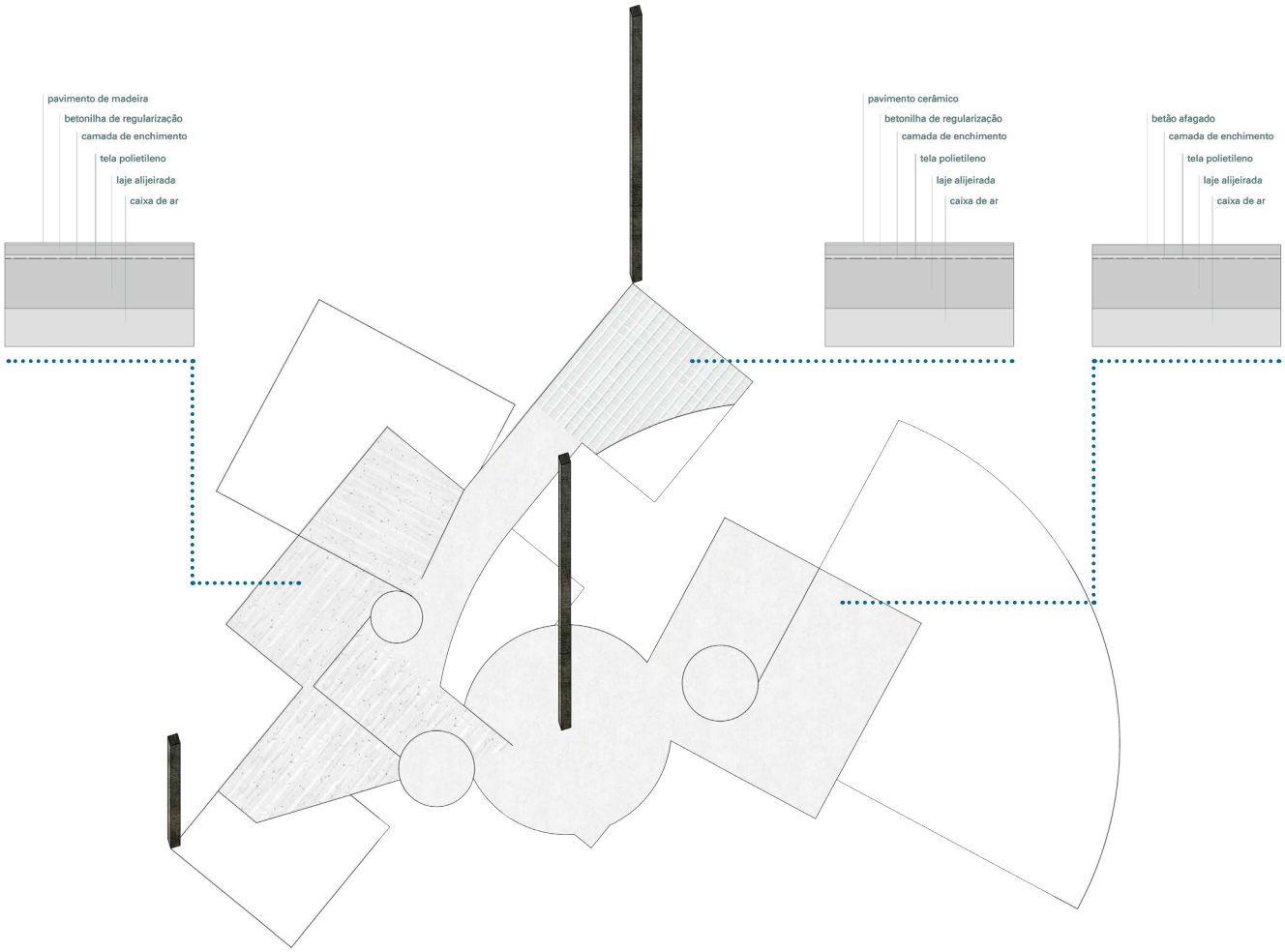






comprehensive drawing - estudo da tectónica no todo

Revi o projeto como um todo, trazendo algumas das combinações que fizera anteriormente. De facto os diferentes materiais e cores davam ao espaço central atmosferas com algum interesse, e acabaram por tornar óbvio o destaque que eu pretendia dar a este volume, mas senti que seria algo forçado e que seria redundante, sendo que o volume só por si já comunicava esse realce. Decidi portanto regressar à tela branca.



A partir da tela branca fui então identificar materiais que servissem os espaços e os seu programas de uma forma sensata e que maximizassem o potencial da sua utilização. Dei então nomes àquilo que até agora era apenas cor branca. Cerâmica nos espaços húmidos, madeira nos quartos e betão nos espaços comuns restantes, não deixando de realçar os três elementos verticais a preto, contrastando no branco e acentuando a sua função de destaque.

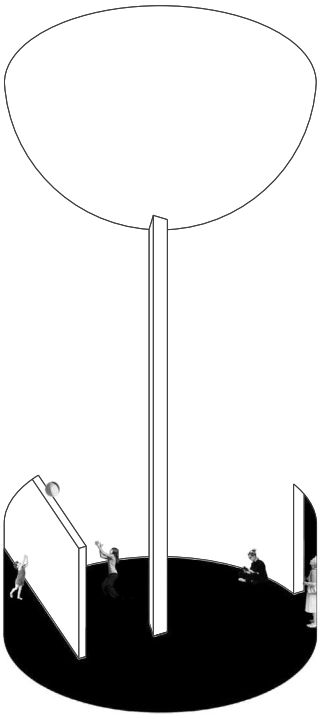




sanaa
multifunctional building of the serralves foundation
2008

volume da entrada

O volume central, sendo o volume da entrada, é por si um momento de transição entre o exterior e o interior. Procurei trazer poesia para este espaço tirando partido da chapa perfurada para limitar e encerrar este volume. Sendo um material perfurado deixa passar luz, e também não sendo opaco permite ver através dele. A ideia seria que o volume da entrada fosse um momento de transição entre o exterior e o interior, parece que estamos fora, mas estamos dentro, é uma espécie de limbo entre a rua e o interior da casa. A chapa perfurada permite a quem chega a casa ver o que se passa no seu interior e vice versa. Por outro lado, os volumes da casa são percetíveis através da chapa perfurada.

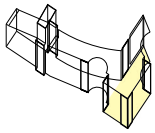




O volume da entrada não só é um espaço multifuncional, com capacidade de albergar diversas atividades, como se mostra na imagem da esquerda, como no topo existe um tanque de água que serve como piscina, um momento poético que oferece a oportunidade de nadar nas nuvens.



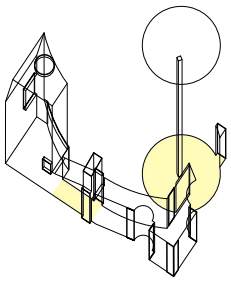




Com as seguintes imagens procuro retratar o ambiente vivido no interior, este sendo um espaço intersticial de circulação ou de ligação entre volumes, mas oferecendo área suficiente para albergar atividades que não apenas a função de corredor. Percebem-se já os elementos de iluminação que, de certa forma, estariam ligados entre si conduzindo o percurso da casa. Vemos também a volumetria do interior e a sua espacialidade com a luz e os vãos de exceção emoldurados pela madeira pintada de amarelo. Contrariamente aos espaços comuns com um pé direito exageradamente acentuado, este momento da casa é mais contido e confortável cabendo na típica definição de espaço íntimo e acolhedor.



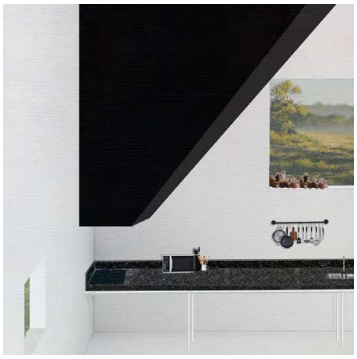
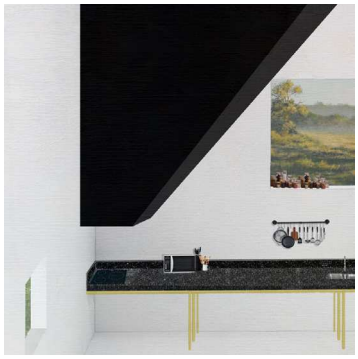
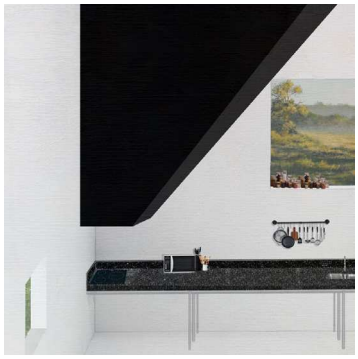
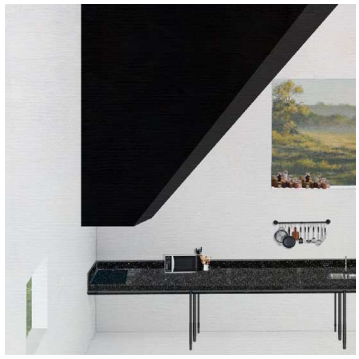




Os dois espaços retratados nas imagens acima são portanto os espaços de chegada a casa, tanto pela entrada principal na primeira imagem, como pela entrada secundaria perto da cozinha, na segunda imagem.











estudo da cozinha

Este foi um estudo para a cozinha. Considerei a hipótese de desenhar o mobiliário de maneira a completar a escultura branca que fizera. Queria que o protagonista dos espaços fossem sempre as paredes brancas com as suas dimensões e a espacialidade interior que ditavam os sítios. Nesta perspetiva desenhei peças de mobiliário leve que formassem peças soltas das paredes como se levitasssem. Quis aproveitar o grande pé direito da cozinha para a pontuar com um elemento que marcasse presença naquele lugar amplo. Escolhi para esse fim o exaustor.
Fiz alguns estudos de cor a tudo aquilo que desenhei sem fugir da palete já decidida, nomeadamente o branco, o preto o amarelo e um tom neutro, o cinzento.

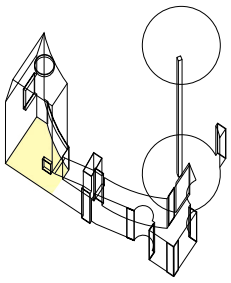


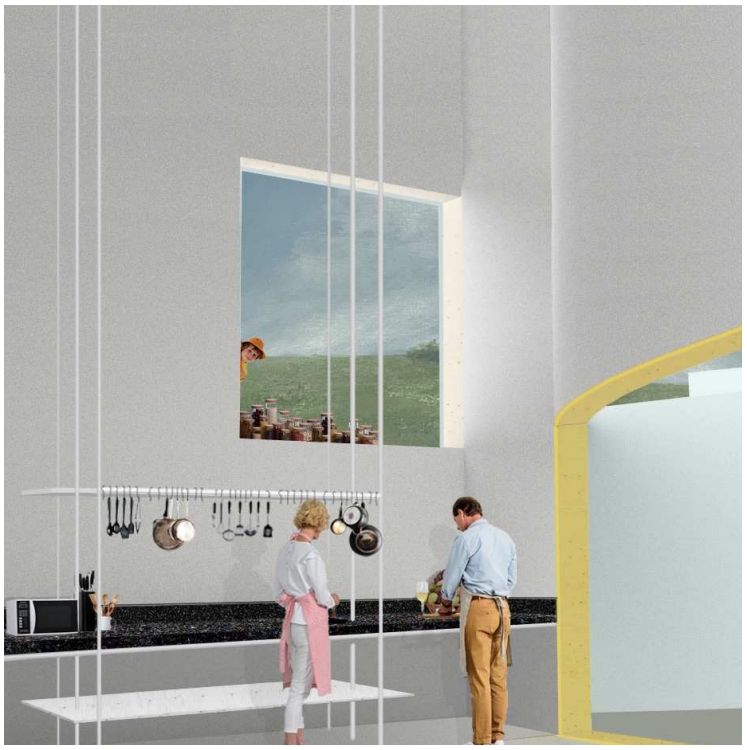




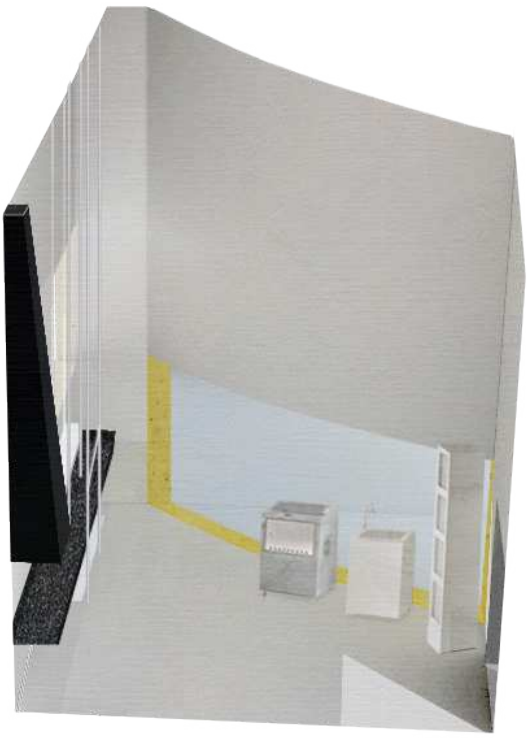


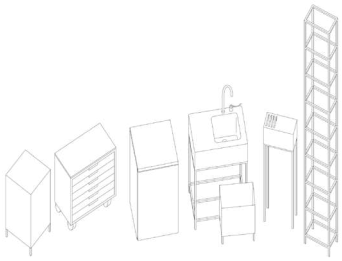
Foi também necessário incluir algum toque de realidade prática e funcional ao mobiliário que tinha desenhado. Era necessário pensar o espaço de arrumação, apesar de querer algo leve e quase acessório, fazia sentido acrescentar prateleiras que pudessem servir para arrumação, tendo também realizado algumas experiências como as que se vêm nestas imagens.



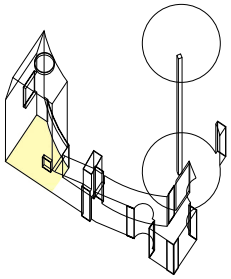


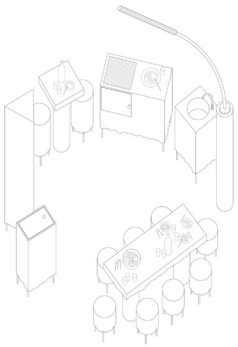














sam chermayeff office
free kitchen
2015

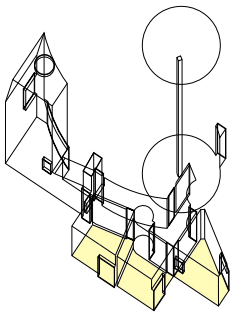
sam chermayeff office
marble kitchen
2021

ambiente interior

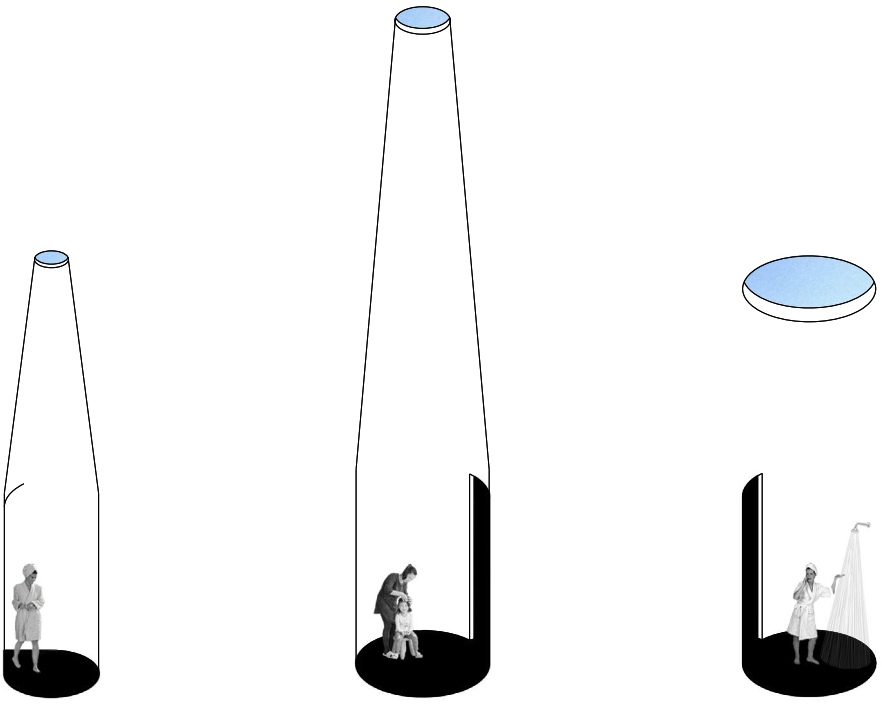
Acrescentando um pouco mais de realidade ao que já aparecia como uma cozinha, tinha que pensar como introduzir os eletrodomésticos próprios e necessários deste programa.
Sam Chermayeff Office fez uma exposição em Barcelona chamada Marble Kitchen onde pegou na ideia de cozinha e decompô-la numa série de peças individuais com a premissa de que "A cozinha é um conjunto de objetos, cada um é uma personagem."; "Ao espalhar o programa em peças, a função em si deixa de estar relacionada com um espaço específico, mas sim com o seu uso específico e, consequentemente, com quem o utiliza. As atividades de preparar os alimentos, cozinhar, comer e limpar são organizadas em torno de diferentes objetos colocados num círculo aberto e flexível."; desenvolveu ainda um outro projeto com o nome Free Kitchen, "...um conjunto expansível de objetos, equipamentos e móveis. É uma cozinha maleável que, embora programática, não prescreve espaço.".
Estes dois projetos interessaram-me muito, não só permitiam estar soltos no espaço da cozinha que eu desenhara como o complementavam. Decidi trazer estas peças para o meu projeto e coloquei-as frente ao grande envidraçado, tirando grande partido do efeito de enquadramento e contraluz como se de esculturas se tratassem.

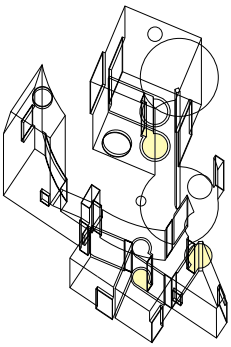






Trabalhei também o mobiliário dos quartos da mesma forma do da cozinha procurando chegar a uma estrutura leve que deixasse as paredes respirar.







Numa procura em trazer mais momentos de poesia à casa tratei um espaço pouco convencional como a casa de banho, numa área de igual importância aos outros compartimentos no que respeita ao ambiente interior. As três casas de banho seguem a mesma ideia de serem espaços altos e afunilados formando um poço de luz rematado por uma clarabóia. Cria-se com este detalhe a sugestão de tomar banho à luz das estrelas.





Como exercício final, foi proposta uma última troca de terreno e dada liberdade total, numa quase ausência de crítica, para que cada um produzisse o seu projecto final. Talvez esse objecto, e este capítulo, seja o único que responde efectivamente ao enunciado do PFA, sendo tudo o resto que o antecedeu apenas processo.

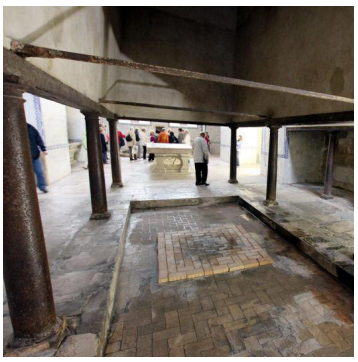
Adolf Loos escreveu, em 1910, que “a casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte, que não tem que agradar a ninguém sendo a obra de arte um assunto privado para o artista e a casa não.” Aos alunos foi pedido o oposto: que, como autores, desenhassem a sua casa como a sua obra de arte, e que apenas a eles a mesma interessasse. Tudo o resto que daí resultasse seria um produto colateral dessa atitude.





O terreno em Rio Tinto, Gondomar, bastante mais pequeno que o de Torres Vedras, é enclaustrado entre a vizinhança. Isso obrigou-me a repensar a ideia que tinha de projeto e retirar a "poluição" dos excessos e a acertar tanto o conteúdo como a narrativa. Se eu estava a trabalhar com volumes tinha de os assumir como autónomos e completos, os volumes distintos tinham que se lêr facilmente e não deveriam estar diluidos entre si. Fazia também sentido que cada volume comportasse em si um programa específico da casa. Quanto ao volume principal, este deveria ser assumidamente um espaço especial da casa. Como um espaço sagrado, dada a importância que lhe queria atribuir, deveria continuar a ser o local de entrada. Todavia em vez de se localizar no centro da casa, como se fosse mais um dos volumes deveria ser o primeiro de todos, marcando a entrada única da casa. Assim a sua importância seria conferida também por esta passagem obrigatório.



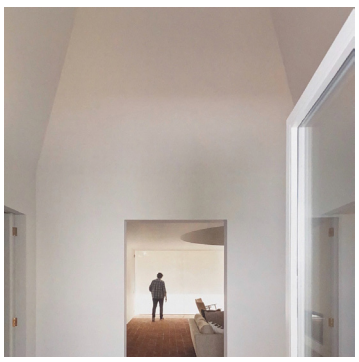




reformada pelo abade frei pedro de mendonça
cozinha do mosteiro de alcobaça
1750

Outra questão a levar em conta agora era, se o terreno era mais contido, a casa também o deveria ser. Tomei como referência esta ideia de volumes dentro de volumes, pois já não havia espaço "infinito", como anteriormente para estender o projeto e não os queria dispensar. Volumes dentro de volumes marcam as áreas interiores, definindo-as e criando mais riqueza espacial. Posteriormente visíveis do exterior, sinalizando a sua presença.
Pegando no tema da minha curadoria, encontros poéticos, relembro na definição os diferentes elementos arquitetónicos que se tocam e onde os distintos materiais se encontram. Como tal proporcionam-se momentos novos nesta criação de volumes cruzados com outros volumes, surgindo muitos detalhes de interseção para explorar contribuindo para a riqueza dos espaços.



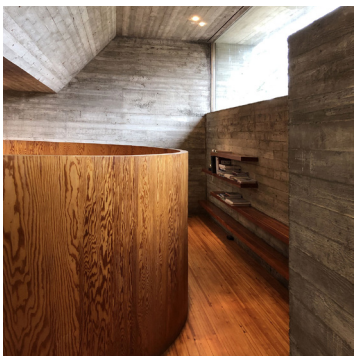




souto de moura
casa quinta do lago
1989

Esta composição de volumes dentro de volumes procuraria assumir-se na cobertura criando uma dinâmica de formas e revelando a complexidade interior.







juliaan lampens
wassenhove house
1972

Pretendia também assumir a casa como obra de arte, como uma escultura esculpida e escavada de uma so massa, de uma só materia que depois tinha toques de outros materiais, como a madeira, para nao tornar a casa tão "rija". Queria passar a ideia de densidade, de massa de um material pesado a encontrar-se com materiais suaves.







giuseppe perugini
casa sperimentale
1975

Manteria os elementos de destaque como a cor e assumi-los-ía também nos alçados realçando-os pelos contrastes com os restantes materiais.

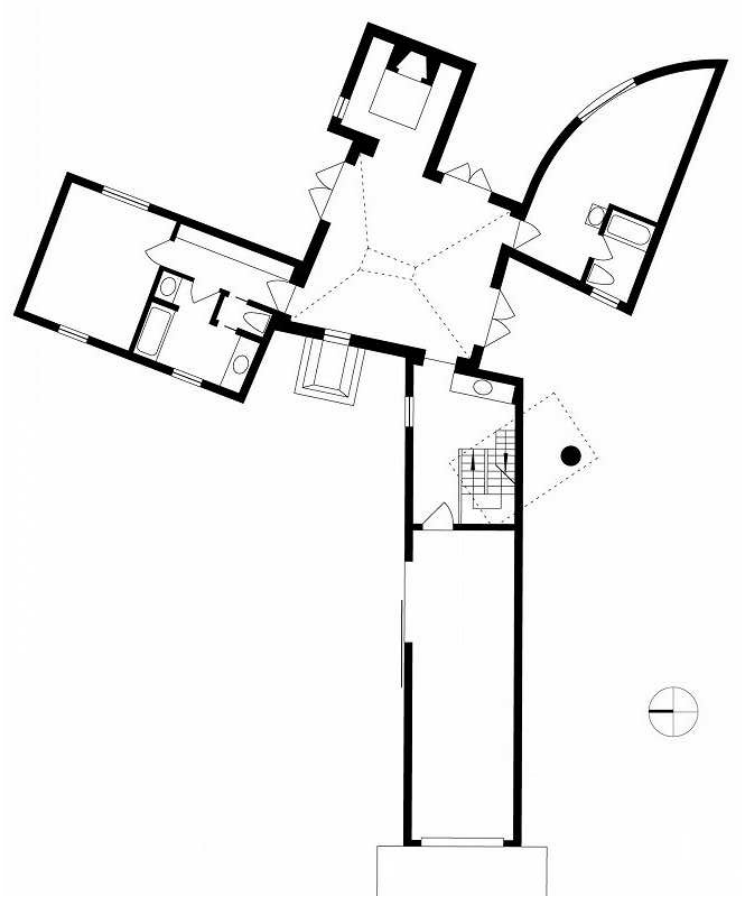




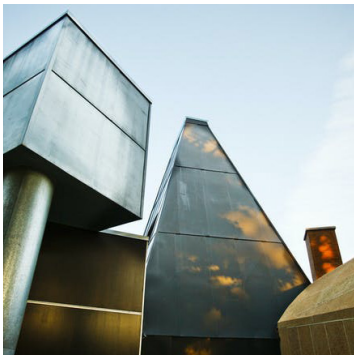


carlo scarpa
brion tomb and sanctuary
1978

Também procurei trazer a água para o projeto. A água traz delicadeza e, como reflete seria mais uma ferramenta de poesia na casa e um encontro interessante de trabalhar. Poderia servir também como elemento de contraste entre a brutalidade e a densidade do betão, com a suavidade e a transparência da água .

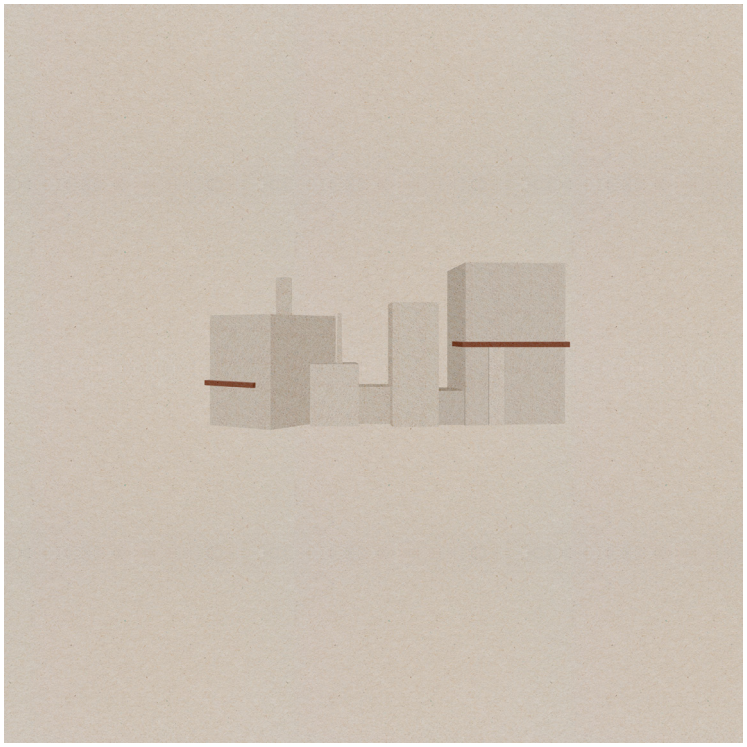


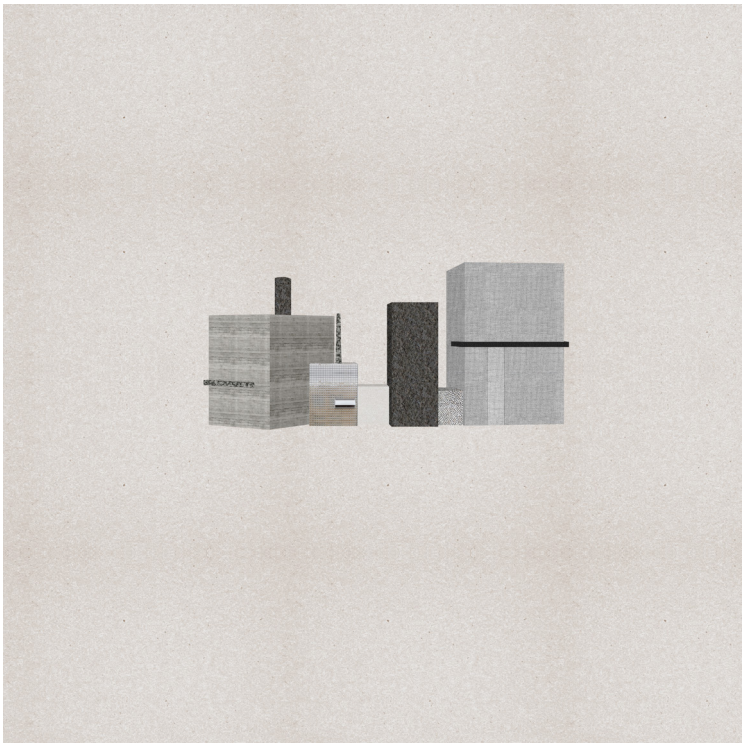


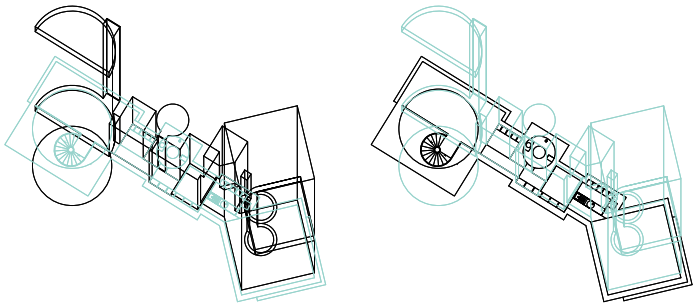


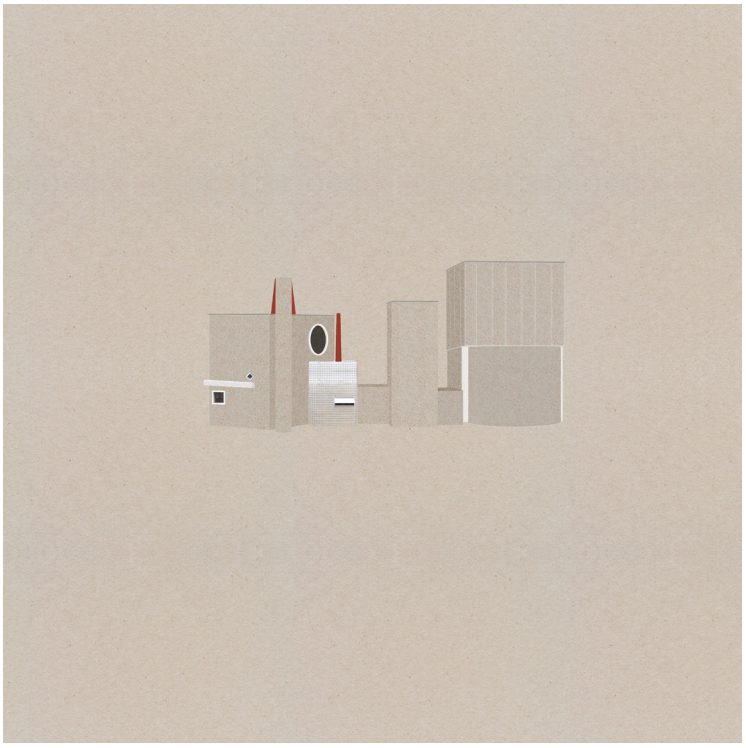
frank gehry
winston guest house
1987

Recorri novamente ao estudo desta obra para me recordar dos aspetos e temas iniciais dos quais não me queria afastar.









Numa primeira tentativa de trabalhar os volumes, as suas identidades e as suas formas e o modo como se agarravam uns aos outros, cheguei a vários resultados. Iniciei a temática da materialidade pesada, que os individualizasse, tendo chegado a um equilíbrio onde a identidade estaria patente nas formas e temas distintos que cada um trataria.









maquete de estudo

Fiz uma primeira maquete para estudar o encontro dos diferentes volumes e que tipo de espaço interior criavam para conseguir entender como poderia potenciar os espaços.

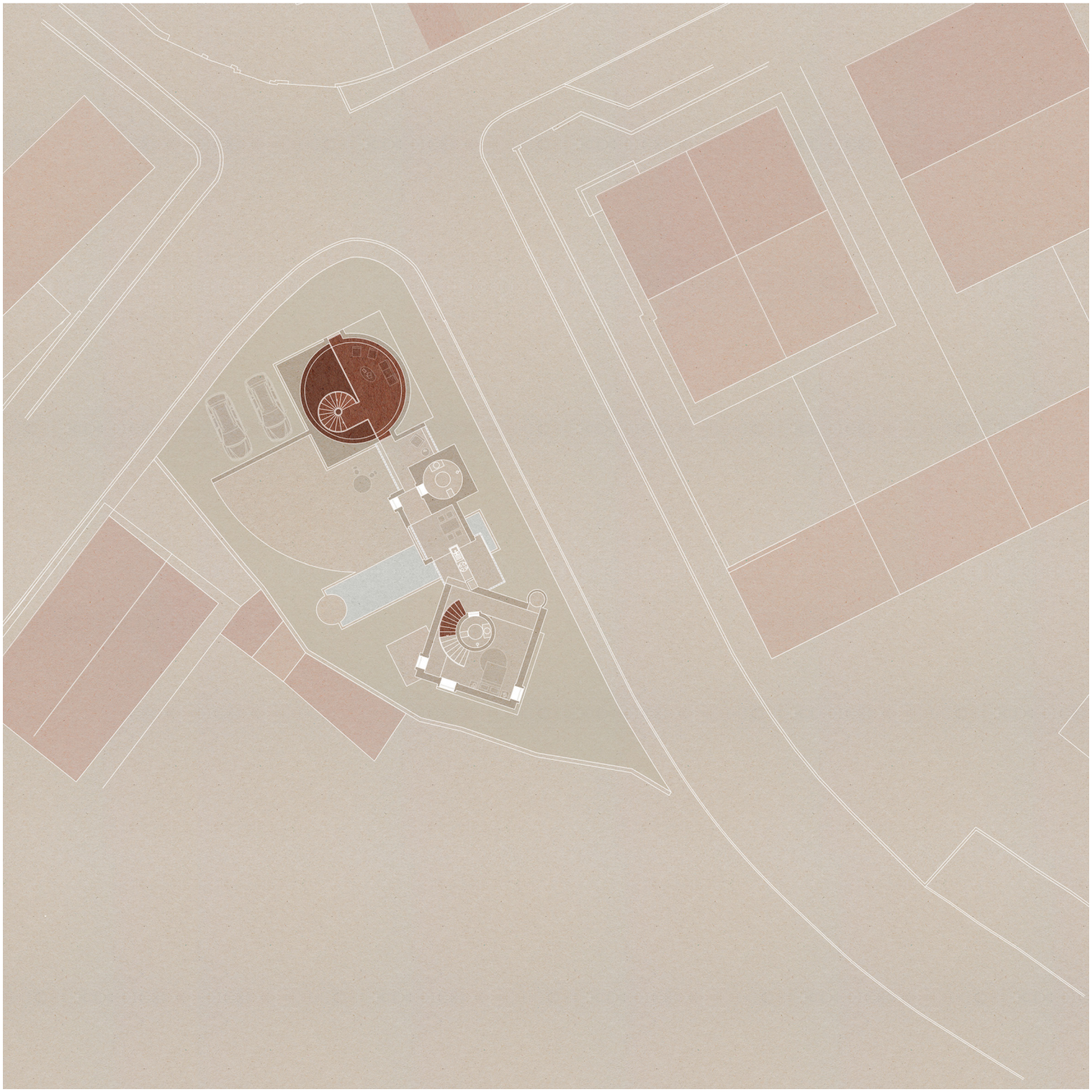


planta cobertura
1/200

Quando trabalhei as plantas defini melhor a concretização dos volumes e do programa que lhes cabia, tirando partido do quadrado e do círculo para chegar ao desenho final.
Com a planta de cobertura percebe-se a posição que a casa toma no terreno e no cotovelo da rua. Alinhei-a ao limite nascente do lote e abri espaço no interior poente.
Verificando-se um ligeiro desnível na topografia, aproveitei-me dele para abrir o terreno à rua. Pelo lado nascente considrei mais adequado recorrer ao mesmo desnivel para limitar o terreno, como se poderá verificar nos cortes mais à frente.
Neste processo a casa fecha-se à rua, em face do fraco interesse da envolvente e para garantir a intimidade.



planta piso 1
1/200



planta piso 0

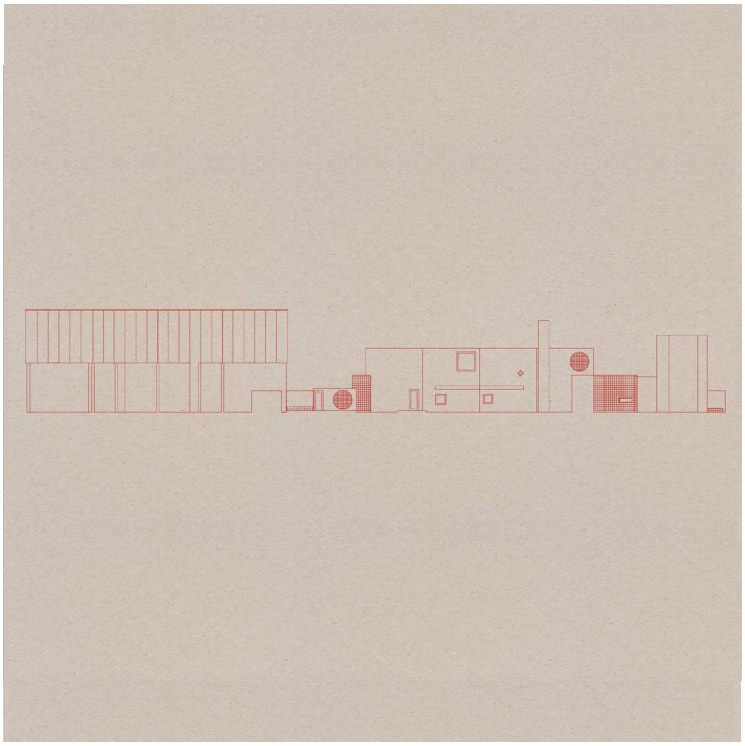
1/200

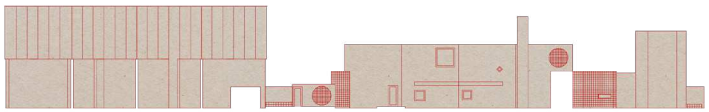
Na planta do piso 0 vemos a sucessão de espaços e onde se verifica o atravessamento obrigatório pelo volume principal sendo este o que leva ao interior da casa.

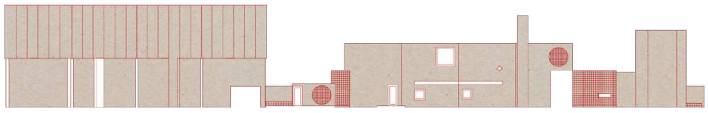


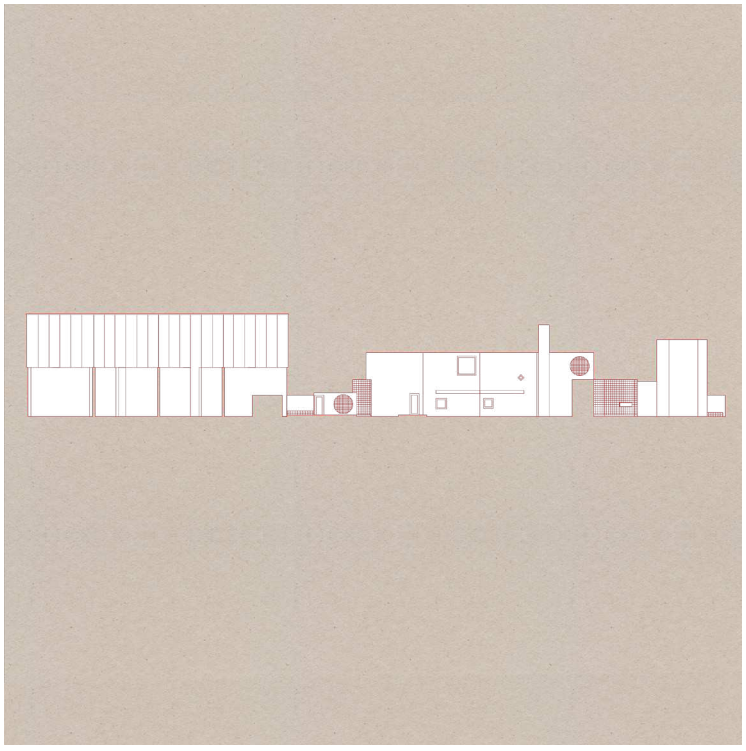
planta piso -1

1/200

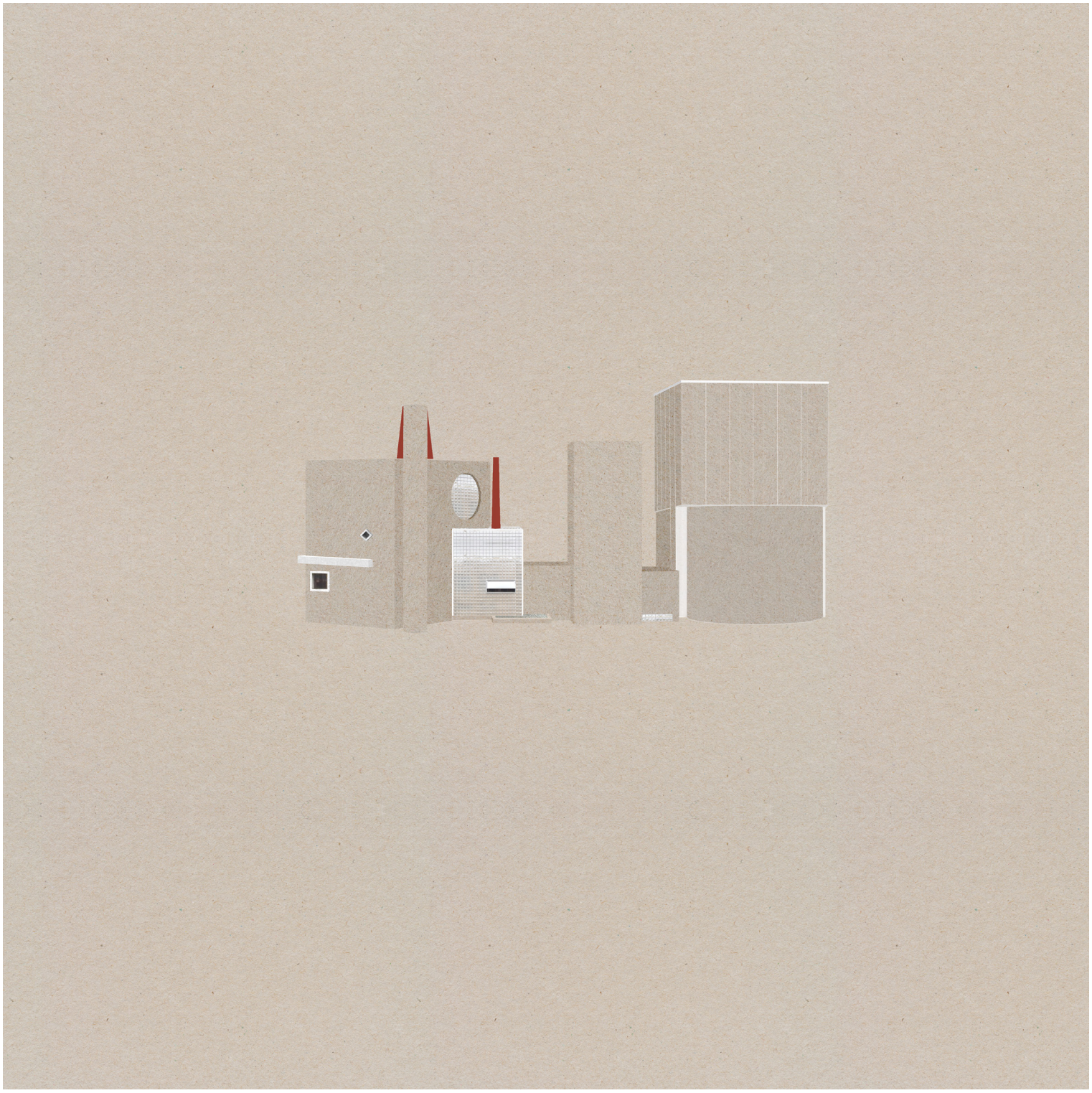








Ao estudar a composição dos vãos nos alçados apliquei novamente a regra dos vãos quadrados para unificar os volumes e trabalhei-os em várias escalas. Simulei novas opções não só nos volumes em si, como nos vãos. Fiz presente na malha criada a utilização de tijolo de vidro em alguns alçados e vãos. Recriei novamente os vãos circulares marcando espaços específicos.

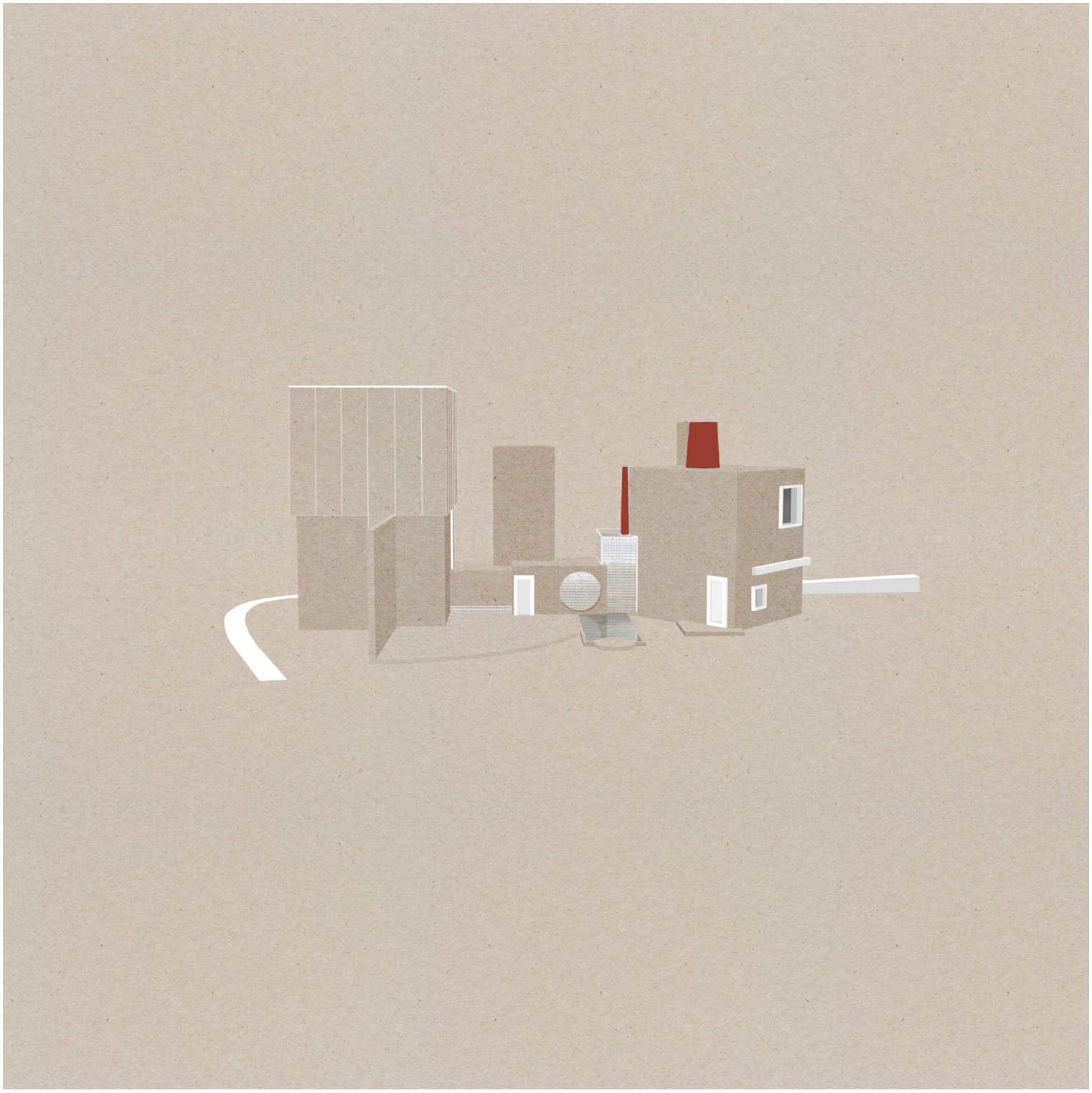


alçado nascente

No desenho final de alçado da frente de rua, como anteriormente mencionei, procurei fechá-lo e não ter aberturas muito grandes de maneira a proteger a privacidade vivida dentro de casa, sem impedir todavia a entrada da luz em qualquer altura do dia.
Este alçado é marcado por uma parede de tijolo de vidro que acaba por ser o espaço interior mais aberto ao exterior, ao mesmo tempo que, por não ser totalmente transparente, esconde aquilo que se passa internamente. Acaba por ser um momento poético onde se vêem formas do outro lado, sombras e movimentos, mas os acontecimentos ficam apenas na imaginação de quem os observa, tanto de fora para dentro, como de dentro para fora. Este volume funciona como um "farol" da casa, durante a noite, se houver luz lá dentro. É um palco de sombras em movimento.



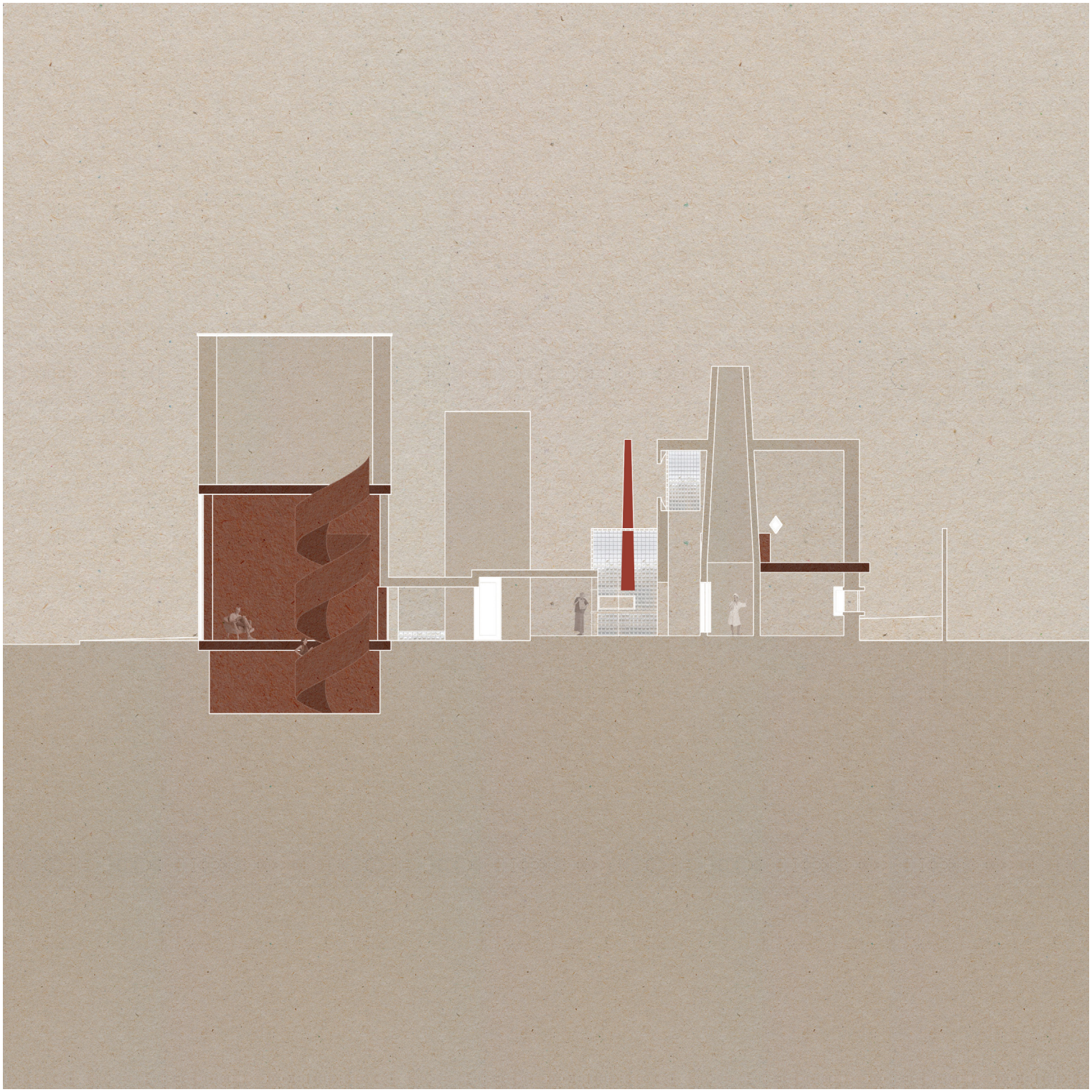
montagem do projeto no local



No alçado poente, virado para o interior do lote temos vãos contidos pela proximidade das habitações vizinhas. Encontramos duas portas que permitem a comunicação entre o interior e o exterior e o toque de leveza que a água confere a este espaço, trazendo a poesia de um mundo simétrico, através do seu reflexo. Descobrimos o que se passa no interior, a assumir-se no exterior, através dos elementos a vermelho, que se destacam, um sendo a chaminé do exaustor da cozinha e o outro o topo de uma das casas de banho espreitando na cobertura.

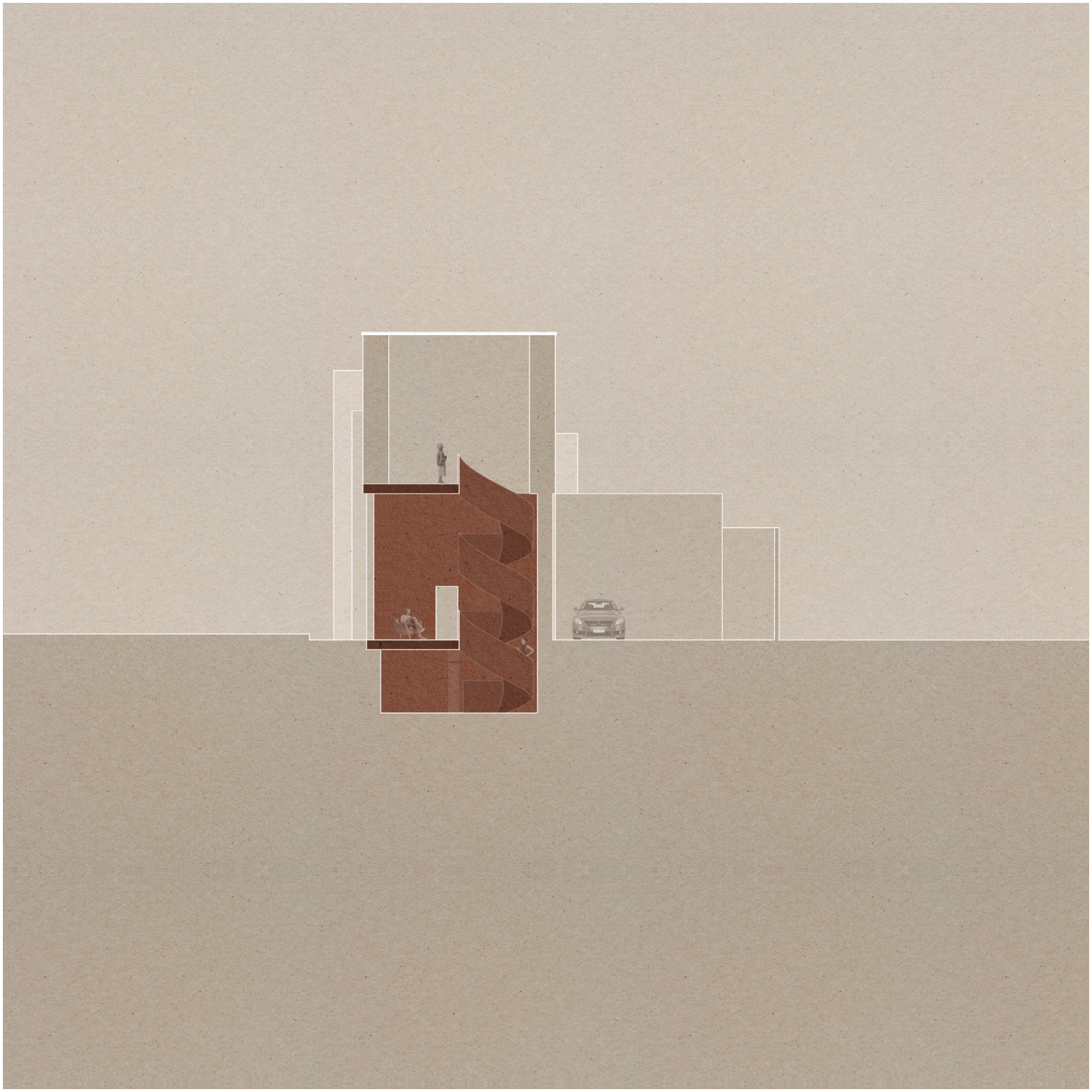


imagem 3d do ambiente exterior tardoz

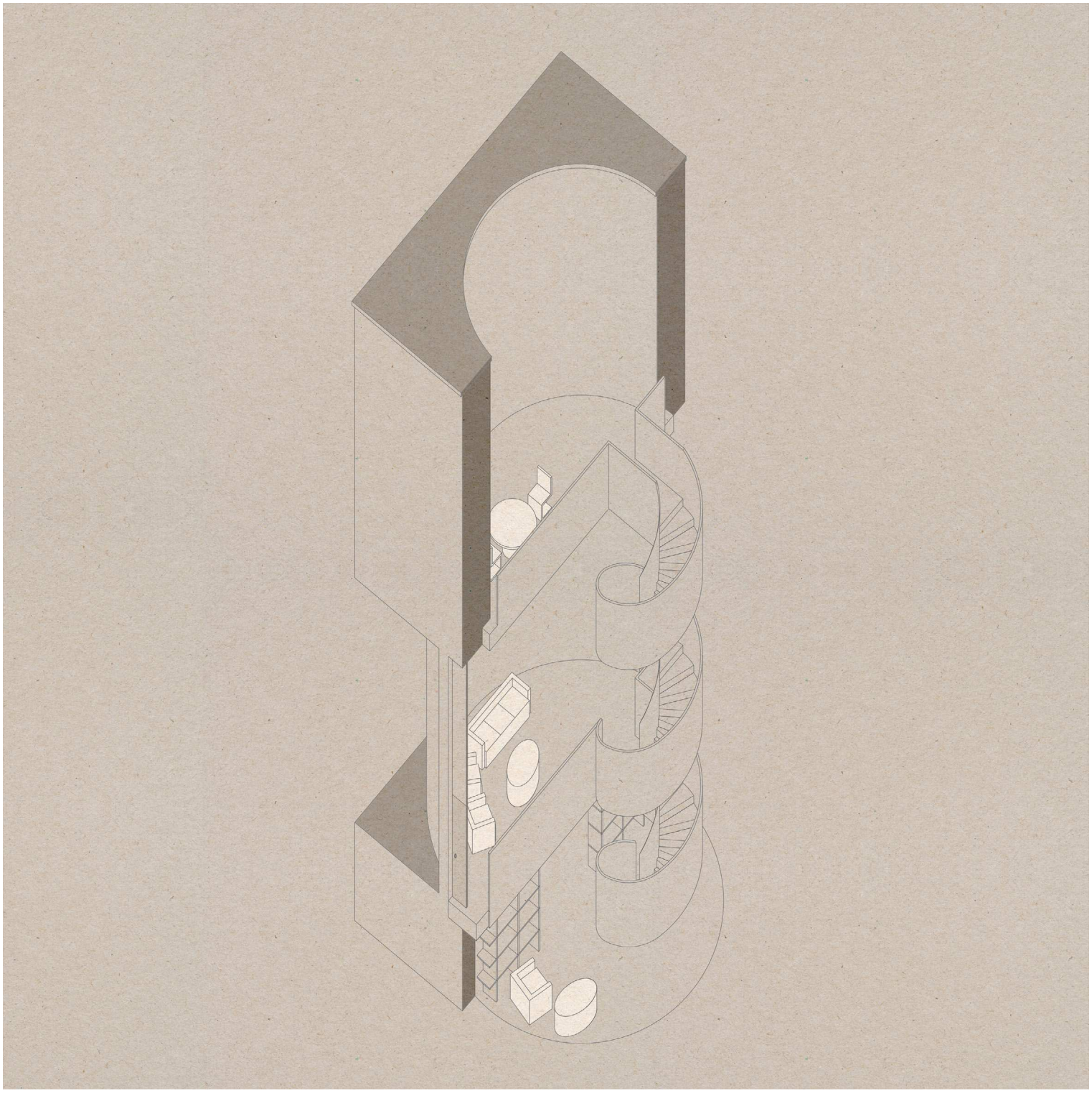


corte 1
1/150

O volume oco da entrada, em betão no exterior, veste uma pele em madeira escura, no interior.
É distribuído por três pisos cujas plataformas são numa estrutura da mesma madeira. Entre os pisos circula uma escada em caracol também em madeira. Por este cilindro de três pisos, faz-se a transição entre o exterior e o interior da casa. A base acenta num piso enterrado. Transitando pela escada passa-se ao piso intermédio. Por fim, no último lance da escada alcança-se o piso superior, a céu aberto. Um espaço que sugere interioridade, mas é efectivamente ao ar livre, o que acaba também por dar ênfase ao facto de ser um volume que pode albergar diversas funções. Os restantes volumes da casa que só por si funcionam sem ele, com ele tornam-se mais ricos.



corte 2
1/150

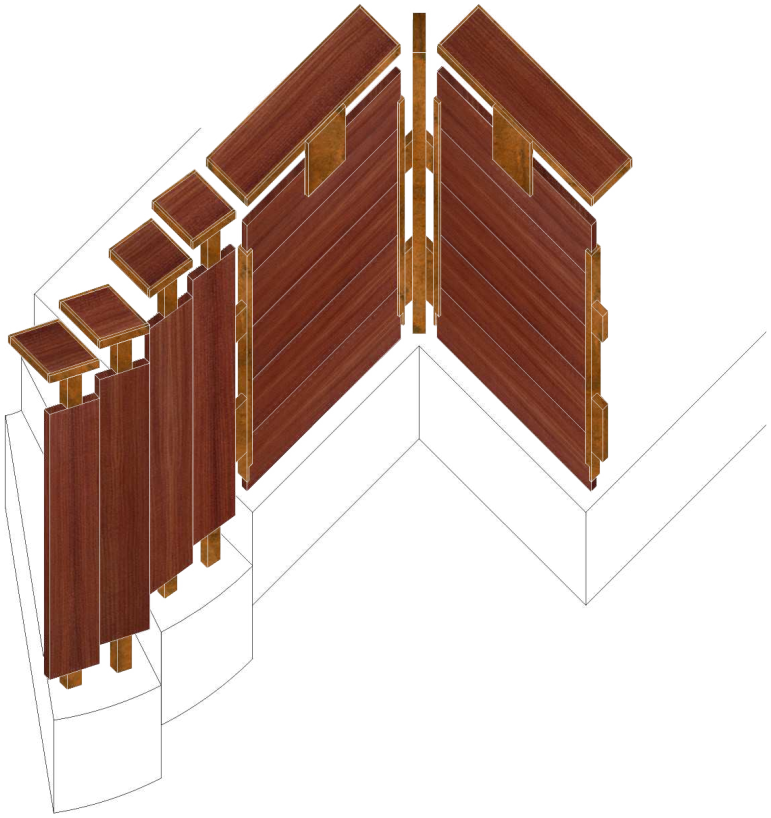


axonometria do volume da entrada
1/150

Pareceu-me necessário apresentar a casa em volumetria, numa axonometria que desse uma leitura mais realista do que poderiam ser estas zonas e as suas caraterísticas intrínsecas.
Nestes espaços podemos compôr vários ambientes, tendo em conta a inexistência da cobertura em certos momentos.



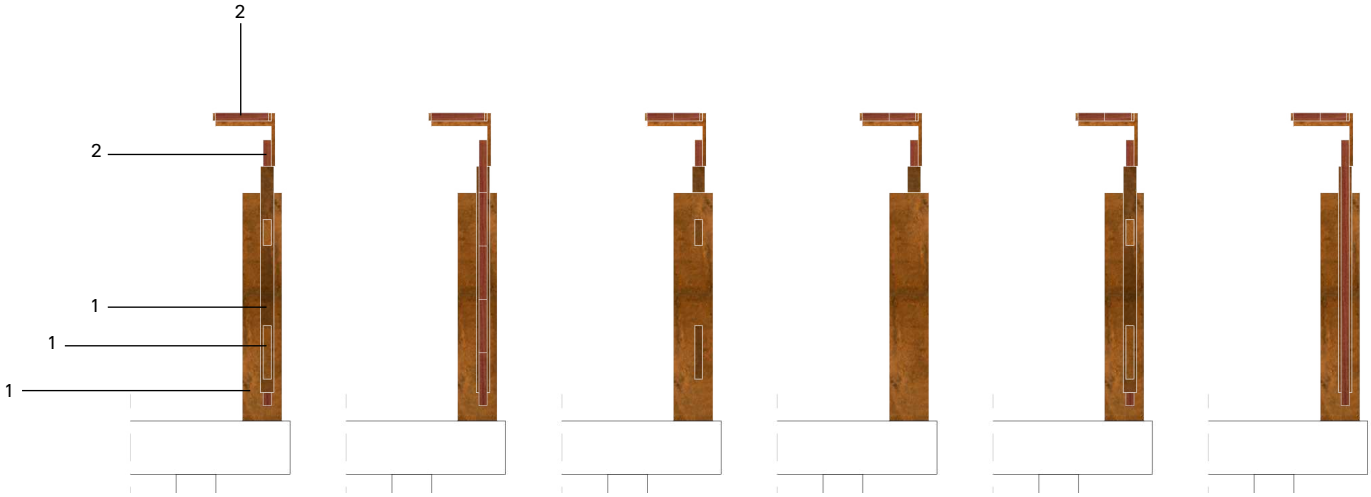
imagem 3d do ambiente interior do volume da entrada, piso 0





desenho da guarda

Tendo presente a curadoria elaborada numa fase anterior deste projeto desenhei alguns dos muitos figurantes e momentos de encontro desta casa.
Criei uma guarda que acompanhasse e desenhasse os limites dos pisos em estrutura de madeira, não só existentes neste primeiro volume, como também no último como piso de um dos quartos. Queria que se mantivesse maioritariamente em madeira e que os apontamentos necessários para o seu desenho de composição e estrutura fossem nos mesmos tons, mas garantindo alguma diferenciação. Para obter esse efeito idealizei peças que se interligavam, de forma a tornar percetível o facto do piso ser mezanino e encontrar-se sobre um vão que mantém contacto entre os vários patamares.

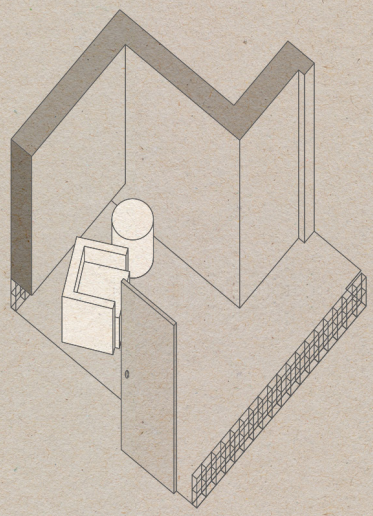




1 - aço corten
2 - madeira de mogno tratado

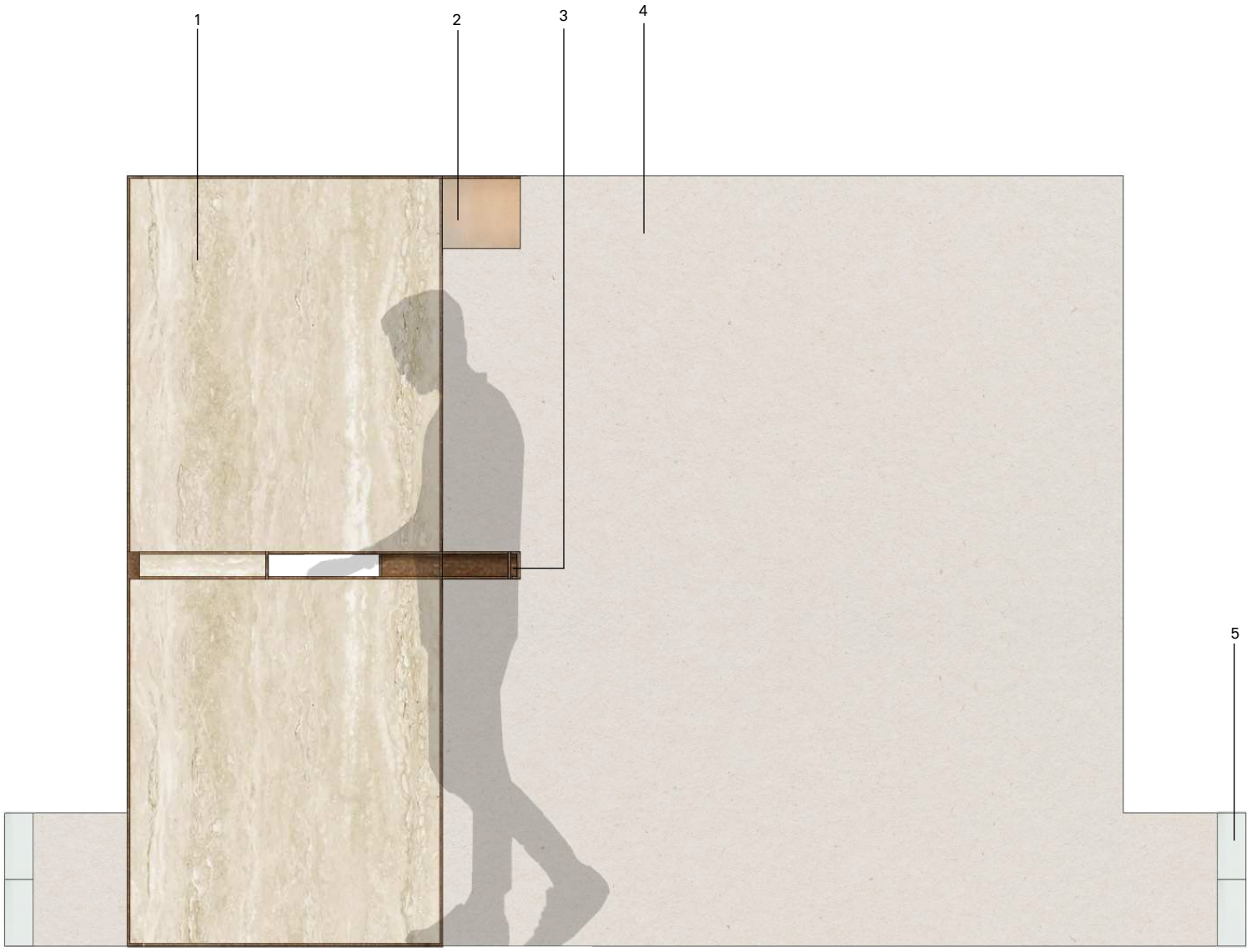
detalhe da guarda

Para completar o efeito pretendido desenhei esta estrutura que reforça a individualidade e autonomia de cada peça, mas que lidas em conjunto formam uma só. Novamente, a mesma madeira de mogno utilizada no revestimento interior deste primeiro volume e na estutura dos pisos, mostraria coerência e uma continuidade da ambiência do espaço interior. Os apontamentos em aço corten unificariam e desenhariam a ligação entre as peças de madeira.
No topo da estrutura da guarda, como corrimão, integrei uma língua, igualmente em madeira, que reforçaria esta união entre os planos soltos. Todavia, o seu desenho e estereotomia deixariam ler a estrutura fragmentada da base.



axonometria do volume da sala de leitura
1/150

Ao passar o primeiro volume encontra-se um pequeno espaço de estar iluminado pelas aberturas rasteiras em tijolo de vidro.



1 - porta
2 - iluminação
3 - interruptor
4 - parede
5 - tijolo de vidro

porta e "figurantes"

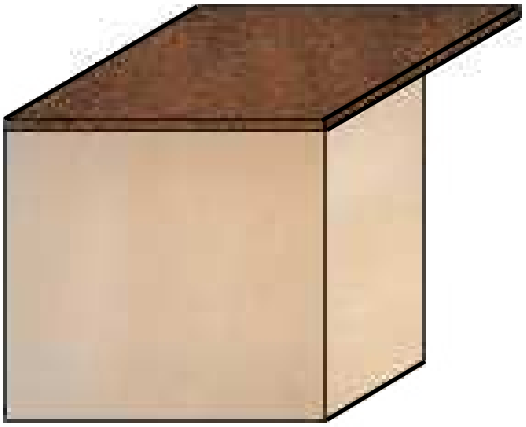
Ocorreu-me que seria fundamental pensar e desenhar o primeiro momento de encontro da casa, aquele que permite a transição do primeiro volume para o segundo volume, por ser a passagem que deverá causar mais impacto.

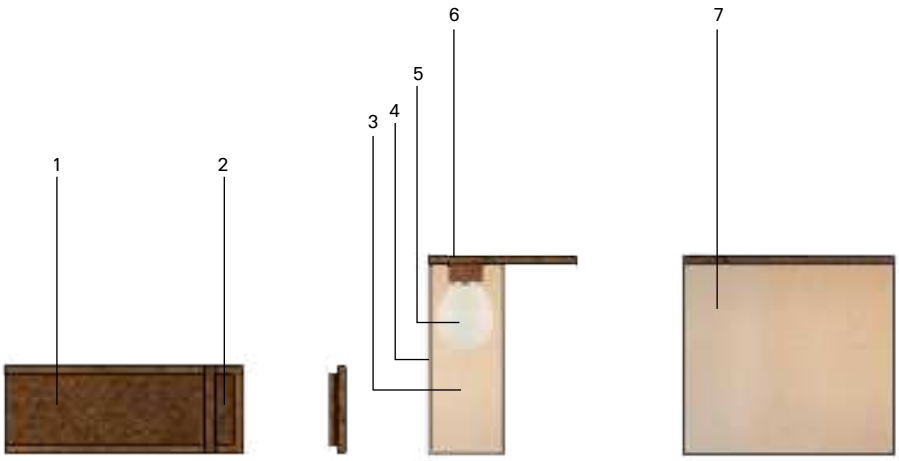


1 - travertino
2 - aço corten

detalhe da porta

Relembrando que o interior do primeiro espaço é revestido em madeira de mogno e o segundo em paredes de betão pigmentado, pretendi que esta mesma madeira estivesse apenas visível no lado da porta pertencente ao espaço inicial para se fundir sem ter qualquer destaque. Ao contrário, do outro lado que deveria destacar-se para desencadear um encontro poético no momento da passagem do espaço secundário para o espaço principal. Deste modo, a porta teria duas faces, uma em madeira de mogno e a outra seria em travertino, que apesar de ter uma cor semelhante à que procurei no betão pigmentado, assumiria uma textura diferente, ganhando relevo. A abertura ao centro permite um anúncio do que está do outro lado e serve de puxador para abrir a porta.





1 - aço corten
2 - interruptor em cobre
3 - tecido
4 - estrutura em alumínio
5 - lâmpada
6 - aço corten
7 - iluminação

detalhe dos figurantes

Quanto aos figurantes, a iluminação e o desenho do interruptor, tornaram-se os meus objetos de estudo. Segui os alinhamentos dos materiais que consolidavam o desenho da porta e compu-los como uma só peça fazendo uso do aço corten e introduzindo um novo material que traria delicadeza à densidade e dureza da porta, um tecido.

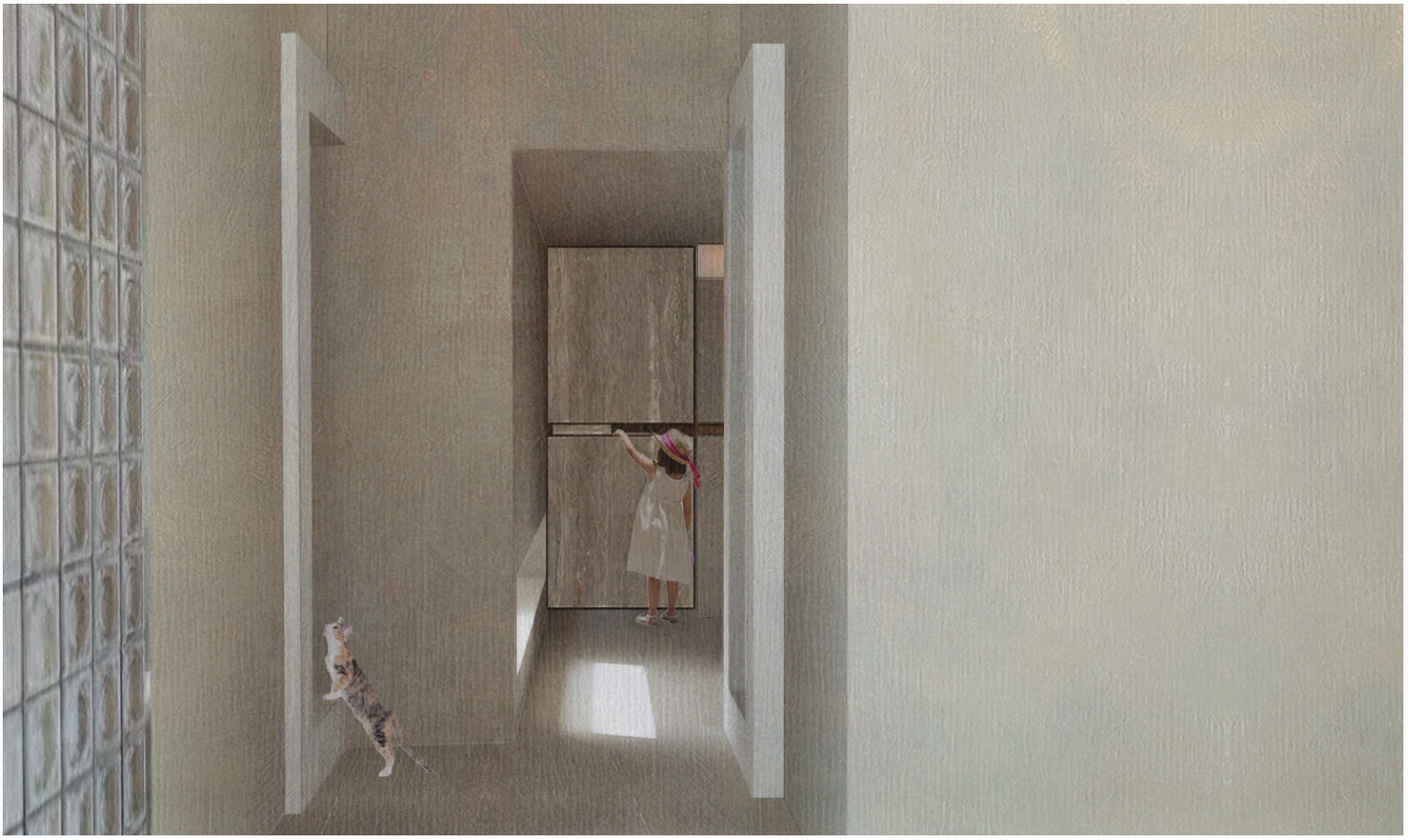
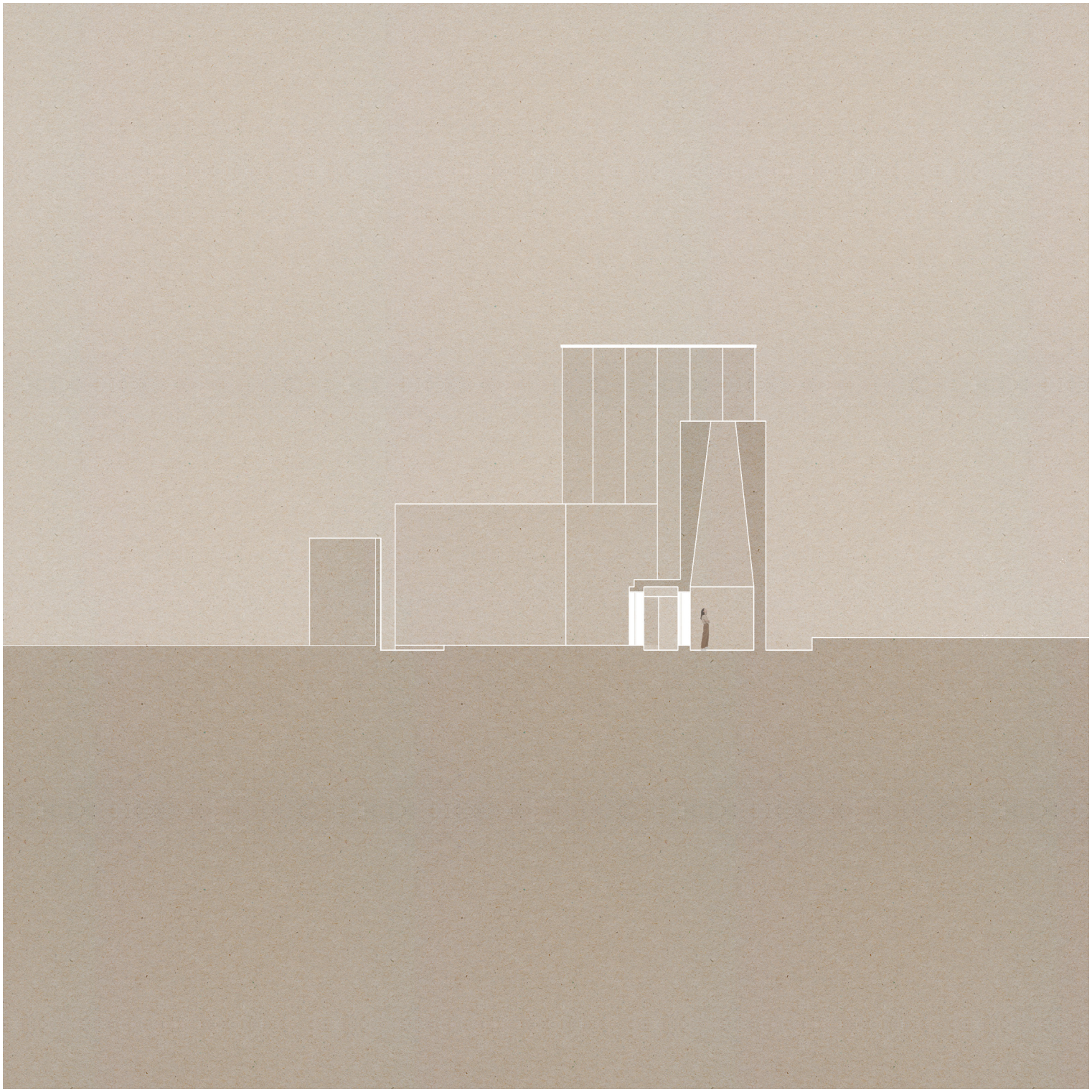
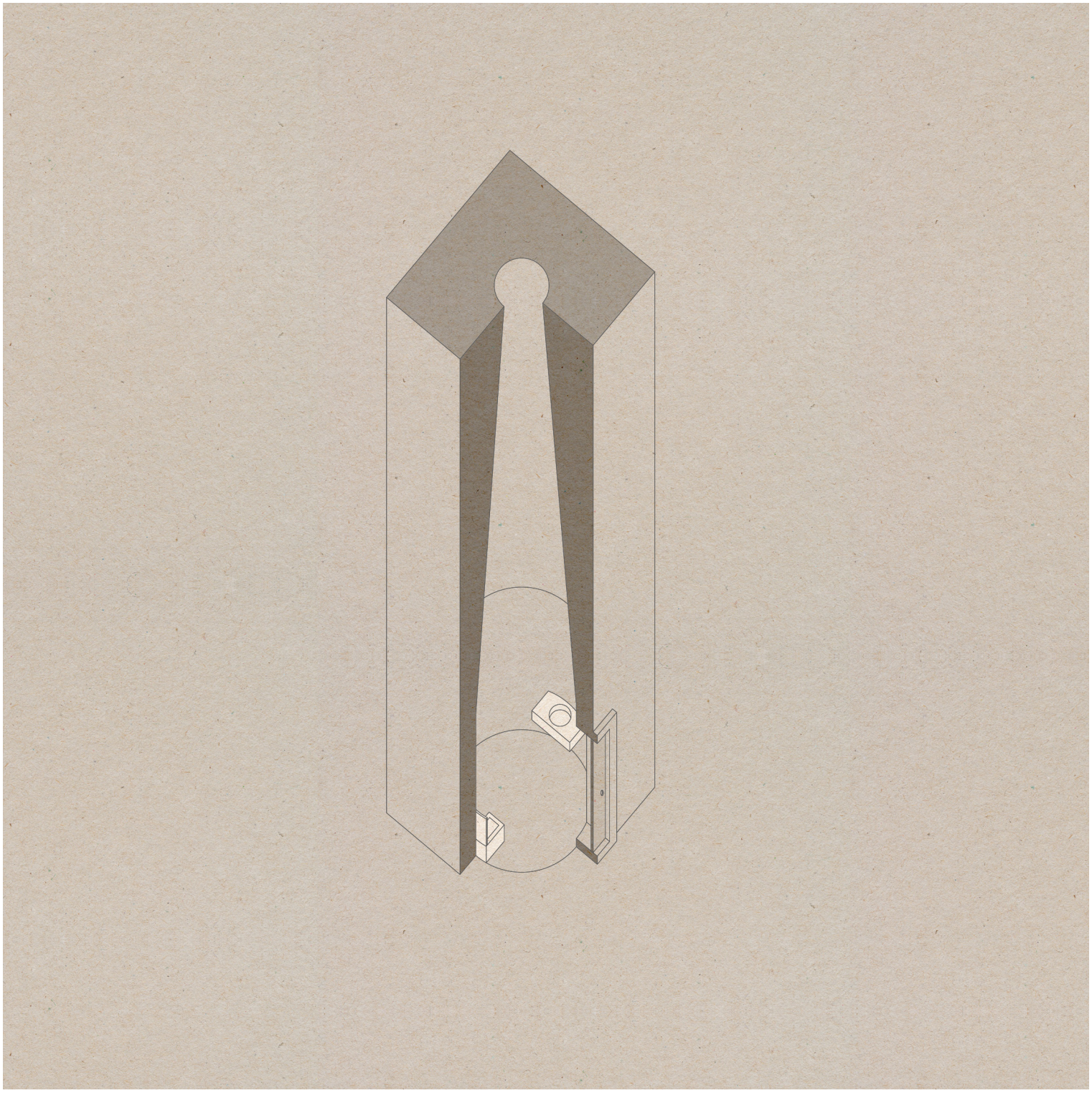


imagem 3d do ambiente interior



corte 3
1/150

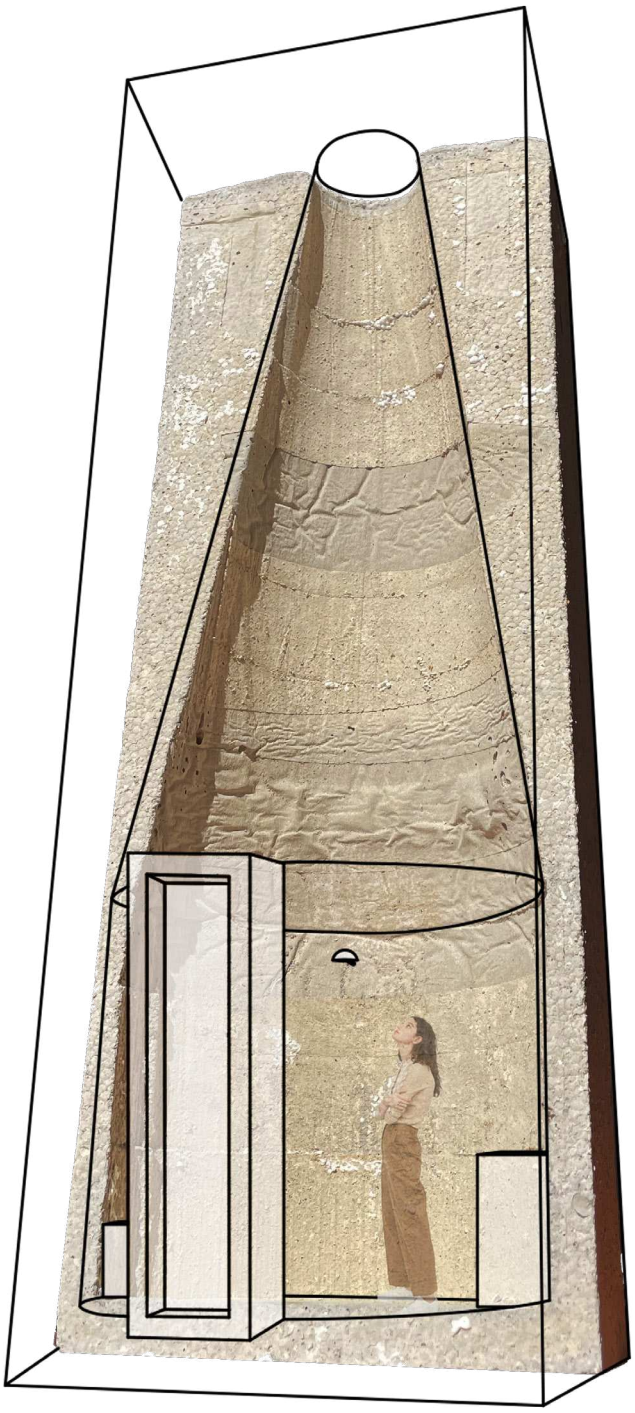
Seguidamente encontra-se o volume da primeira casa de banho que serve as áreas adjacentes.



axonometria do volume do wc 1
1/150

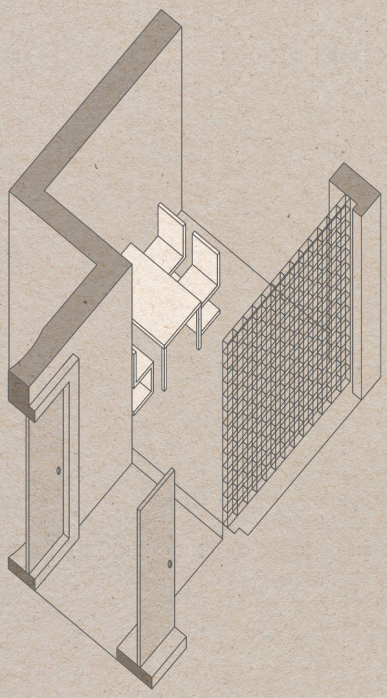
Nesta axonometria é realçada a ideia de um volume esculpido, como uma massa que foi escavada, criando este espaço interior com uma entrada de luz zenital.





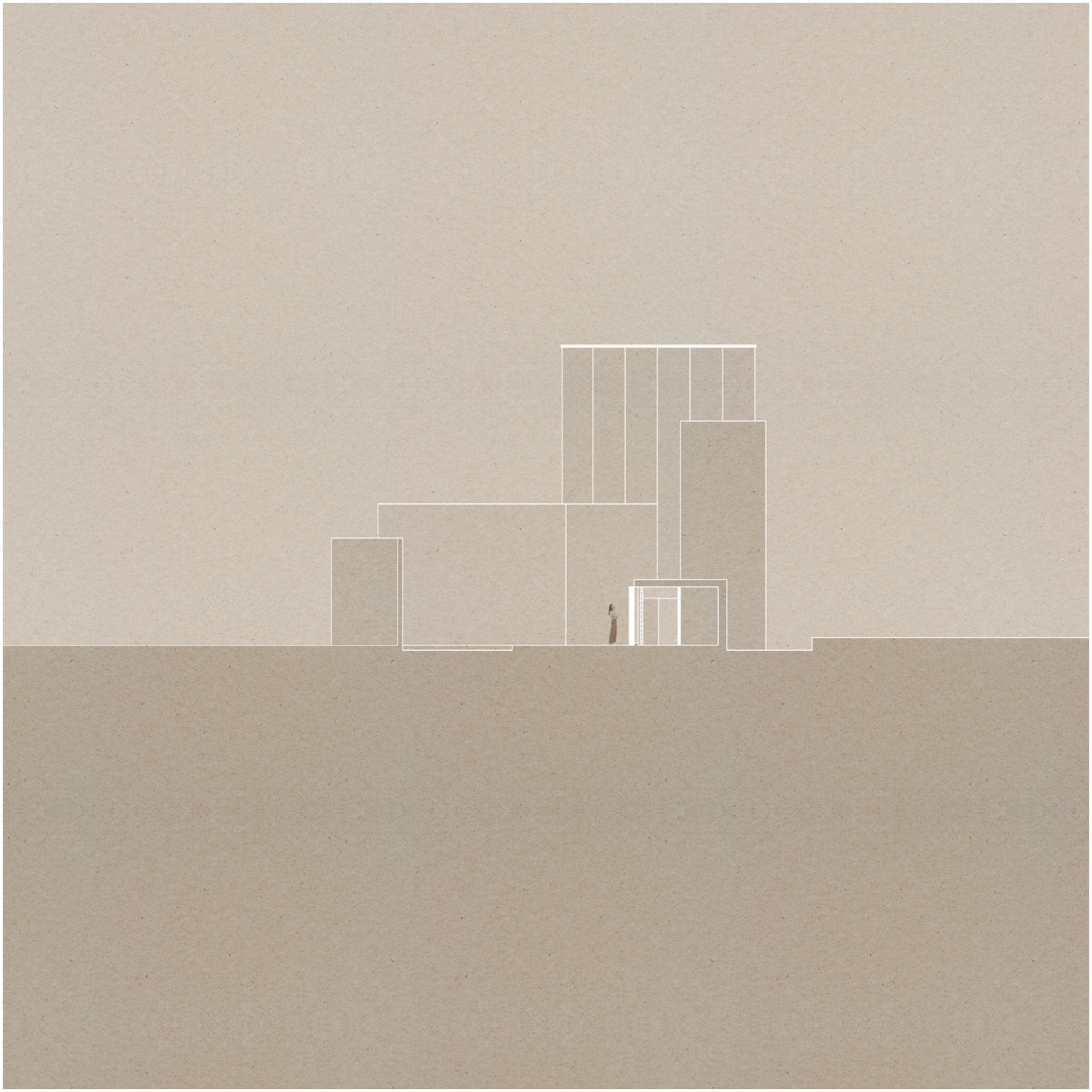
maquete em corte do volume da casa de banho

Com esta maquete procurei perceber a espacialidade que este volume oferecia, utilizando cimento para realizar o concreto deste espaço e me permitir entender a atmosfera vivida no seu interior.



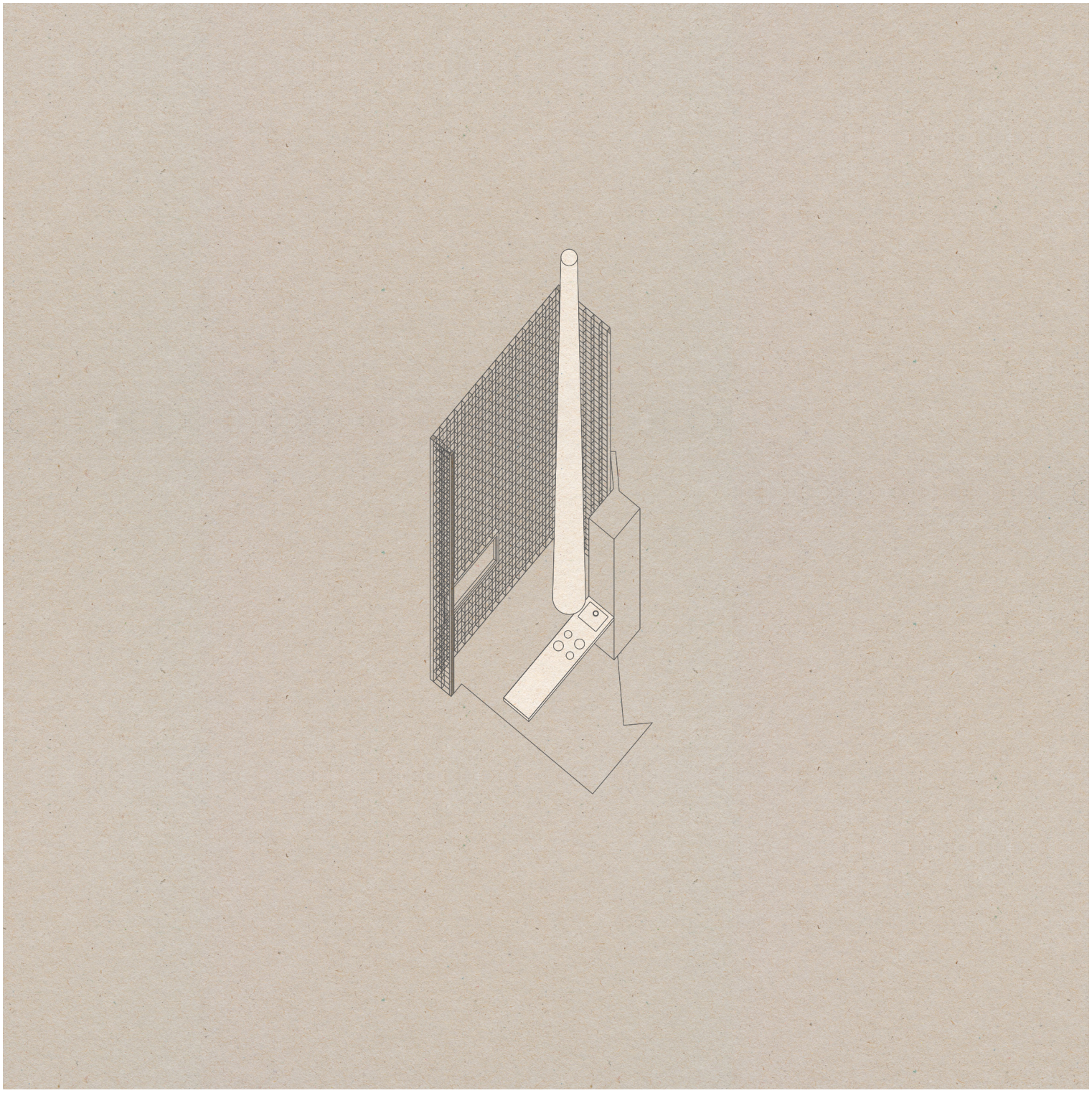
axonometria do volume da sala de refeições
1/150

De seguida encontra-se a área de refeições que é bem iluminada com uma parede de tijolo de vidro que dá para o interior do lote.



corte 4
1/150

Este corte, que passa pelo volume da área de refeições, permite entender o diálogo que estabelece com o interior e o exterior do lote.



axonometria do volume da cozinha
1/150

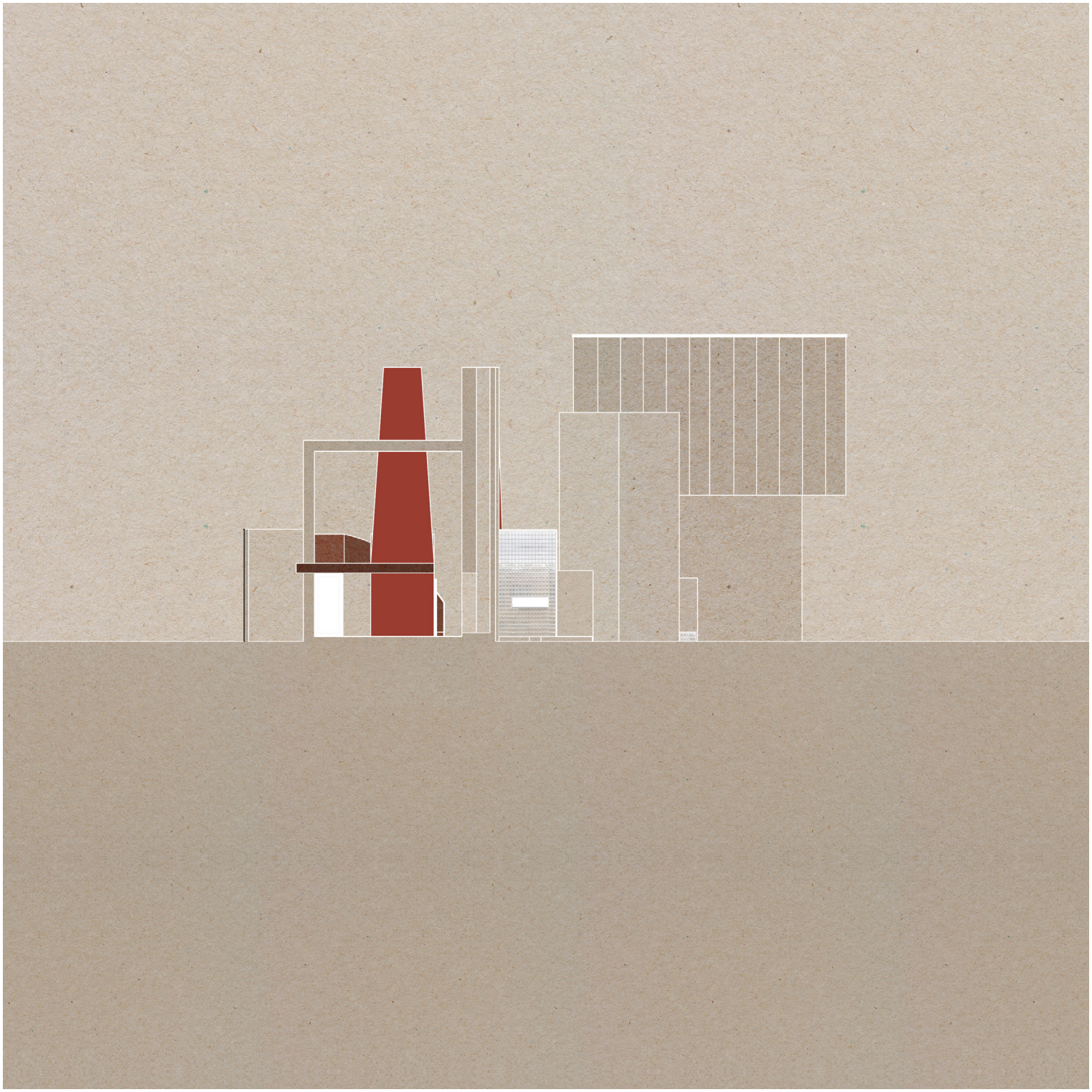
Mesmo ao lado, encontra-se a cozinha que sendo como uma caixa de vidro, representa o espaço mais aberto da casa. Esta área tem um pé direito significativamente alto e é marcado pelo exaustor desenhado de maneira a agravar e acentuar a altura, atravessando a cobertura.



imagem 3d do ambiente interior do volume da cozinha

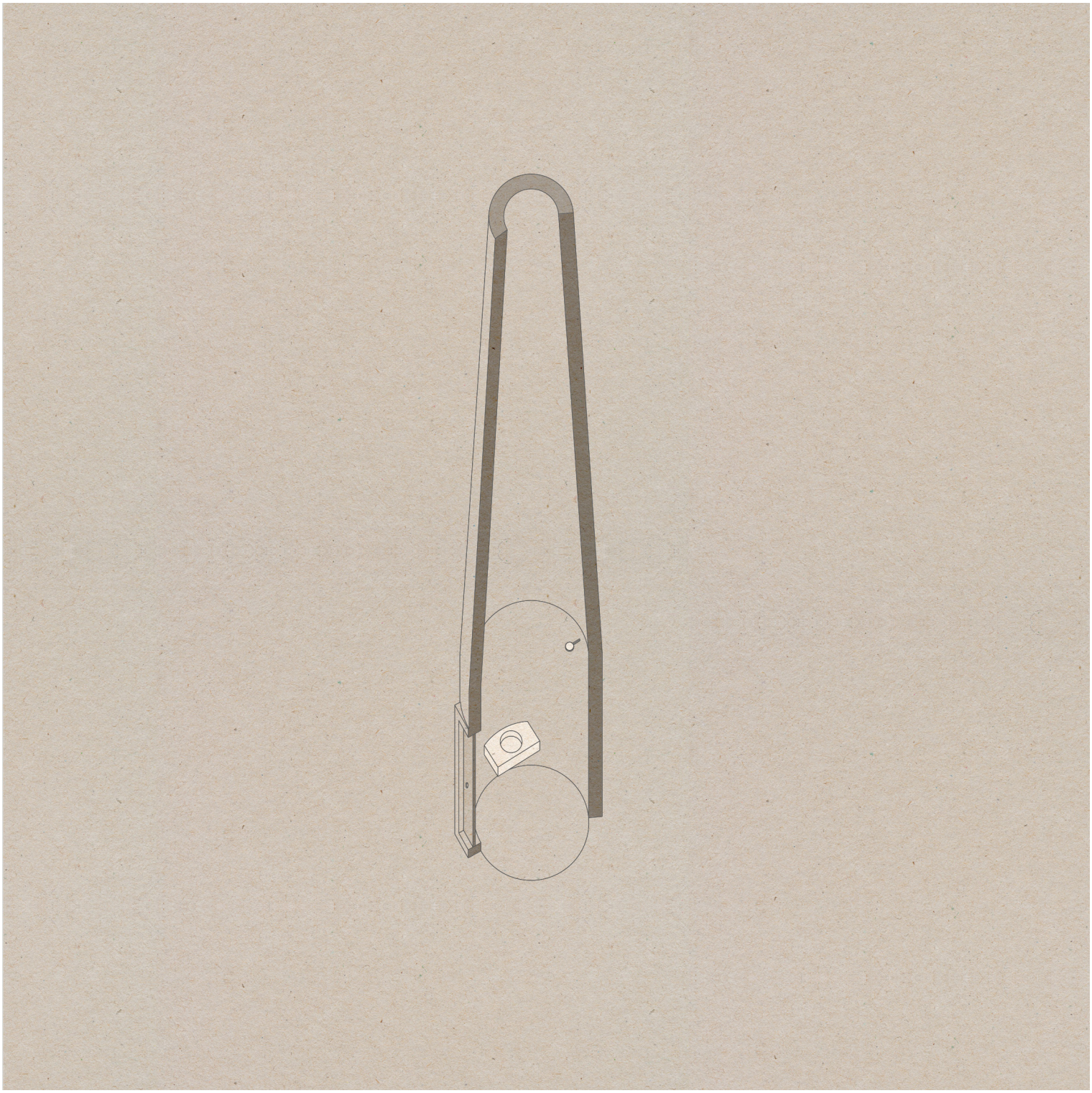


imagem 3d do ambiente interior do volume da cozinha



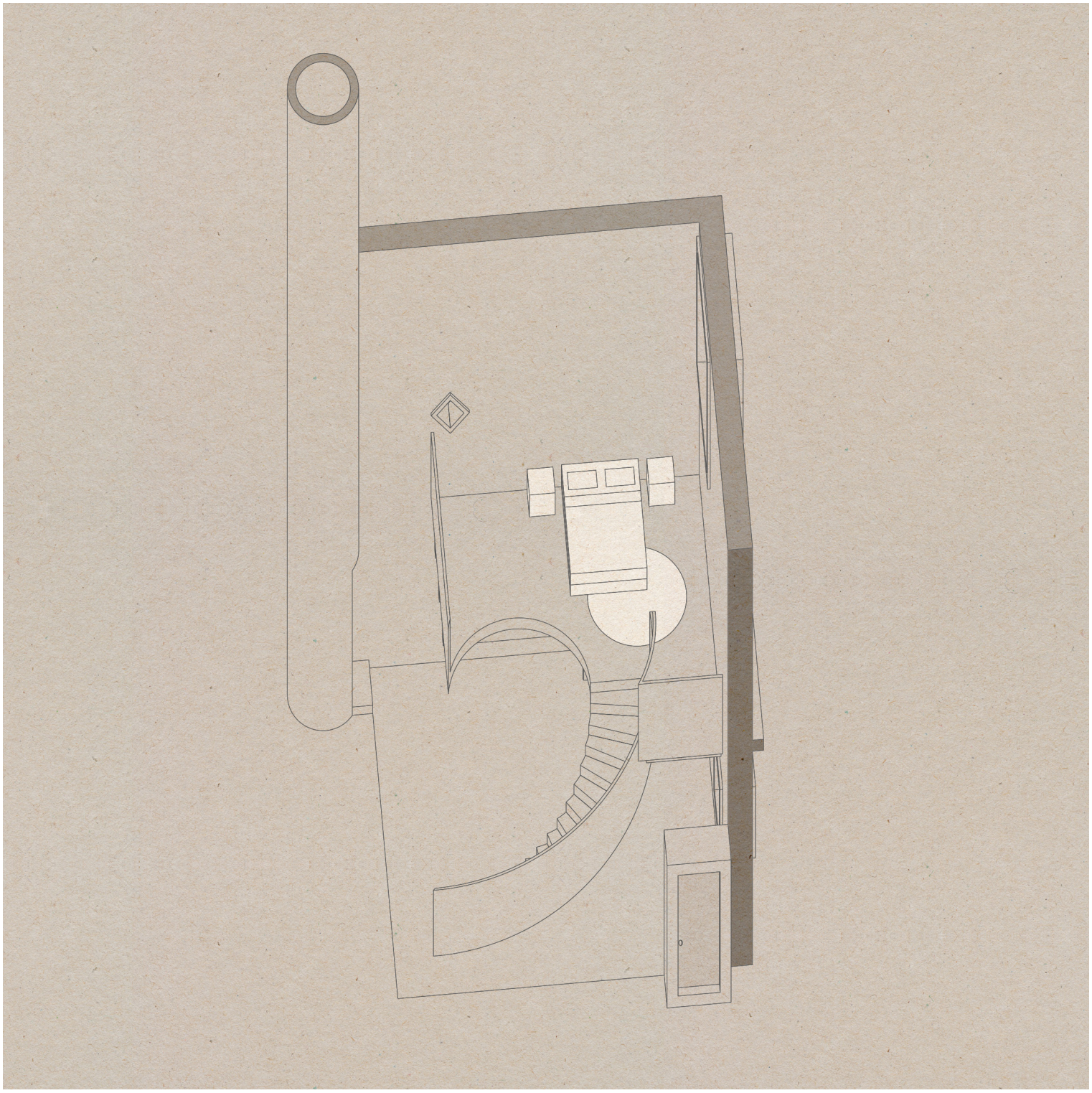
corte 5
1/150

Este corte passa essencialmente pelo volume dos quartos que mostra o piso mezanino em estrutura de madeira sobre o piso inferior e o volume vermelho, que tal como o exaustor na cozinha, marca o espaço interior e vem espreitar acima da cobertura.



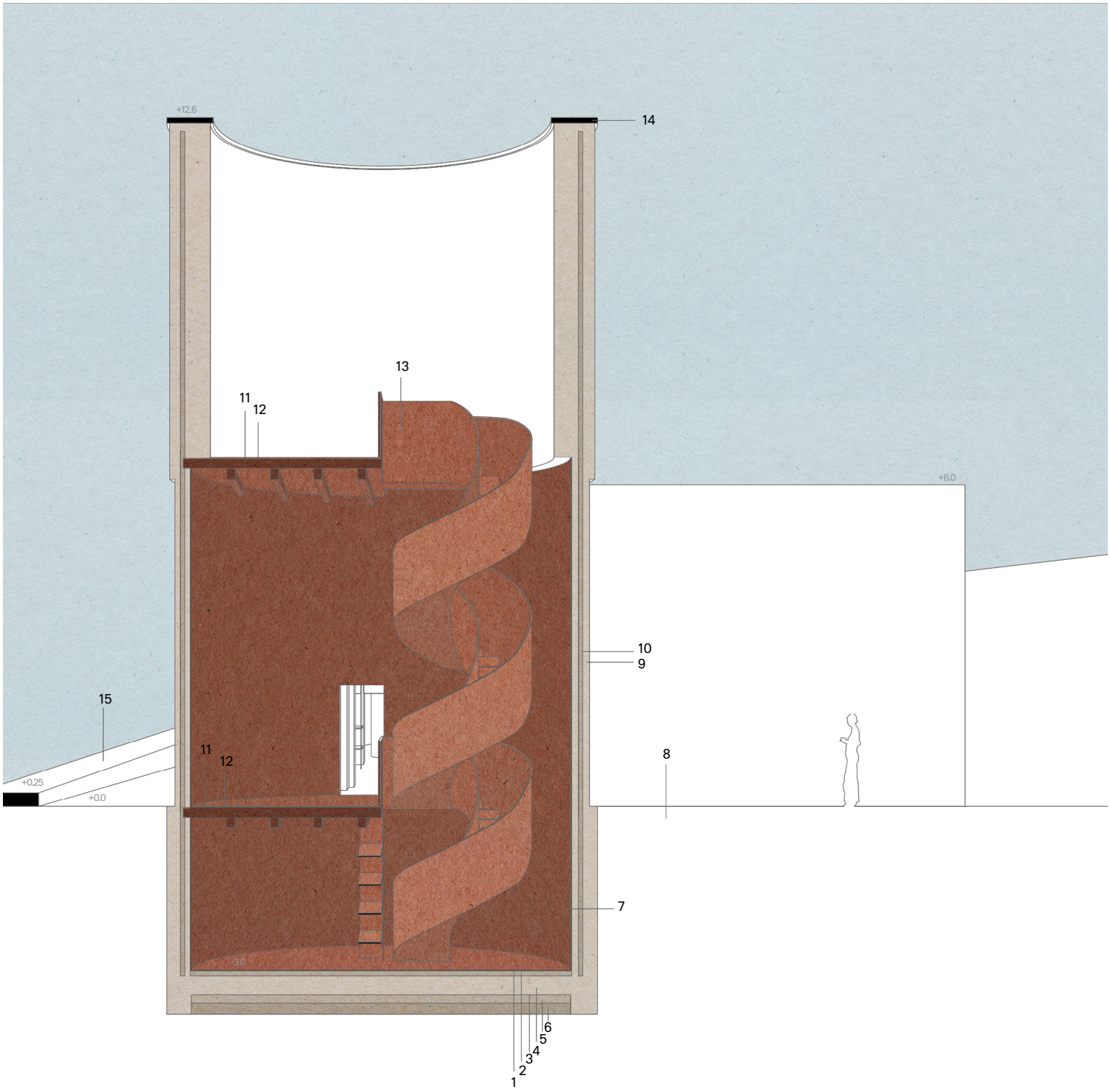
axonometria do volume do wc 2
1/150

O volume vermelho é concretamente a segunda casa de banho que se localiza no corpo dos quartos e segue a mesma intenção da primeira, com luz zenital no topo.



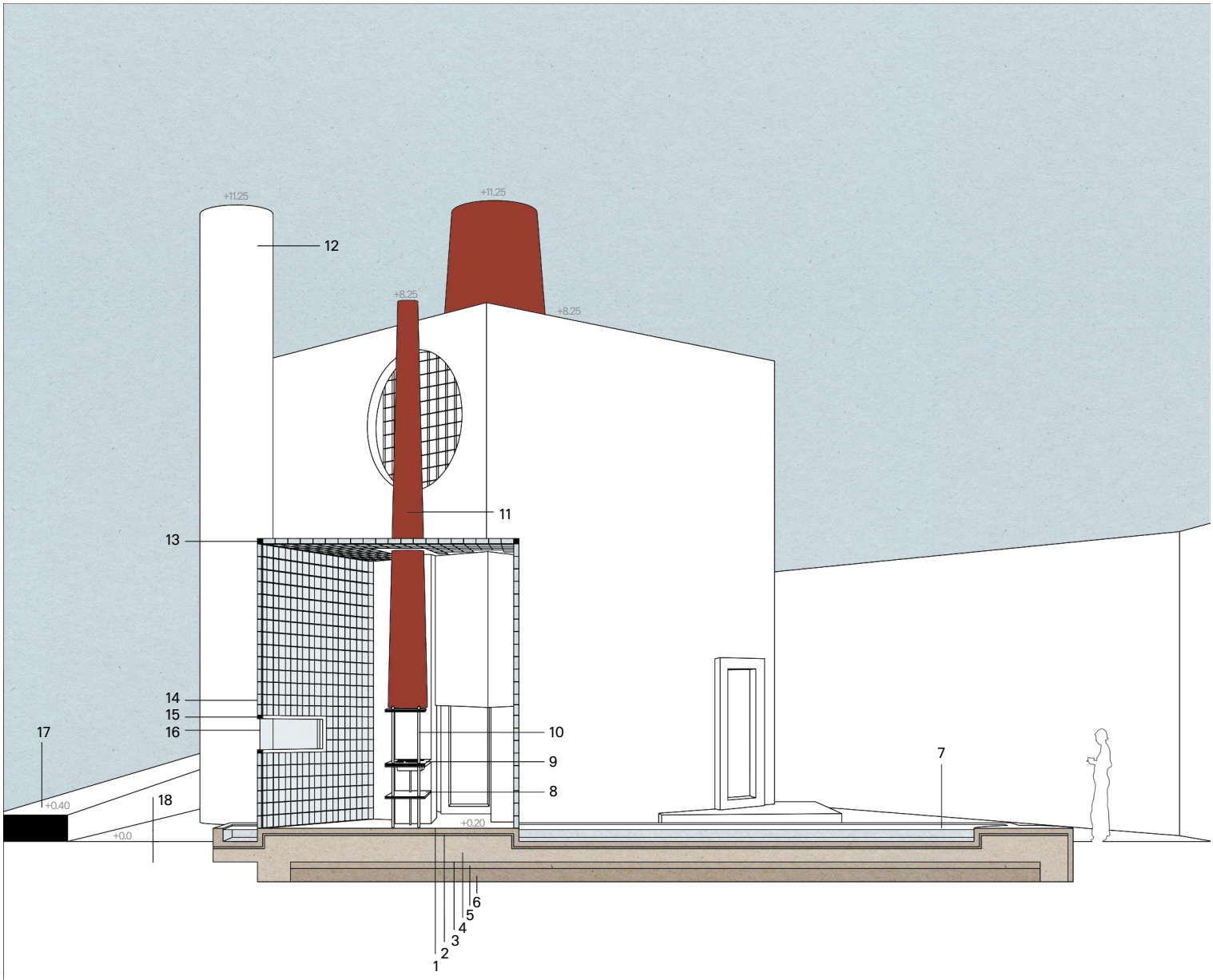
axonometria do volume dos quartos
1/150

Por fim, os dois quartos que partilham o mesmo volume. Uma estrutura em madeira faz de piso para um dos quartos que abraça o volume da casa de banho e que vem ao encontro do quarto do piso inferior. Este volume tem ainda uma lareira onde a chaminé se solta do mesmo e parece quase encostado revelando-se no alçado da rua.



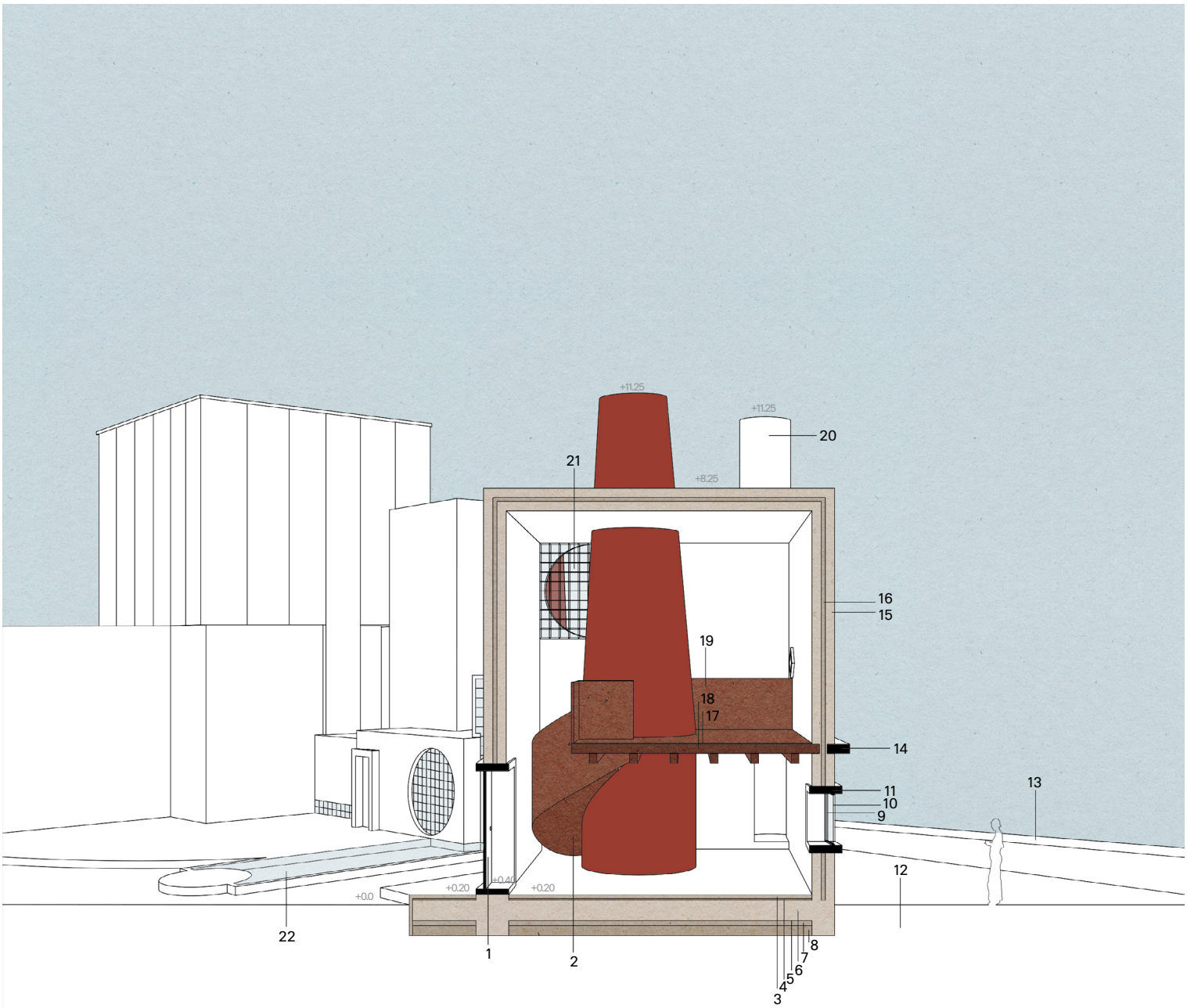
corte construtivo pelo volume da entrada em perspetiva

1 - pavimento em madeira de mogno tratado
2 - camada de enchimento
3 - tela polietileno
4 - laje de betão
5 - brita
6 - enrocamento
7 - revestimento em madeira de mogno tratado
8 - terreno
9 - parede dupla de betão pigmentado
10 - isolamento
11 - estrutura em madeira de mogno tratado
12 - pavimento em madeira de mogno tratado
13 - painel em madeira de mogno tratado
14 - pré-fabricado de betão cor branco
15 - lancil do passeio



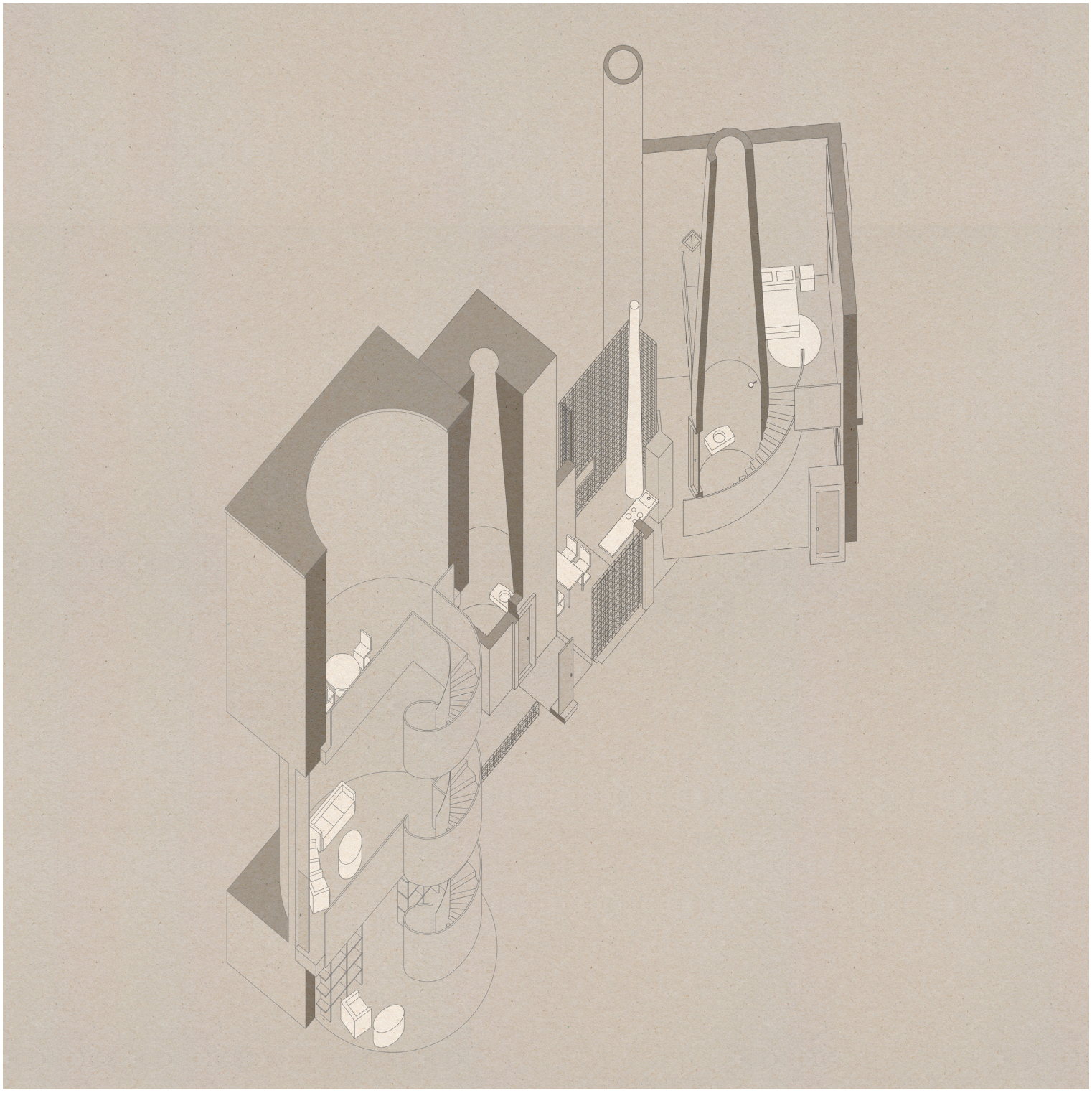
1 - betão afagado pigmentado
2 - camada de enchimento
3 - tela polietileno
4 - laje de betão
5 - brita
6 - enrocamento
7 - prateleira em madeira tratada pintada de branco
8 - bancada em pré-fabricado de betão pigmentado
9 - perfil metálico cor branco
10 - espelho de água
11 - chaminé de exaustão em alumínio cor vermelho ocre
12 - chaminé da lareira
13 - estrutura metálica
14 - tijolo de vidro
15 - caixilho em madeira pintada de branco
16 - vidro duplo
17 - lancil do passeio
18 - terreno

corte construtivo pelo volume da cozinha em perspetiva



1 - porta em madeira pintada de branco
2 - estrutura em madeira de mogno tratado
3 - betão afagado pigmentado
4 - camada de enchimento
5 - tela de polietileno
6 - laje maciça de betão
7 - brita
8 - enrocamento
9 - caixilho em madeira pintada de branco
10 - vdro duplo
11 - pré fabricado de betão cor branco
12 - terreno
13 - lancil do passeio
14 - pré-fabricado de betão cor branco
15 - parede dupla de betão pigmentado
16 - isolamento
17 - pavimento em madeira de mogno tratado
18 - estrutura em madeira de mogno tratado
19 - painel em madeira de mogno tratado
20 - chaminé da lareira
21 - tijolo de vidro
22 - espelho de água

corte construtivo pelo volume dos quartos em perspetiva



axonometria de conjunto

Nesta axonometria de conjunto entendem-se as relações entre espaços e programas e existe já uma clara ideia de como se habita esta casa.

«(...) a habilidade do arquiteto é a capacidade de decidir sobre soluções que, oferecendo iguais vantagens técnicas, sugerem um projeto consequente, coerentes com os conceitos espaciais de onde partiram.»[12]

[12] Grenci, Carolina Rodriguez, t.l. do original «Similarly, the ability of the architect is the capacity to decide on solutions that, offering equal technical advantages, suggest a consequent design, coherent to the spatial concepts that they have originated from.» Em "Is there such a thing as modern detail?" (p.6-7). Estados Unidos, 2006.

As seguintes considerações compõem uma reflexão crítica sobre as diferentes fases e componentes que integraram o Projeto Final de Arquitetura.

Foi criado um arquivo integrando uma seleção de casas construídas em território nacional, por arquitetos portugueses. Foram distribuídas por cada aluno cerca de 12 casas para que este redesenhasse as suas plantas, cortes e alçados, promovendo um atento estudo da mesma através dos seus desenhos, e para que, em forma de investigação, juntasse matéria relevante sobre a mesma, através de instrumentos como livros, imagens, visitas ao local e quaisquer outros elementos que fornecessem informações relevantes.
Todas as semanas, cada aluno estaria responsável pela partilha da sua investigação em aula, abrindo espaço à discussão em formato de reflexão e especulação entre alunos, professor e por vezes moradores e até os próprios arquitetos.
Verificou-se uma linha matriz que relacionava todas elas havendo uma lógica de pensamento de como habitar uma casa bastante uniforme entre os arquitetos portugueses naquela linha temporal. Não obstante, dado o vasto arquivo e a diversificada panóplia de arquitetos considerados, surgiram casas formal, volumétrica e tipologicamente singulares.
Fruto deste confronto entre maioria e minoria e dada a diversidade de temas da disciplina da arquitetura abordados, cada um de nós foi estimulado e incentivado a aprofundar esses mesmos temas e a tomar uma posição crítica em relação a eles e à própria disciplina da arquitetura.
No final de cada semana do primeiro semestre, novos arquitetos e ateliers recentes foram convidados a participar nas nossas aulas onde nos falaram do seu trabalho e das suas visões críticas sobre o tema da habitação, em especial na atualidade. Partilharam connosco experiências de trabalho. Deram-nos a conhecer alguns dos seus projetos de habitação e o seu percurso na arquitetura, abrindo também espaço para a troca de ideias e questões que procurávamos esclarecer e aprofundar.

Este arquivo foi um ponto de partida para uma segunda fase do PFA onde cada aluno realizou uma curadoria. Cada curadoria interessou-se por responder às inquietações que se tinham formado em cada aluno a propósito do exercício anterior, tendo surgido diversos temas.
A minha curadoria foi em busca do tema da atenção aos detalhes, aos pormenores que dão coerência à casa no seu todo e que permitem uma leitura mais completa da mesma. Especulei sobre as intenções do arquiteto escondidas no desenho do toque de diferentes elementos e materiais; especulei sobre a forma como são desenhados, os alinhamentos procurados e os materiais escolhidos; especulei acerca da poesia desses encontros e como é que eles influenciam um espaço e o caraterizam; e baseando-me nas diversas opiniões e respetivas explicações de arquitetos, formulei e cheguei a uma conclusão pessoal, mas fundada nos resultados conseguidos.

Numa terceira fase, numa componente prática, semanalmente cada aluno chegou a uma proposta de uma casa para um terreno específico. Este exercício semanal de mudança de contexto e proposta ia afunilando as nossas convicções individuais acerca do habitar e ia reunindo uma série de aspetos e ideias que se mantinham ao longo das semanas e que permitiram chegar a uma proposta final como resposta crítica resultante dos exercícios anteriores (criação e estudo do arquivo, e curadoria).
Num ponto intermédio e aproveitando o “sumo” da proposta encontrada por cada aluno, proporcionou-se uma avaliação auto-crítica que serviu como ponto de partida para uma proposta final de uma casa a desenvolver.
Peguei nos temas comuns às diferentes propostas das casas semanais que desenvolvi de maneira a chegar a uma melhor abordagem e obter um melhor resultado.

---

considerações finais

Não havia qualquer dúvida que os temas comuns a todas as minhas propostas anteriores firmavam o foco na massa, no peso da peça, em volumes escavados e na sua identidade como peças individuais com os seus espaços e programas específicos. A espacialidade interior, partindo dum trabalho em planta de composição de figuras geométricas simples, da sua sobreposição e da potencialidade espacial que ofereciam em 2D de forma abstrata. Estas, que trabalhadas em corte criavam grandes pé direitos em contraste com espaços de reduzida dimensão.
Os projetos que tomei como referência marcaram fortemente o meu processo tendo ajudado a esclarecer e a materializar ideias e conceitos.

O tema da habitação, fundamento a todo este PFA, serve a todo o arquiteto, pois nem todo o arquiteto terá oportunidade de desenhar museus, mas todo o arquiteto, certamente desenhará uma casa. O tema da habitação é fundamental, pois carece de novas abordagens tendo em conta os novos desafios da atualidade. O pensar a casa e a sua função; o considerar o porquê e o para quem de um espaço e de uma casa; conhecer o passado, ter em conta o presente e formar uma posição crítica sobre o futuro; tudo isto são pilares basilares na formação de um novo arquiteto.

---

considerações finais

a house is a work of art
kazuo shinohara, 1962

am i a house
erwin wurm, 2005

a modernidade superada: arquitetura, arte e pensamentodo século xx
josep maria montaner, 1997

tratado de ornamentação arquitetónica
louis sullivan, 1917

studies in tectonic culture the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture
kenneth frampton, 1995

the architectural detail
edward r. ford, 2011

the tell-the-tale detail
marco frascari, 1996

the aesthetics of architecture
roger scruton, 1979

is there such a thing as the modern detail?
carolina rodríguez grenci, 2006

dissertação de mestrado: o detalhe enquanto expressão das ideias de projecto
joão eduardo malveiro lobato pereira, 2013

dissertação de mestrado: o detalhe na arquitetura
dinis manuel botelho simão, 2018

---

referências bibliográficas

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 09-20, 23-33, 38-43, 45-67

"architect´s hands", frank lloyd wright
página 36

"where's wally?", martin handford
página 44

imagens manipuladas do arquivo colectivo"os suspeitos do costume"
página 48-52, 55, 57, 58, 60-63

1987, winston guest house, frank gehry
página 83, 115

1988, tenmei house, kazuo shinohara
página 91

2008, multifunctional building of the serralves foundation, sanaa
página 97

2015, free kitchen, sam chermayeff office
página 104

2021, marble kitchen , sam chermayeff office
página 104

1750, cozinha do mosteiro de alcobaça, abade frei pedro de mendonça
página 111

1972, wassenhove house, juliaan lampens
página 112

1975, casa sperimentale, giuseppe perugini
página 113

1978, brion tomb and sanctuary, carlo scarpa
página 114

---

créditos de imagens